CARAMURÚ.

POEMA EPICO

DO

DESCOBRIMENTO

DA

BAHIA,

COMPOSTO

POR

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO,

Da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Geraes.

BAHIA.

REIMP. NA TYPOGRAPHIA DE SERVA E COMP.
Rua do Bispo, *Casa n.*° 29.

1837.

Et quoniam Deus ora movet, sequar ora
moventem.
Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

ADVERTENCIA.

Ainda que o Snr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva nos quizesse dar a conhecer, da maneira mais satisfactoria, a descripção desta Provincia, nas suas *Memorias historicas e Politicas*, obra esta que por ora chega ao terceiro volume, constando que progredirá até o 10º, todavia a bellesa do prezente Poema Epico, e sua raridade, devída á falta de reimpressões desde a primeira edição, nos impelle agora a darmol-a ao Publico illustrado, que preza o merito de uma tal obra. Despertou-me esta tentativa o mesmo Sr. Accioli, e a elle somos devedor da prestação do exemplar que ora reimprimimos, unico que podemos obter dentre os particulares, com quanto exista outro na Bibliotheca publica, que para igual fim tambem não duvidou prestal-o o digno Bibliotecario actual, o Sr. Dr. Joaquim Rodrigues Baptista Villas Boas. Ninguem deixará de sentir a mais doce emoção ao ver naquellas Memorias historicas transcriptas algumas bellissimas estancias de

tal Poema, e a curiosidade publica, incitada por essa leitura, deo-se pressa a possuir a famosa producção do illustrado Mineiro, que entre os deveres de Religioso quiz honrar a Patria com uma obra, onde reluz a sublimidade da metrificação com a veracidade historica: todavia não era possivel satisfazer a tão louvavel dezejo, pelo motivo ja ennunciado, e de dever se tornava não sermos indifferente em semelhante circunstancias á preencher a curiosidade de nossos conterraneos. Pretendia-mos alterar as notas do Poema, fazendo-lhes as addições, que de certo reclama, mas achamos que semelhante lacuna ja está de sobejo suprida pelo illustrado author das referidas Memorias historicas, no 1. e 3. volumes publicadas, esperando-se com impaciencia pelos outros. Se este nosso trabalho tiver o acolhimento que aguardamos, darnos-há isto impulso a continuar em iguaes reimpressões de outras obras, não menos apreciaveis pela sua importancia, e raridade.

REFLEXOENS PREVIAS,

E

ARGUMENTO.

Os successos do Brasil não merecião menos um Poema, que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da Patria. Sei que a minha Profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um Religioso, porque o naõ foraõ de Bispos, e Bispos Santos; e o que mais he, de Santos Padres, como S. Gregorio Nazianzeno, Saõ Paulino, e outros, maiormente, sendo este Poema ordenado a pôr diante dos olhos aos Libertinos o que a natureza inspirou a homens, que viviaõ tão remotos das que elles chamão *preocupações de espiritos debeis*. Opportunamente o insinuamos em algumas Notas: usamos sem escrupulo de nomes tão barbaros: Os Alemães, Inglezes, e similhantes não parecem menos duros aos nossos ouvidos, e os nossos aos seos. Naõ faço mais apologias da Obra, porque espero as reprehensões, para se for possivel, emendar os de-

feitos, que me envergonho menos de commetter, que de desculpar.

A acção do Poema he o descobrimento da Bahia, feito quasi no meio do Seculo XVI., por Diogo Alvares Correia, nobre Vianez, comprehendendo em varios episodios a Historia do Brasil, os Ritos, Tradições, Milicias dos seos Indigenas, como tambem a Natural, e Politica das Colonias.

Diogo Alvares passava ao novo descubrimento da Capitania de S. Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, visinhos á Bahia. Salvaraõ-se com elle seis dos seos companheiros, e foraõ devorados pelos Gentios Antropofagos, e elle esperado por vir enfermo, para melhor nutrido servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a Náo, deixáraõ-no tirar della polvora, bala, armas, e outras especies, de que ignoravaõ o uso. Com uma espingarda matou elle caçando certa ave, de que espantados os Barbaros o acclamárão *Filho do trovão*, e *Caramurú*, isto he, *Dragão do mar*. Combatendo com os Gentios do Sertaõ, vence-os, e fez-se dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offere-

derão-lhe os Principaes do Brasil as suas filhas por mulheres; mas de todas escolheo Paraguaçú, que depois conduzio comsigo á França; occasiaõ, em que outras sinco Brasilianas seguiraõ a Náo Franceza a nado, por acompanhallo, até que uma se affogou; e intimidadas as outras, se retiráraõ.

Salvou um navio de Hespanhoes, que naufragárão, com o que mereceo, que lhe agradecesse o Imperador Carlos V. com uma honrosa carta Passou á França em Náo, que alli abordou daquelle Reino, e foi ouvido com admiração de Henrique II., que o convidava para em seo nome fazer aquella Conquista. Repugnou elle, dando aviso ao Snr. D. Joaõ III. por méio de Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Bispo da Bahia. Commetteo o Monarcha a empresa a Francisco Pereira Coutinho, fazendo-o Donatario daquella Capitania. Mas este não podendo amançar os Tupinambás, que habitavão o Reconcavo, retirou-se á Capitania dos Ilhéos; e pacificado depois com os Tupinambás, tornava á Bahia, quando alli infaustamente pereceo em um naufragio. Em tanto Diogo

Alvares assistio em Pariz ao Baptismo de Paraguaçú sua esposa, nomeada nelle Catharina, por Catharina de Midicis, Rainha Christianissima, que lhe foi Madrinha, e tornou com ella para a Bahia, onde foi reconhecida dos Tupinambás, como herdeira do seo Principal, e Diogo recebido com o antigo respeito. Teve Catharina Alvares uma visaõ famosa, em que a Virgem Santissima manifestando-se-lhe cheia de gloria, lhe disse, que fizesse restituir uma Imagem sua roubada por um Salvagem. Achou-se esta nas mãos de um Barbaro; e Catharina Alvares com exclamações de jubilo se lançou a abraçalla, clamando ser aquella a Imagem mesma, que lhe apparecera: foi collocada com o titulo de Virgem Santissima da Graça em uma Igreja, que he hoje Mosteiro de S. Bento, célebre por esta tradição. Chegou em tanto de Portugal Thomé de Sousa com algumas Náos, familias, e tropas para povoar a Bahia. Sebastião da Rocha Pitta, Author da Historia Brasilica, e natural da mesma Cidade, assevera que Catharina Alvares renunciára ao Senhor D. João III. os direitos, que tinha sobre o

Tupinambás, como herdeira dos seos maiores Principaes: elle mesmo attesta, que aquelle Monarcha mandára aos seos Governadores, que honrassem, e attendessem Diogo Alvares Correa Caramurú pelos referidos serviços, e foi com effeito elle o tronco da Nobilissima Casa da Torre na Bahia; e Catharina Alvares sua mulher foi honrada por aquella Metropole com um seo Retrato sobre a porta da casa da polvora ao lado das Armas Reaes. Lea-se Vasconcellos na Historia do Brasil, Francisco de Brito Freire, e Sebastiaõ da Rocha Pitta.

CARAMURÚ.

POEMA EPICO.

CANTO I.

I.

De um Varaõ em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do Occidente,
Descubrio o Reconcavo affamado
Da Capital Brasilica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito do mar soube á fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço Heróe quem nella he forte.

II.

Santo Esplendor, que do grão Padre manas
Ao seio intacto de uma Virgem bella;
Se da enchente de luzes Soberanas
Tudo dispensas pela Mãi Donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas,
Tudo do grão caso a pura luz revéla;
Faze que em ti comece, e em ti conclua
Esta grande Obra, que por fim foi tua.

III.

E vós, Principe excelso, do Ceo dado
Para base immortal do Luso Throno;
Vós, que do aureo Brasil no Principado
Da Real successaõ sois alto abono:
Em quanto o Imperio tendes descançado
Sobre o seio da paz com doce sonno,
Não queiraes dedignar-vos no meo metro
De pôr os olhos, e admittillo ao scetro.

IV.

Nelle vereis Nações desconhecidas,
Que em meio dos Sertões a Fé naõ doma;
E que poderão ser-vos convertidas
Maior Imperio, q' houve em Grecia, ou Roma:
Gentes vereis, e Terras escondidas,
Onde se um raio da verdade affoma,
Amando-as, tereis na turba immensa
Outro Reino maior que a Europa extensa."

V.

"Devora-se a infeliz misera Gente,
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente;
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexão clemente
Para tantos Mortaes, que a brenha encerra,
E que, livrando desse abysmo fundo,
Vireis a ser Monarcha de outro Mundo.

VI.

Principe do Brasil, futuro dono,
A Mãi da Patria, que administra o mando,
Ponde, excelso Senhor, aos pés do Throno
As desgraças do Povo miserando:
Para tanta esperança he o justo abono,
Vosso titulo, e nome, que invocando,
Chamará, como a outro o Egypcio Povo,
D. José Salvador de um Mundo novo.

VII.

Nem podereis tremer, que ao santo intento
Não se nutraõ Heróes no Luso povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brasil renascido, como em novo.
Vereis do domador do Indico assento
Nas guerras do Brasil alto renovo,
E que os seguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos, e os Correias.

VIII.

Dai por tanto, Senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro o metro
Da Brasilica gente o invicto pulso,
Que augmenta tanto Imperio ao vosso Sceptro:
E em quanto o Povo do Brasil convulso (1)
Em nova lyra canto, em novo pletro;
Fazei, que fidelissimo se veja
O vosso Throno em propagar-se a Igreja.

IX.

Da nova Lusitania o vasto espaço
Hia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brasil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trovaõ medonho:
Quando do abysmo por cortar-lhe o passo
Essa Furia sahio, como supponho,
A quem do Inferno o Paganismo aluno,
Dando o Imperio das aguas, fez Neptuno.

X.

O grão Tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgãos da montanha horrenda, (2)
E na escura caverna, adonde Jove
(Outro espirito) espalha a luz tremenda;
Relampagos mil faz, coriscos chove,
Bate-se o vento em horrida contenda:
Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
E ergue-lhe o mar em frente outra montanha.

XI.

O Filho do trovão, que em baixel hia
Por passadas tormentas ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sorve o lenho pelo pégo undoso;
Bem que constante, a morte naõ temia,
Invoca no perigo o Ceo piedoso;
Ao ver que a furia horrivel da procélla
Rompe a náo, quebra o leme, e arranca a véla.

XII.

Lança-se ao fundo o ignivomo instrumento,
Todo o peso se alija; o passageiro,
Para nadar no tumido Elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro:
Quem se arroja no mar tremendo o vento;
Qual se fia a um batel; quem a um madeiro,
Até que sôbre a penha, que a embaraça,
A quilha bate, e a náo se despedaça.

XIII.

Sete somente do batel perdido
Vem á praia cruel, luctando a nado;
Offerece-lhe um soccorro fementido
Barbara multidão, que acode ao brado:
E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
Tristes! que ver algum, qual fim o espera
Com quanta sede a morte não bebêra!

XIV.

Ja estava em terra o infausto naufragante,
Rodeado da turba Americana;
Vem-se com pasmo ao pôrem-se diante,
E uns aos outros naõ crem da especie humana:
Os cabellos, a côr, barba, e semblante
Faziaõ crer aquella Gente insana,
Que alguma especie de animal seria
Desses, que no seo seio o mar trasia.

XV.

Algum chegando aos miseros, que a arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto;
Ora o tenta despir, e ora recea
Não seja astucia, com que o assalte occulto.
Outros do Jacaré tomando a idéa (3)
Temem que acorde com violento insulto;
Ou que o somno fingido os arrebate,
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI.

Mas vendo a Sancho, um naufrago q' espira,
Rota a cabeça n'uma penha aguda,
Que hia tremulo a erguer-se, e que cahira,
Que com voz lastimosa implóra ajuda;
E vendo os olhos, que elle em branco vira;
Cadaverica a face, a boca muda;
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo he morte.

XVII.

Correm depois de crello ao pasto horrendo;
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada um famelico trasendo
Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços;
Outros da crua carne hiaõ comendo;
Tanto na infame gula eraõ devassos:
Taes ha, que as assaõ nos ardentes fossos,
Alguns torrando estão na chama os ossos.

XVIII.

Que horror da Humanidade! ver tragada
Da propria especie a carne ja corrupta!
Quanto naõ deve a Europa abençoada
Á Fé do Redemptor, que humilde escuta?
Naõ era aquella infamia praticada
Só dessa gente miseranda, e bruta;
Roma, e Cathargo o sabe no nocturno
Horrivel sacrificio de Saturno. (4)

XIX.

Os sete em tanto, que do mar com vida
Chegáraõ a tocar na infame arêa,
Pasmaõ de ver na turba recrescida
A brutal catadura, horrida, e fêa:
A côr vermelha em si, mostraõ tingida
De outra côr differente, que os affêa:
Pedras, e páos de embiras enfiados, (5)
Que na face, e nariz trazem furados.

XX.

Na boca em carne humana ensanguentada
Anda o beiço inferior todo cahido;
Porque a tem toda em roda esburacada,
E o labio de vís pedras embutido:
Os dentes (que he bellesa que lhe agrada)
Um sobre outro desponta recrescido:
Nem se lhe vê nascer na barba o pello,
Chata a cara, e nariz, rijo o cabello.

XXI.

Vê-se no sexo recatado o pejo,
Sem mais que a antiga gala que Eva usava,
Quando por pena de um voraz dezejo
Da fêa a desnudez se envergonhava:
Vão sem pudor com barbaro despejo
Os homens, como Adaõ sem culpa andava;
Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas;
Porque no Sacrificio usaõ de penas.

XXII.

Qual das bellas Araras traz vistosas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas:
Outros põem, como tunicas lustrosas,
Um verniz de blasfemicas escumas:
Nem temem nelle as chuvas procellosas,
Nem o frio rigor de asperas brumas;
Nem se receão do mordaz bisouro,
Qual Anta, ou qual Tatú dentro em seo couro.
(6)

XXIII.

Por armas, fréchas, arcos, pedras, béstas;
A espada do pão ferro, e por escudo
As redes de algodaõ nada molestas,
Onde a ponta se embace ao dardo agudo:
Por capacete nas guerreiras testas
Cintos de pennas com galhardo estudo;
Mas o vulgo no bélico ameaço
Não tē mais q'unha ou dēte, ou punho ou braço.

XXIV.

Desta arte armada a multidão confusa
Investe o naufragante enfraquecido,
Que ao ver-se despojar, nada recusa;
Porque se enxugue o madido vestido:
Tanto mais pelo mimo, que se lhe uza,
Quando a barbara gente o vê rendido:
Trouxerão-lhe a batata, o coco, o inhame; (7)
Mas o que crem piedade he gula infame.

XXV.

Cevavão desta fórma os desditosos
Das fadigas maritimas desfeitos;
Por pingues ter os pastos horrorosos,
Sendo nas carnes miseras refeitos:
Feras!! mas feras não; que mais monstruosos
São da nossa alma os barbaros effeitos;
E em corrupta razão mais furor cabe,
Que tanto um bruto imaginar não sabe.

XXVI.

Não mui longe do mar na penha dura
A boca está de um antro mal aberta,
Que horrivel dentro pela sombra escura,
Toda he fóra de ramas encuberta:
Alli com guarda á vista se clausura
A infeliz companhia, estando alerta,
E por cevallos mais, dão-lhe o recreio
De ir pela praia em placido passeio.

XXVII.

Diogo então, que á gente miseranda,
Por ser de nobre sangue precedia,
Vendo que nada entende a turba infanda,
Nem do ferreo musquete usar sabia;
Da rota náo, que se descobre a banda,
Polvóra, e bala em copia recolhia;
E como enfermo, que no passo tarda,
Servio-se por bastão de uma espingarda.

XXVIII.

Forte sim, mas de tempera delicada,
Aguda febre traz desde a tormenta;
Pállido o rosto, e a côr toda mudada;
A carne sobre os ossos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
Porque a gente cruel guardallo intenta,
Até que sendo a sí restituido,
Como os mais vão comer, seja comido.

XXIX.

Barbaria foi (se crê) da antiga idade
A propria prole devorar nascida;
Desde que essa cruel voracidade
Fora ao velho Saturno attribuida:
Fingimento por fim, mas he em verdade
Invenção do diabolico homicida,
Que uns cá se matão, e outros lá se comem:
Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX.

Mas ja trez vezes tinha a Lua enchido
Do vasto globo o luminoso aspecto,
Quando o Chefe dos barbaros temido
Fulmina contra os seis o atroz decreto:
Ordena que no altar seja off'recido
O brutal sacrificio em sangue infecto, (8)
Sendo a cabeça ás victimas quebrada,
E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI.

Em tanto que se ordena a brutal festa,
Nada sabiaõ na marinha gruta
Os habitantes da prisaõ funesta;
Que ardilosa lho esconde a gente bruta:
E em quanto a feral pompa ja se apresta,
Toda a pena em favor se lhe commuta;
Nem parecem ter dado a menor ordem,
Senaõ que comão, e comendo engordem.

XXXII.

Mimosas carnes mandaõ, doces frutas
O araçás, o cajú, coco, e mangaba;
Do bom maracujá lhe enchem as grutas
Sobre rimas, e rimas de Guaiaba:
Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
E a immunda catimpoeira, que da baba (9)
Fazer costuma a barbara patrulha,
Que só de ouvillo o estomago se embrulha.

XXXIII.

Um dia pois que á sombra dezejada
Se repousaõ, passando a calma ardente,
Por dar allivio á dor reconcentrada,
De ver-se escravos de tão fera gente;
Fernando, um delles, diz, q' aos mais agrada
Por cantigas, que entoa docemente,
Que em cithara, que o mar na terra lança,
Se divirtão da funebre lembrança.

XXXIV.

« Mancebo era Fernando mui polido,
Douto em letras, e em prendas celebrado,
Que nas Ilhas do Atlantico nascido,
Tinha muito co'as Musas conversado:
« Tinha elle os rumos do Brasil seguido,
Por ver o monumento celebrado
De uma Estatua famosa, que n'um pico (10)
Aponta do Brasil ao Paiz rico.

XXXV.

Pedíra-lhe Luiz, que isto escutára,
Da profetica Estatua o conto inteiro,
Se foi verdade, se invençaõ foi clara
De gente rude, ou povo noveleiro:
« Fernando entaõ, que em metro ja cantára
O successo, que attesta verdadeiro,
Toma nas mãos a cithara suave,
E entoando, começa em canto grave.

XXXVI.

Occulto o tempo foi, incerta a éra,
Em que o graõ caso contão succedido;
Mas em parte he sem duvida sincera
A bella Historia, que a escutar convido;
Feliz foi o ditoso, e feliz era,
Quem tanto foi do Ceo favorecido,
Pois em meio ao corrupto Gentilismo
Merecer soube a Deos o seo Baptismo.

XXXVII.

Incerto pelas brenhas caminhava
Um Varaõ santo, que perdêra a via,
Quando pelos cabellos o elevava
O Anjo, adonde o Sol ja se escondia;
E um salvagẽ lhe mostra, q' se achava,(11)
Quasi luctando em ultima agonia:
Ouve (lhe diz) o justo agonizante,
E uma estrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII.

Auréo (q. assim se chama o Sacro Enviado)
Encostando-se ao Velho titubante,
Por ignorar-lhe o idioma não fallado,
No seo diz, de que o enfermo era ignorante;
E ouve-se responder (caso admirado!)
N'uma lingua de todo estravagante,
Que sendo em tudo extraordinaria, e bruta,
Faz-se entender, e entende-o no que escuta.

XXXIX.

Do grande Creador por mensageiro
A benção (diz) te offereço, homem ditoso;
Neste Mundo ignorado em o primeiro,
Quer que o seo Nome escutes glorioso:
Do Eterno Pai, de um Filho verdadeiro,
Do Espirito tambem, laço amoroso,
Quer que o Mysterio saibas da Verdade:
São tres Pessoas n'uma só Unidade.

XL.

Um só Senhor, que todo o sér governa,
Que só com dizer *seja* o faz de nada;
Que á Naturesa desde a idade eterna,
Certa época fixou de ser sercada:
Que abrindo liberal a mão paterna,
Toda a cousa abençóa, que he animada:
Que sua imagem nos fez; e sem segundo,
Quer q' o homem reine sobre o vasto Mundo.

XLI.

Que havendo em mil delicias collocado
Nossos primeiros Pais n'um Paraiso,
Por homenagem desse Imperio dado;
Privou de um pomo em severo aviso:
Que vendo o seo respeito profanado,
E igual satisfação sendo preciso,
No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
E deo o Filho por salvar o escravo.

XLII.

Este do seio pois de Virgem pura,
Invocada no nome de Maria,
Redemptor, Mestre, e Luz da Creatura,
Nasceo, prégou, morreo na Cruz impía:
  Rompeo do abysmo a immovel fechadura;
Depois resurge no terceiro dia;
E ao Ceo subindo em fim, donde commanda,
Aos fins da Terra os mensageiros manda.

XLIII.

Um destes venho a ti: lavar-te intento
Se queres aceitar meo Catecismo;
E servindo de porta o Sacramento,
Incorporar-te ao santo Christianismo.
  Purga o teo coraçaõ, teo pensamento,
Por chegar puro ás aguas do Baptismo,
Onde se entras com dor do mal primeiro,
De Jesus Christo morrerás coherdeiro.

XLIV.

Aos primeiros accentos, que escutára,
Guaçú (q' este he seo nome) a frente empena;
Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
Senaõ que co'a cabeça a tudo acena:
  Dos olhos mal se serve, que cegára,
Bem que a vista pareça ter serena;
As mãos de quando em quando estende, e toca,
E pende attento da Sagrada boca.

XLV.

Bom Ministro (responde) do Piedoso
Excelso grão Tupá, que o Ceo modera, (12)
Naõ me vens novo, naõ: que tive o goso
De ouvir-te em sonho ja; quem ver pudera!
Se a imagem tens, que o sono fabuloso
Ha muito, que de ti na mente gera!
Serás, disse, (na barba o vai tocando)
Homem com barbas, branco, e venerando.

XLVI.

Louvores a Tupá, que em fim chegaste;
Que o caminho me ensinas, donde elejo
Buscar logo o Grão Deos, q' m'annunciaste,
Que desde a infancia com ardor desejo:
Nunca soube, assim he, quanto contaste;
Mas naõ sei, como o que ouço, e quasi vejo
Sentia, como em sombra mal formada;
Naõ que o cresce ainda assim, mas por toada.

XLVII.

Vendo desse Universo a mole immensa,
Sem ser de ainda maior entendimento
Fabricada a naõ cri: que elle o dispensa,
Tem, rege, e guarda, infere o pensamento:
Que repugna á creatura estar suspensa,
Sem ultimo fim ter notava attento:
E este Ente, que me fez um Deos segundo,
He o grão Tupá, fabricador do Mundo.

XLVIII.

Vi as chagas da propria Naturesa,
A ignorancia, a malicia, a variedade,
E bem reconheci, que esta torpesa
Nascer naõ pode da eternal bondade.
Onde, sem o saber, cri, que era accesa
Neste incendio commum da humanidade
Antiga chamma, donde o mal nos veio;
Crer que taes nos fez Deos.. eu tal não creio.

XLIX.

Tambem vi q' o Graõ Deos, q' o Mũdo cria,
Deixar nunca quizera em tanto estrago
A humana Naturesa; e que a mão pia
De taes miserias ao profundo lago
Havia de estender; como o faria?
Suspenso fiquei sempre incerto, e vago;
Mas nunca duvidei que alguem se visse,
Que de tantas miserias nos remisse.

L.

E como era a maior, que exprimentava,
O ver que livremente o mal seguia;
Que a Suprema Bondade se aggravava,
Donde um homem de bem se aggravaria:
Vendo que a affronta, q' esta acçaõ causava,
Só se houvera outro Deos, se pagaria;
E impossivel mais de um reconhecendo...
Daqui naõ passo, e cégo me suspendo. (13)

LI.

Agora sim, que entendo a grã verdade;
Que um só Deos se fez homem sem defeito;
E sendo tres Pessoas na Unidade,
Do Filho ao Pai podia haver respeito:
A Pessoa segunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura;
Redemptor pio da mortal creatura.

LII.

Este creio, este adoro, este confesso;
E esta santa mensagem venerando,
Pór meo Deos, e Senhor firme o conheço,
A quem da Terra, e Ceo pertence o mando:
Deste o Baptismo santo hoje te peço,
Onde na porta Celestial entrando,
Suba o espirito á gloria que deseja,
E com estes meos olhos ainda o veja.

LIII.

Disse o ditoso Velho; e acompanhando
Com devoto suspiro a voz que exprime;
Bem mostra que no peito o. está tocando
A occulta unçaõ do Espirito sublime:
As mãos ao Ceo levanta lagrimando;
E tanto ardor na face se lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rogo
Um diluvio de agoa, e outro de fogo.

LIV.

Entaõ o bom Ministro : He justo , amigo,
Que chores (lhe dizia) o teo peccado ;
Por naõ amar a Deos ; ser-lhe inimigo,
Se o blasfemaste ; de o naõ ter honrado ;
De naõ servir teos Pais; de um odio antigo;
E se naõ foste honesto , ou tens roubado ;
Se em mulher , bens , ou fama em caso feio
Fizeste damno , ou cobiçaste o alheio.

LV.

Esta a Lei santa he , que em nós impressa
Ninguem offende , que mereça escusa ;
Onde no que faltaste a Deos confessa ,
Que tanto deve quem pecando abusa :
Quer-se a satisfaçaõ com a promessa
De melhor vida , no que a Lei te accusa :
Pois quem quer q.' pecou , q' assim naõ faça,
Recebe o Sacramento , mas não graça.

LVI.

Eu , disse o Americano , antes de tudo
Amei do coração quem ser me dera :
Seo nome ignoro , mas honrallo estudo ;
E com fé o adorei sempre sincera :
Em certos dias recolhido , e mudo
Cuidava em venerar quem tudo impera ,
Matar naõ quiz , nem morto algum comia,
Pois que a mim mo fizessem naõ queria.

LVII.

Mulher tive, mas uma, persuadido
Que com uma se póde; acção impura
Metteo-me sempre horror; tendo entendido,
Que só no Matrimonio era segura:
Qualquer outro prazer fora prohibido,
Porque se em tanto abuso se conjura;
Quem seguindo esse instincto do Demonio,
Se pudera lembrar do Matrimonio?

LVIII.

Nunca roubei, temendo ser roubado:
Por conservar a fama, honrei a alheia:
Naõ me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem disse mal, que he cousa fêa;
E quem houvesse de outros murmurado,
Que outro tanto lhe façaõ certo crêa;
Naõ tive inveja do que alguem consiga,
Por ver que quem a tem, seo mal castiga.

LIX.

Em fim, corri meos annos desde a infancia
Sem offender (que eu saiba) esta Lei justa,
Sem ter a cousa boa repugnancia,
Tudo mereê da mão de Deos augusta.
Nos meos males sómente a tolerancia
Mos fazia passar a menor custa:
Esta a minha ancia foi, este o meo zelo,
Saber quem era Deos; tratallo, e vêl-o.

LX.

Dizendo o Velho assim, tanto se accende;
Como se n'alma se lhe ateára um fogo:
Reclina a humilde fronte, e a voz suspende;
E cahindo em deliquio neste affogo,
Corre o Ministro, que ao successo attende,
E buscando agoa, que o baptize logo;
Apenas Feliz diz, eu te baptiso,
Partio feliz d'um vôo ao Paraiso.

LXI.

Cuidava em sepultallo Auréo saudoso;
Porem de espessa nevoa, que o ar condensa,
Ouve um coro entoando harmonioso
Louvor eterno á Magestade immensa:
E na athmosfera alli do ar nebuloso,
Luz arraiando, que a allumia intensa;
Vio Feliz, que na gloria, que o vestia,
A Graça Baptismal lhe agradecia.

LXII.

Que te conceda Deos Ministro justo,
(Diz-lhe a Alma venturosa) o premio eterno;
Pois vens do antigo Mundo a tanto custo
A libertar-me do poder do Inferno.
Dos Ceos em tanto o Dominante augusto,
Que tornes manda ao ninho teo Paterno;
E sobre a nevoa em nuvem levantada
Vás navegando pela aeria estrada.

LXIII.

E quer na nuvem propria, que te indico ;
Que esse cadaver meo vá transportando,
E na Ilha do Corvo, de alto pico
O vejão n'uma ponta collocado ;
Onde acene ao paiz do metal rico,
Que o ambicioso Europeo vendo indicado,
Dará lugar, que ouvida nelle seja
A doutrina do Ceo, e a voz da Igreja.

LXIV.

Disse ; e cessando a voz, e a visaõ bella,
Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
Transformar-se a bella Alma em clara estrella,
E vio que a nuvem sobre o mar voava :
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do graõ pico ja chegava ;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como uma Estatua o corpo em sima.

LXV.

Alli batido do nevado vento,
Dé Sol, de gelo, e chuva penetrado,
Effeito natural ; e naõ portento
He vêllo, qual se vê, petrificado.
Um arco tem por bellico instrumento, (14)
De pluma um cinto sobre a frente ornado :
Outro onde era decente : em côr vermelho,
Sem pello a barba tem ; no aspecto he velho.

LXVI.

Voltando estava ás partes do Occidente,
Donde o aureo Brasil mostrava o dedo,
Como ensinando a Lusitana Gente,
Que alli devia navegar bem cedo:
Destino foi do Ceo Omnipotente,
A fim que sem receio, ou torpe medo
Á piedosa empresa o povo corra;
E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII.

Cálou então Fernando, mas naõ cala
Na cithara dourada outra harmonia,
Onde parece a mão, que tambem falla,
E que quanto a voz disse, repetia:
Sahíra em tanto um barbaro a escutalla,
Que encantando da doce melodia,
Toma nas mãos o Musico Instrumento,
Toca-o sem arte, e salta de contento.

LXVIII.

Naõ pode ver dos nossos o congresso
Tanta rudesa sem tentar-se a riso;
Que por mais q' um pezar se tenha impresso,
Naõ dá lugar a prevençaõ ao siso:
E sendo inopinado algum successo,
Onde he nos homens quasi o rir preciso,
Tal pessoa ha que chora apaixonada,
E passa do gemido a uma risada.

LXIX.

Diogo então que dentro em si medía
Da cruel Gente a condição damnosa,
Naõ soçega de noite, nem de dia,
Antevendo a desgraça lastimosa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acçaõ do selvagem graciosa,
Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito este gemido.

LXX.

Oh triste condiçaõ da humana vida!
Que tanto em breve do seo mal se esquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dor mais crece:
Vemos desd'a agoa ás praias despedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal Gentio na mesm'hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI.

Quem sabe, se o cuidado, que destina
Pôr-nos assim mimosos de sustento,
Não he por ter de nós grata chacina
Nesse horrivel barbarico alimento?
Tanta attenção que tem, mal se combina,
Sem mostrar-se o maligno pensamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como he crivel que aos vivos mate a fome?

LXXII.

Tempo fora, affligidos companheiros,
De levantar dos Ceos ao Rei Supremo
Humilde vozes, votos verdadeiros,
Como quem lucta no perigo extremo:
Mas vós, que agora rides prasenteiros,
Oh quanto, amigos meos, oh quanto temo,
Que essa gente cruel só nos namore,
Por cevar mais a presa, que devore!

LXXIII.

Voltemos antes com fervor piedoso
Os tristes olhos ao ethereo espaço;
Esperando de Deos um fim ditoso,
Onde a morte se a vista a cada passo.
Contricto o peito, o coraçaõ chorðso,
Implore a protecçaõ do excelso braço;
Que o coraçaõ me diz, que por desdita
O cruel sacrificio se medita.

LXXIV.

Em quanto assim dizia o Heróe prudente,
Commovido qualquer do temor justo,
Levanta humilde as mãos ao Ceo clemente,
Vendo o futuro com presago susto:
Ja cuida a cruel morte ver presente;
Ja vê sobre a cabeça o golpe injusto:
Batem no peito, e levantando as palmas,
Fazem victima a Deos das proprias almas.

LXXV.

Ja numerosa turba ás praias vinha,
E os seis levão ao carro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectaculo execrando:
E' mal a gente bruta se continha,
Que em quanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exsangue,
Não vai vivo servendo o infeliz sangue.

LXXVI.

Qual se da Libya pelo campo estende
O Mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devoral-o emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto:
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a presa, e em chusma voa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa.

LXXVII.

Tal do Caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda,
O eleito matador; como quem préga
A brados, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII.

Á roda á roda a multidaõ fremente
Com gritos corresponde á infame idéa;
Em quanto o fero em gésto de valente
Bate o pé, fere o ar, e um páo menea:
Ergue-se um, um e outro, onde o paciente
Entre prisões d'embira se encadea;
Fogo se accende nos profundos fossos,
Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX.

Dentro de uma estacada extensa, e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,
Entaõ os Principaes de cada casta
Com bellas plumas, onde a côr discorda:
Outros, que a grenha tem com feral pasta
Do sangue humano, que ao matar trasborda,
Os Nigromantes saõ; que em vaõ conjuro
Chamaõ as Sombras desde o Averno escuro.

LXXX.

Companheiras do officio taõ nefando
Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo
Seis torpissimas velhas, aparando
O sangue sem um leve menoscabo:
Taõ feas saõ, que a face está pintando
A imagem propissima do Diabo;
Tinto o corpo em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa o faz ser bello.

LXXXI.

Tem no collo as crueis Sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhe são divisas,
De mais, ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao Ceo se crem, de que indivisas
Se inculcão por Tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando,
Nos seos cocos com facas vem tocando.

LXXXII.

Quem pode reputar, que dor traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão he que os agita a fome impía,
E disser lá comsigo: *Em poucas horas*
Sou pasto destas féras tragadoras.

LXXXIII.

Mas põe-lhe a vista o Padre Omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido;
E envía um Anjo desde o Ceo clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido;
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido;
Que quem recorre ao Ceo o mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV.

Seis então dos infames Nigromantes
Lançárão mão das victimas pacientes,
E a seis lenhos fataes, que erguêrão dantes,
Atão crueis as mãos dos innocentes:
Póstos no Céo os olhos lagrimantes
Com lembrar-se das penas vehementes,
Que soffreo Deos na Cruz, nelle fiados
Pediaõ-lhe o perdão dos seos peccados.

LXXXV.

Fernando alli, que em discripçaõ precede,
Com voz sonora a companhia anima:
Cheio de viva fé soccorro pede;
E quanto a dor permitte, que se exprima:
Grão Senhor (diz) de quem tudo procede
A gloria, a pena, a confusaõ, e a estima;
Que justo dàs as graças, e os castigos,
Na dor allivio, amparo nos perigos.

LXXXVI.

Vida naõ peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caso desgraçado:
O que me doe, que sinto, o que só gemo
He, piedoso Deos, o meo peccado:
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
For da tua bondade perdoado;
Pelo Calis amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII.

Mas, grande Deos, que vez nossa fraquesa
No duro transe desta cruel hora,
Nao soffras que essas féras com cruesa
Hajaõ de devorar a quem te adora:
Porque estremece a fragil naturesa,
Vendo a gula brutal, que emprende agora
Sacrificio fazer ao torpe abysmo
Destas carnes tingidas no Baptismo.

LXXXVIII.

Ouvio o Ceo piedoso a infeliz gente;
E quando o fero a maça ja levanta,
Que esmague a fronte ao misero paciente,
Trovaõ se ouve fatal, que tudo espanta:
Treme a montanha, e cahe a roca ingente,
E na ruina as arvores quebranta;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor Marcial, que então se ouvia.

LXXXIX.

Pedras, fréchas, e dardos de arremesso
Cubrião todo o ar; porque o inimigo,
Que atrás se poz de um proximo cabeço,
Aguarda expressamente aquelle artigo:
De um lado, e outro desde um mato espesso
Ameaça o furor, cérca o perigo;
E a gente crua transformada a sorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

XC.

Era Sergipe o Principe valente
Na esquadra valorosa, que atacava;
Varão entre os seos, bem manso, e prudente,
Que com justiça os póvos commandava:
Armava o forte Chefe de presente
Contra Gupeva, que cruel reinava,
Sobre as aldêas, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

XCI.

Por toda a parte o Bahiense he preso;
He trucidado o bruto Nigromante,
Muitos lançados, são no fogo acceso,
Rendem-se os mais ao Vencedor possante:
Ficára em vida, todavia illeso
O misero Europeo, que alli em fragante
Faz desatar o bom Sergipe, e manda
A escravidão no seo Paiz mais branda.

XCII.

Mas a gente infeliz no Sertão vasto
Por matos, e montanhas dividida,
He fama, que uns de tigres forão pasto;
Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve noticia, ou leve rasto
Como houvessem perdido a amada vida;
Mas ha boa suspeita, e firme indicio,
Que evadirão o infame sacrificio.

(1) *Povo convulso.* Epitheto, que dá Isaias aos Americanos, como conjecturão os melhores Interpretes.

(2) *Serra dos orgãos.* Ramo da célèbre Cordilheira, que discorre pelo Brasil, sahindo das suas cavernas nevoas tempestuosas.

(3) *Jacaré.* Uma especie de Cocodrilo Brasilico.

(4) *Saturno.* Os antigos Italianos forão, como se collige de Homero, Antropofagos; taes erão os Lestrigões, e os Liparitanos. Os Fenicios, e os Carthaginezes usárão de Victimas humanas, e Roma propria nos seos maiores apertos. São especies vulgares na Historia.

(5) *Embiras.* Especie de cordão feito da casca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú.* Especie de animal cuberto de uma concha durissima, e impenetravel. Os Salvagens tingem-se com varias resinas, senão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos Insectos; ainda que alguns se tinjão com hervas inuteis para esse uso.

(7) *Batata*, *Caco*, *Inhame.* Frutos bem conhecidos ainda na nossa Europa.

(8) *Sacrificio.* He certo que os Brasilienses não tinhão fórma alguma expressa de Sacrificio; mas a solemne função, e ritos, com que matavão os seos prisioneiros, parece con

razaõ ao Padre Simaõ de Vasconcellos na sua Historia do Brasil, que eraõ um vestigio dos antigos Sacrificios usados dos Fenicios, de que assim fallámos em outra Nota.)

(9) *Vinho.* Vem da America debaixo deste nome varios extractos de cajú, coco, e de outros frutos conhecidos, que podem competir com os nossos vinhos.

Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens, que mastigando o milho, fazem da saliva, e do succo mesmo do graõ uma potágem abôminavel.

(10) *Estatua.* He estimada por prodigiosa a Estatua, que se vê ainda na Ilha do Corvo, uma das Açores, achada no descubrimento daquella Ilha sobre um pico, apontando para America. Foi achada sem vestigios, de que já mais alli habitasse pessoa humana. Devo a um Grande do nosso Reino, Fidalgo eruditissimo, a especie de que se conserva uma Historia desta Estatua manuscripta, obra do nosso immortal João de Barros.

(11) *Salvagem.* Naõ suppomos unico o Salvagem, que o Padre Anxieta achou em o Estado, que aqui se descreve. Muitos Theologos se persuadem, que Deos por meios extraordinarios instruira a quem vivesse na observancia da Lei Natural.

(12) *Tupá.* Os Salvagens do Brasil tem expressa noçaõ de Deos na palavra *Tupá*, que vale entre elles *excellencia superior*, *cousa grande que nos domina.*

(13) *Suspendo.* Até aqui são os limites do Lume natural, e com elle sómente o alcança a Filosofia; porém o remedio da Natureza humana, ferida pela culpa, não póde constar-nos senaõ pela Revelação.

(14) *Um arco.* As menorias desta Estatua concordaõ em ser o seo traje desconhecido: toma daqui occasião o Poeta para o representar arbitrariamente.

CANTO II.

I.

Era a hora, em que o Sol na grã carreira
Do torrido Zenith vibra igualmente,
E que a sombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando ao partir a turba carniceira,
Se vio Diogo só na praia ingente,
Entre mil pensamentos, mil terrores,
Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II.

Parecia-lhe ver da gente insana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos seos na acçaõ tyranna;
E temendo a dos mais, presume a sua:
Quizera oppôr-se a empresa deshumana;
Pensa em arbitros mil, com que o conclua:
Se fugirá? mas donde? se os invada?
Porem enfermo, e só naõ vale a nada.

III.

Oh! mil vezes (dizia) affortunados,
Os que entregues á furia do elemento
Acabárão seos dias soccegados,
Nem virão tanta dor, como experimento!
Que estavão finalmente a mim guardados
Este espanto, este horror, este tormento!
Que escapei (Santos Ceos!) desse mar vasto
Para a féras servir de horrivel pasto!

IV.

E hei de agora (infeliz!) ver fraco, e inerme,
Que dos meos vá fazer um pasto horrendo
Essa patrulha vil! que agora enferme!
Que me veja sem força em febre ardendo!
Ah! se pudera em meo vigor ja ver-me!
Que ardor sinto em meo peito de ir rompendo,
E a turba vil fazendo em mil pedaços,
Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços.

V.

Não póde (he certo) a debil natureza;
Porem que esperas mais, misero Diogo?
Que póde resultar da forte empresa?
Será mal morrer já, se ha de ser logo?
Faltão-me as forças sim; sinto a fraqueza:
Mas o espirito o suppre, e neste affogo
Tira fôrças occultas da nossa alma,
Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

VI.

E como quer em fim que o mande a sorte;
Morra-se, que talvez se naõ desuna
O successo feliz, de uma acçaõ forte;
Que acaso um temerario achou fortuna;
E quando irado o Ceo me envie a morte,
E que a Maõ do Senhor meos erros puna,
Recebo o golpe, que me for mandado;
Morrerei, assim he, porém vingado.

VII.

Nem deixo de esperar que a gente bruta,
Vendo o estrago da espada, e do mosquete,
Não se encha de pavor na estranha luta;
E força maior creia que a accommette:
Se tomo as armas, que salvei na gruta,
Escudo, cota, malha, e capacete,
Posso esperar que um só me naõ resista;
E antes que o ferro, mos sometta a vista.

VIII.

Disse; e entrando na solita caverna,
Cobre de ferro a valerosa fronte;
Um peito d'aço da firmesa eterna,
E o escudo, onde a frécha se desponte.
Dispõe de modo, e em forma tal governa,
Que nada teme ja, que em campo o affronte:
Nas mãos de ferre tinha uma alabarda,
A espada á cinta, aos hombros a espingarda.

IX.

Sahia assim da gruta, quando o monte
Cuberto vê de barbara caterva;
E nó que infere da turbada fronte,
Sinaes de fuga, e de derrota observa;
A algum obriga o medo, a que transmonte;
Outros se escondem pelo mato, ou herva;
Muitos fugindo vem com medo a morte,
Crendo achar na caverna um lugar forte.

X.

Mas o prudente Diogo, que entendia
Naõ pouca parte do Idioma escuro,
Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
Elege um posto a combater seguro:
Attento a toda a voz, que ouvir podia,
Por escutar dos seos o caso duro,
Entre esperanças, e receio intenso
Sem susto estava sim, porem suspenso.

XI.

Gupeva entaõ, que aos mais se adiantava,
Vendo das armas o medonho vulto,
Incerto do que-vê, suspenso estava,
Nem mais se lembra do inimigo insulto;
Algum dos Anhangás imaginava, (1)
Que dentro ao grão fantasma vinha occulto,
E á vista do espectaculo estupendo
Cahio por terra o misero tremendo.

XII.

Cahio com elle junta a brutal gente,
Nem sabe o que imagine da figura,
Vendo-a brandir com a labarda ingente,
E olhando ao morriaõ, que o transfigura;
Ouve-se um rouco tom de voz frcmente,
Com que espantallos mais o Heróe procura;
E porque temião de maior ruina,
Faz-lhes a vóz mais horrenda uma bosina.

XIII.

Em tanto a gente barbara prostrada,
Taõ fóra de si está por cobardia,
Que sem sentido estúpida, assombrada,
Só mostra viva estar, porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada,
Se assopra a viraçaõ do meio dia,
De uma parte á outra parte se maneão;
Assim de medo os vis no chão perneaõ.

XIV.

Mas Diogo naquelles intervallos,
Suspendeo o furor do duro Marte,
Esperança concebe de amansallos,
Uma vez com terror, outra com arte:
A viseira levanta, e vai buscallos,
Mostrando-se risonho em toda a parte:
Levantaivos (lhe diz) e assim dizendo,
Hia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV.

Gupeva, que no traje mais distincto
Parecia na turba do seo Povo.
O Principal no mando, meio extinco,
Pelo horror de espectaculo taõ novo;
Tremendo em pé ficou, sem voz, e instincto,
E cahirá sem duvida de novo,
Se nos braços Diogo o naõ tomára,
E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI.

Não temas (disse affavel) cobra alento;
E supprindo-lhe acenos o idioma,
Dá-lhe a entender, que todo esse armamento
Protege amigos, se inimigos doma:
Que os naõ offende o bellico instrumento,
Quando de humana carne algum não coma;
Que se a comerdes, tudo em cinsa ponho...
E isto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII.

Toma nas mãos (lhe diz) verás que nada
Te haõ de fazer de mal; e assim fallando,
Põe-lhe na mão a partasana, e espada,
E vai-lhe á fronte o morriaõ lançando.
Diminue-se o horror na alma assombrada,
E vai-se pouco a pouco recobrando,
Até que a si tornando reconhece
Donde está, com quê falla, e o q' lhe offrece.

XVIII.

Se d'alem das montanhas cá t'envia (2)
O Grão Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro Sol, que o Mundo alegra;
Se vens d'onde o Sol dorme, e se a Bahia
De alguma nova Lei trazes a regra;
Acharás, se gostares, na cabana,
Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX.

A carne humana! (replicou Diogo,
E como pode, explica em voz, e aceno)
Se vir que come alguem, botarei fogo;
Farei que inunde em sangue esse terreno.
Pois se os bichos nos devem comer logo,
(O Barbaro lhe oppõe com desempeno)
A nós faz-nos horror, se elles nos comem;
E he menos triste que nos trague um homem.

XX.

O corpo humano (disse o Heróe prudēte) (3)
Como o brutal não he: desde que nasce,
He morada do Espirito eminente;
Em quem do Grão Tupá se imita a face.
Sepulta-se na terra, qual semente,
Que se não apodrece, não renasce;
Tempo virá, que aos corpos reunida,
Torne a nossa alma a respirar com vida.

XXI.

O Lume da razaõ condemna a empresa,
Pois se o infando appetite o gosto adula;
Para extinguir a humana Naturesa,
Sem mais contrarios, bastaria a gula:
Quer se a malicia em vós, ou se a rudeza,
O instincto universal de todo annula;
He com tudo entre os mais cousa temida,
Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII.

Disse Diogo, e conduzia á gruta
O Principal da barbara caterva,
Que alli seguido pela gente bruta;
O lugar conhecido attento observa:
Gupeva a tudo attende, e tudo escuta;
Mas sempre o horror, que recebeo, conserva;
E olhando ás armas, sem q. a mais se arroje,
Chega com mão furtiva, apalpa, e foge.

XXIII.

Vinha a noite ja entaõ seo negro manto
Desprégando na lucida Athmosféra,
Quando buscaõ socego ao seo quebranto
No ninho as aves, e na toca a féra:
E quando o Somno com suave encanto
Aos miseros mortaes a dor modera;
Mas naõ modera em Diogo a mordaz cura
De amansar o furor da Gente dura.

XXIV.

Por dissipar na gruta a sombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
E vendo a rude gente, que o accendia,
E brilhar de improviso uma candêa;
Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
Naõ acaba de o crer de assombro chea:
Crem por tanto que o fogo do Ceo nasça,
Ou que Diogo nas mãos nascello faça.

XXV.

Era costume do Selvagem rude
Rossar um lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por eletrica virtude
A accender lume, mas com tardo effeito.
Mas observando, sem que o lenho o ajude,
Em menos de um momento o fogo feito;
O mesmo imaginou, que a Grecia creo,
Quando vio ferir fogo a Prometheo.

XXVI.

Accesa luz na lóbrega caverna,
Vê-se o que Diogo alli da náo levára;
Roupas, armas, e em parte mais interna,
A polvora em barríz, que transportára:
Tudo vão vendo á luz de uma lanterna,
Sem que o appeteça a gente nada avara;
Ouro, e prata, que a inveja não lhe atiça:
Naçaõ feliz! que ignora o que lhe cobiça.

XXVII.

Mas entre objectos varios a que attende,
Nota Gupeva extactico a Pintura,
Que n'um precioso quadro, que alli pende,
Representava a Mãi da formusura:
Se seja cousa viva, não entende;
Mas suspeitava bem pela figura,
Digna a pessoa, de que a Imagem era,
De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

XXVIII.

Esta (pergunta o Barbaro) taõ bella,
Taõ linda face, acaso representa
Alguma formosissima Donzella,
Que esposa o Graõ Tupá fazer intenta?
Ou por ventura que nascesse della,
Esse, que sobre os Ceos no Sol se assenta?
Quem póde geraçaõ saber taõ alta?
Mas se ha Mãi, q' o gerasse, esta he sem falta.

XXIX.

Encantado está o pio Lusitano
De ouvir em rude boca tal verdade;
E adorando o Mysterio soberano,
Mãi ter naõ póde (disse) a Divindade.
Mas sendo Deos eterno, fez-se humano,
E sem lesaõ da propria Virgindade,
A Donzella o gerou, que piza a Lua,
Digna Mãi de Tupá, Mãi minha, e tua.

XXX.

Peçamos pois, que he Mãi, que nos defenda;
Que te dê para ouvir docil orelha;
E comtigo o teo Povo recommenda,
Dizendo o Heróe assim, devoto ajoelha.
Gupeva o mesmo faz com fé estupenda;
E pendente de Diogo, que o aconselha,
Levanta as mãos, como elle levantava;
E vendo-o lagrimar, tambem chorava.

XXXI.

Mas crendo rude, como então vivia,
Que fosse cousa viva a Imagem Santa;
Que por mãi de Tupá tudo sabia,
Tendo poder conforme a gloria tanta;
Repete o que houve a Diogo com voz pia,
E á Mãi de Deos o coraçaõ levanta:
E encostando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite, e o desvelo que adormeça,

XXXII.

Já no purpureo, e tremulo Horisonte,
Rosas parece que espalhava a Aurora;
E o Sol que nasce sobre o opposto monte,
A bella luz derrama creadora:
Ouvem-se as avezinhas junto á fonte,
Saudando a manhã com voz sonora;
E os mortaes já do somno desatados
Tornavão novamente aos seos cuidados.

XXXIII.

Quando Gupeva manso, e differente,
Do que antes fora na feresa bruta,
Convoca a ouvillo a multidão fremente,
Que á roda estava da profunda gruta:
Posto no meio da confusa gente,
Que toda delle pende, e attenta escuta:
Valentes Paiaiás (diz desta sorte) (4)
Que herdais o brio da prosapia forte.

XXXIV.

Se hontem do vil Sergipe surprendidos,
Vimos o grão terreiro posto a saco;
Fomos cercados sim, mas naõ vencidos;
Naõ foi victoria, foi traição de um fraco.
Sabia bem por golpes repetidos,
Com quanto esforço na peleija ataco;
E como sem traiçaõ faria nada,
Naõ tendo eu armas, vem com mão armada.

XXXV.

Sombra do Graõ Tatú, de quem me ferve
Nestas veias o sangue; de quem trago
A invicta geraçaõ, que em guerra ferve
De espanto a todos, de terror, de estrago:
Porque a gloria a teo nome se conserve,
E porque a cante da Bahia o lago,
Mandas de lá de donde o Mundo acaba
Para o nosso soccorro este *Imboába.* (5)

XXXVI.

Tu lhe mudaste em ferro a carne branda;
Tu fazes que na maõ se accenda, e lhe arda
A viva chamma, que Tupá nos manda;
Tupá, que rege o Ceo, que o Mundo guarda.
Com elle hei de vencer por qualquer banda;
Com elle em campo armado, ja me tarda
O cobarde inimigo, que a encontrallo,
Vivo, vivo me animo a devorallo.

XXXVII.

Sabeis, Tapuias meos, como morrendo
Nossos Irmãos, e Pais, que elles matavão,
Postos debaixo já do golpe horrendo,
Vosso nome aos vingar tristes chamavão.
Tambem vistes na guerra combatendo,
Que estrago nelles estas mãos causavaõ,
E as vezes que vos dei no campo vasto,
Mil e mil delles por sabroso pasto.

XXXVIII.

Mas naõ come o Estrangeiro, nem consente
Comer-se carne humana, e só teria
Outra carne qualque por innocente;
Aves, féras, Tatús, Paca, ou Cotia;
Receba pois de nós grato presente;
De quanto houver nos matos da Bahia;
Suia-se á caça; e como lhe compete,
Prepare-se a hospedagem de um banquete.

XXXIX.

Separa-se o Congresso em breve espaço,
Dispõe-se em alas numerosa Tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde a avezinha cahe, se incauta o topa:
Quem dos hombros suspende, e quẽ do braço
Armadilhas diffrentes; outro ensopa
Em visgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido caia o Periquito.

XL.

Os mais com frécha vaõ, q' a um tempo seja
Tiro, que offenda a fugitiva caça;
Ou armas (se occorresse) na peleija,
Quando o inimigo de emboscada a faça:
E porque aos mais presida, e tudo veja,
Á frente do Esquadraõ Gupeva passa;
Nem fica Diogo sò, que tudo via,
Mas segue armado a forte companhia.

XLI.

Mais arma naõ levou, que uma espingarda,
E posto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidẽte, e posto em guarda,
Trás na cautela o escudo ao seo perigo.
Em tanto a destra gente a caça aguarda,
E algum se affouta a penetrar no abrigo,
Onde esconde a Panthera os seos cachorros,
Outro a segue por brenhas, e por morros.

XLII.

Até que de Gupeva commandada,
Em circulo se fórma a linha unido,
Onde quanto ha de caça ja espantada,
Fique no meio de um cordaõ cingido:
Á rez alli de estrondo amedrontada,
N'um centro está de espaço reduzida:
Á maõ mesmo se colhe: cousa bella!
Que dá mais gosto ver, do que comella.

XLIII.

Naõ era assim nas aves fugitivas,
Que umas fréchava no ar, e outras em laços
Com arte o Caçador tomava vivas:
Uma porem nos liquidos espaços
Faz com a pluma as séttas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes laços.
Toma-a de mira Diogo; e o ponto aguarda:
Dá-lhe um tiro, e derriba-a co' a espingarda.

XLIV.

Estando a turba longe de cuidado,
Fica o barbaro ao golpe estremecido,
E cahe por terra no tremendo abalo
Da chamma, do fracaço, e do estampido:
Qual do horrido trovaõ com raio, e estalo
Algum junto á quem cahe, fica aturdido:
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabúz de Diogo uma trovoada.

XLV.

Toda em terra prostrada exclama, e grita
A turba rude em misero desmaio,
E faz o horror, que estupida repita
Tupá, *Caramurú*, temendo um raio.
Pertendem ter por Deos, quando o permitta,
O que estaõ vendo em pavoroso ensaio,
Entre horriveis trovões do Marcio jogo,
Vomitar chammas, e abrazar com fogo.

XLVI.

Desde esse dia he fama, que por nome
Do Graõ Caramurú foi celebrado
O forte Diogo; e que escutado dome
Este appellido o Barbaro espantado;
Indicava o Brasil no sobrenome,
Que era um dragão dos mares vomitando;
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apollo, e Marte por Deidade.

XLVII.

Foraõ qual hoje o rude Americano,
O valente Romano, o sabio Argivo;
Nem foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombamos deste Povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos Heròes dentro ás imagens,
Não acharemos mais, que outros Selvagens.

XLVIII.

He facil propensaõ na brutal gente,
Quando em vida ferina admira uma arte;
Chamar um fabro o Deos da forja ingente;
Dar ao guerreiro a fama de um Deos Marte;
Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
Tanto Jove se ouvio por toda a parte:
Hercules, e Theseos, Jasões no Ponto (7)
Seriaõ causas taes, como as que eu conto.

XLIX.

Quanto merece mais, em douta Lyra
Se cante por Heróe, quem pio, e justo,
Onde a céga Naçaõ tanto delira,
Reduz á humanidade um Povo injusto?
Se por Heróe no Mundo só se admira,
Quem tyranno ganhava um nome Augusto;
Quanto o será maior, que o vil tyranno,
Quem nas féras infunde um peito humano?

L.

Tal pensamento entaõ n'alma volvia
O Graõ Caramurú, vendo prostrada
A rude multidaõ, que Deos o cria,
E que espera d'esta arte achar domada;
Politica infeliz da Idolatria,
Donde a antiga cegueira foi causada; (8)
Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
Quanto augmenta o terror, recusa o culto.

LI.

De Tupá sou (lhe disse) Omnipotente
Humilde escravo; e como vós me humilho;
Mas do horrendo trovaõ, que arroje ardente,
Este raio vos mostra, que eu sou filho.
(Disse, e outra vez dispara em continente)
Do meio do relampago, em que brilho,
Abrazarei qualquer, que ainda se atreva
A negar a obediencia ao Grão Gupeva.

LII.

Deo logo a amiga mão com grato aspecto
Ao misero Gupeva, que convulso
No horror daquelle ignovomo prospecto,
Jazia sem sentido, e ja sem pulso:
Naõ temas (diz-lhe) amigo, q' eu prometto,
Que dé meo braço se naõ mova impulso,
Senaõ contra quem for taõ temerario,
Que sendo-te eu amigo, he teo contrario.

LIII.

Recobrar o bom Gupeva um novo alento,
Sentindo a grata maõ, que a vida o chama;
Nem póde duvidar pelo exprimento,
De quanto Diogo com fineza o ama;
Mas sempre com receio do instromento
Teme que outra vez lance a horrivel chamma;
E deixa-o no erro Diogo; a fim que incerto,
Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

LIV.

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe astuto o arcabuz, que naõ tem carga;
E quem (diz) he fiel, póde com vida
Tello na maõ sem horrida descarga;
Porém se algum faltasse á fé devida,
Sentirá da traiçaõ por pena amarga,
Com proprio damno seó, com mortal risco,
Relampago, e trovaõ, fogo, e corisco.

LV.

Que eu acordado esteja, ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto,
E a traiçaõ pagará com a cabeça,
Quem tentasse fazer-me um leve insulto.
Porém se eu mal naõ quero, que aconteça,
Póde um menino, como póde o adulto,
E o mais fraco, que houver na vossa gente,
Ter o trovaõ nas mãos, sem que arrebente.

LVI.

Porem guardai-vos vós, que só no peito,
Só n,alma, que tenhaes tençaõ malina,
Vereis que trovaõ faz por meo respeito,
E que vem no estampido a vossa ruina.
Tréme Gupeva, ouvindo este conceito,
E humilde a fronte ao Graõ Diogo inclina:
Certo de naõ faltar na fé que rende,
Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII.

Convoca em tanto o Principal temido
As esquadras da turba, entaõ dispersa,
E ao Graõ Caramurú pede rendido
Que eleja casa no Paiz diversa:
E que a gruta deixando, suba unido,
Onde em vasta cabana o Povo versa;
Nem duvide que a gente féra, e brava
O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII.

No Reconcavo ameno um posto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia,
A quem quer penetrallo, a entrada toda:
Um plano vasto no seo centro abria, (9)
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas,
Formáraõ, como em quadro, oito cabanas.

LIX.

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa
Não tem paredes, ou columnas bellas:
Um angulo no cume a faz vistosa,
E cuberta de palmas amarellas,
Sobre arvores se estriba, altas, e boas,
De seiscentas capas, ou mil pessoas.

LX.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes próvido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuia na grand' arca;
Alli dorme, alli come, alli medita;
Alli se faz humano, e de amor molle;
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

LXI.

Dentro da grã choupana a cada passo (10)
Pende de lenho á lenho a rede extensa:
Alli descanço toma o corpo laço;
Alli se esconde a marital licença:
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial, que tem suspenso:
Nenhum se vê (que he raro) em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem q' á filha offẽda.

LXII.

Alli chegando a Esposa fecundada
A termo ja feliz, nunca se omite
De pôr na rede o Pai a prole amada,
Onde o amigo, e parente o felicite:
E como se a mulher soffrêra nada,
Tudo ao Pai reclinado entaõ se admite,
Qual fora, tendo sido em modo serio
Seo proprio, e naõ das Mãis o puerperio.

E

LXIII.

Quando na rede encosta o tenro infante;
Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
Um pequeno arco põe, frécha volante,
E um bom cutelo ao lado; e em tom de velho
Com discurso patetico, e zelante,
Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
Que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV.

Dá-lhe depois o nome, que apropría
Por similhança que ao Infante iguala,
Ou com que o espera célebre algum dia;
Senaõ he por defeito que o assinala:
A algum na fronte o nome se imprimia,
Ou pintaõ no verniz, que tem por gala;
E segundo a figura se lhe observa,
Daõ-lhe o nome de féra, fruta, ou herva.

LXV.

Trabalha em tanto a Mãi sem nova cura;
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
Feliz gente, se unisse com fé pura
A sóbria educaçaõ, que simples teve!
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo;
Q' he mais q' pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI.

Vai com o adulto filho á caça, ou pesca
O solícito Pai pelo alimento:
O peixe á mulher traz, è à carne fresca,
E á tenra prole a fruta por sustento:
A nova provisaõ sempre refresca,
E dá nesta fadiga um documento,
Que quem nega o sustento a quem deo vida,
Quiz ser Pai; por fazer-se um parricida.

LXVII.

Que se acontece que a enfermar se venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe um remedio, que convenha,
Consultão-no entre si com gente antiga:
Buscaõ que de herva saiba, ou cura tenha,
Que possa dar allivio ao que periga,
Ou talvez sangraõ n'uma febre ardente,
Servindo de lanceta um fino dente.

LXVIII.

Mas vendo-se mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente, acçaõ mui pia,
Tirar-lhe a vida com a maça, ou lança:
Se morre o tenro filho, a Mãi seria
Estimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes do Mundo della veio,
Naõ torna ao seo lugar no proprio seio.

LXIX.

Tal era o Povo rude, e tal usança
Se lhe vê praticar no vicio illuso:
Tudo nota Diogo, na esperança
De corrigir por fim taõ cego abuso.
No lugar da cabana, em que descança
Menos da gente, e multidaõ confuso,
Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
De rica, e molle pluma entre tecida.

LXX.

Mas eis-que um grande numero o rodea
De emplumados feissimos Salvagens:
Ouve-se a casa de clamores chea;
Costume antigo seo nas hospedagens.
Qualquer chegar-se a Diogo ainda recea,
Por ter visto as horrificas passagens;
Mas *mair ma apadu* de longe explicaõ, (11)
E *bem vindo o estrangeiro* significaõ.

LXXI.

Por costumado obzequio os mais luzidos
Tomaõ Diogo nos braços; e no peito
A frente lhe apertavão comedidos:
Sinal entr'elles do hospital respeito.
Tiraõ-lhe em pressa as roupas, e vestidos;
E pondo-o sobre a rede, como em leito,
Sem mais dizer-lhe nada, e sem ouvillo,
Tudo se affasta, e deixaõ-no tranquillo.

LXXII.

Com maior ceremonia outra visita
Festiva celebrava o seo cortejo;
Feminea turba, que o costume incita
A offerecer-se honesta ao seo dezejo;
Senta-se sobre os pés, e felicita,
Cobrindo o rosto a maõ, como por pejo;
Vestidas vem de folhas taõ brilhantes,
Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII.

Parece ser da mesa o dispenseiro
Um Salvagem, que o nome lhe pergunta:
Se tem fome, lhe diz; ou se primeiro
Quereria beber? e logo ajunta,
Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro
A comida que trouxe em cópia munta:
Põe-se-lhe Uiçu de peixe, e carne crua, (12)
E o mimoso Cauin, que he paixão sua.

LXXIV.

Todos com gula comem furiosa,
Sem olhar, sem fallar, nem distrahir-se:
Tanto se absorbem na paixaõ gulosa,
Que mal pudéra ao vellos distinguir-se,
Se saõ féras, ou homens. Vergonhosa,
Triste miseria humana! confundir-se
Um peito racional c'um bruto feio
No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

LXXV.

Acabada a comida, a turba bruta
O estrangeiro bem vindo outra vez grita;
E a tropa feminina, que isto escuta,
Cobre a face co-as maõs, e o pranto imita:
Gupeva pois que o hospede reputa,
Causa do seo prazer, e author da dita;
O Sacro fogo a roda lhe ateava,
Ceremonia hospital, que o povo usava. (13)

LXXVI.

Bem presumia Diogo, no que explora,
Que algum mysterio se occultava interno;
Lembra-lhe a chamma, que o Caldeo adora;
O fogo das Vestaes recorda eterno;
Nem duvidava que de origem fora
Costume da Naçaõ, rito paterno;
Trazido, se he possivel que se crêa,
Na dispersaõ das gentes, da Caldêa.

LXXVII.

Perguntallo dos barbaros quizera;
Mos como o acceno, e lingua muito engana,
Acaso soube que á Gupeva viera
Certa Dama gentil Brasiliana:
Que em Taparica um dia comprendêra
Boá parte da lingua Lusitana;
Que Portuguez escravo alli tratara, (14)
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

LXXVIII.

Paraguaçú gentil (tal nome teve)
Bem diversa de gente taõ nojosa;
De côr taõ alva, como a branca neve;
E donde naõ he neve, era de rosa;
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella luz, testa espaçosa;
De algodaõ tudo o mais, com manto espesso,
Quanto honesta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX.

Um Principal das terras do contorno
A bella Americana tem por filha;
Nobre sem fasto, amavel sem adorno;
Sem gala encanta, e sem concerto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha:
De um desdem taõ gentil, que a quem olhava,
Se mirava immodesto, horror causava.

LXXX.

Foi destinada de seos Pais valentes,
Esposa de Gupeva; mas a Dama
Fugia de seos olhos impacientes,
Nem prenda lhe acceitou, porque o naõ ama:
Nada sabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chama:
Gupeva, que naõ sente o seo despeito,
Tratava-a sem amor; mas com respeito.

LXXXI.

Dezejava vella o forte Lusitano;
Porque interprete a lingua que entendia;
E toma por mercê do Ceo sobrano
Ter como entenda o idioma da Bahia:
Mas quando esse prodigio avista humano,
Contempla no semblante a louçania:
Pára um, vendo o outro; mudo, e quedo,
Qual junto de um penedo outro penedo.

LXXXII.

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virtude alli se arrisca,
E as furias da paixaõ, que accende estranhas
Essa de insano amor doce faisca;
Ancias no coraçaõ sentio tamanhas,
(Ancias, que nem na morte o tempo risca)
Que houvera de perdèr-se naquell'ora,
Senaõ fora Christão, se Heróe não fora.

LXXXIII.

Mas desde o Ceo a Santa Intelligencia
Com doce inspiração mitiga a chamma;
Onde a amante paixão ceda á prudencia,
E a razão póde mais, que a ardente flamma:
Em Deos na naturesa, e na consciencia
Conhece, que quer mal quem assim ama;
E que fora sacrilego episodio
Chamar á culpa amor, não chamar-lhe odio.

LXXXIV.

No raio deste heróico pensamento
Em tanto Diogo reflectio comsigo,
Ser para a lingua um commodo instrumento
Do Ceo mandado na donzella amigo:
E por ser necessario ao Santo intento,
Estuda no remedio do perigo,
Que póde ser? sou fraco: ella he formosa...
Eu livre... ella donzella,.. será esposa..

LXXXV.

Bella (lhe disse entaõ) gentil Menina,
(Tornando a si do pasmo, em que estivera)
Sorte humana naõ he, mas he Divina,
Ver-me a mim; verte a ti na nova esféra:
Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina;
Ella, senaõ me engana o que alma espera,
Um fogo em nós accende, que de resto
Eterno haja de arder, se arder honesto.

LXXXVI.

Desde hoje se a meos olhos corresponde
O meigo olhar das lucidas pupilas;
Se amor he.. porq' amor quẽ he q' o esconde,
Se por elle essas lagrimas distillas:
Com que chammas meo peito te responde,
Com maõ de Esposa poderás sentillas;
Disse; e estendendo a maõ, offereceo-lha;
Ella que nada diz; sorrio-se, e deo-lha.

LXXXVII.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára;
E ou de amante, ou tambem de vergonhosa,
Um taõ bello rubor lhe tinge a cara,
Como quando entre os lirios nasce a rosa:
Tres vezes quiz fallar, tres se calára;
E ficou de soçobro taõ formosa,
Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia,
Nem um, nem outro entaõ de si sabia.

LXXXVIII.

Mas reflectindo logo o Heróe prudente,
Fixou no coraçaõ com fé segura;
Naõ cumprir as promessas de presente,
Antes que lhe entre n'alma a formosura:
Rende-lhe o seo amor, mas innocente,
E faz-lhe prometer, que com fé pura,
Em quanto se naõ lava, e regenéra,
Em continencia viviräo sincera.

LXXXIX.

E esta fé (diz-lhe) Esposa em Deos querida,
Guarda-te hoje prometto em laço eterno,
Até banhar-te n'agua promettida,
Por candida affeição de amor fraterno:
Amor, que sobrevivia á propria vida;
Amor, que preso em laço sempiterno,
Anda depois da morte em maior chamma;
Que assim trata de amor, quem por Deos ama.

XC.

Esposo (a bella diz) teo nome ignoro;
Mas naõ teo coração, que no meo peito
Desde o momento, em q' te vi, que o adoro:
Não sei se era amor já, se era respeito:
Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações um só foi feito.
Quero o Baptismo teo, quero a tua Igreja,
Meo Povo seja o teo, teo Deos meo seja.

XCI.

Terme-has, caro, terme-has sẽpre a teo lado:
Vigia tua, se te occupa o somno;
Armada sahirei, vendo-se armado;
Taõ fiel nas prisões, como u'um throno:
Outrem não temas, que me seja amado:
Tu só serás, Senhor, tu só meo dono:
Tanto lhe diz Diogo, e ambos juráraõ;
E em fé do juramento, as mãos tocaraõ.

(1) *Anhangá.* Nome do Demonio, em lingua Brasilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uso da Nigromancia.

(2) *Montanhas.* Persuadem-se os Brasilienses, que alem das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, seja o Paraiso. Vide *Martiniere Diccionario Geografico* verb. *Brazil*, onde se lerá a maior parte da Historia dos ritos, e costumes do Brasil, que aqui, e na serie do Poema escrevemos.

(3) *O corpo humano..* Rasaõ sufficiente, porque he illicito comer a carne humana por principios Theologicos na presente Oitava, e na seguinte pelos Naturaes.

(4) *Paiaiás*, Nome honorifico em lingua Brasilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O Poeta conforma-se ao costume destas gentes, entre as quaes os Principes fazem longas fallas aos seos Compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui se tocão.

(5) *Imboába.* Voz, com que os Barbaros nomeaõ os Europeos.

(6) *Salmoneo.* Este Principe pertendia imitar o raio para espantar os Gregos, então barbaros, e similhantes aos nossos Brazilienses. Tanto se pode crer do Rei de Creta, que aquelles Insulares chamáraõ Jupiter.

(7) *Hercules.* Os Heróes dos tempos fabulares foraõ sem duvida similhantes aos nos-

sos primeiros Descubridores, feitos celebres pela rudesa, e ignorancia dos seos tempos. Observamos este pararello para preoccupar a censura de quem acaso estimasse a materia, e objecto desta Epopeia, indigna de comparar-sr á que escolherão os antigos Poetas Epicos.

(8) *Causada.* He certo que a Idolatria dos Gregos teve grande occasiaõ nos Inventores das Artes: e vimos outro tanto nos Americanos, dispostos a crer immortaes os Europeos.

(9) *Um plano.* Descripçaõ das Tabas, ou Aldêas Brasilicas.

(10) *Dentro.* O Padre Marteniere, célebre Critico, e testemunha ocular, attesta parte destes costumes; outros. Ozorio, Vasconcellos, Pitta, que não citamos, por serem especies vulgares.

(11) *Mas mair.* Nas hospedagens costumão assim os Brasilianos: e do Padre Marteniere copiamos as palavras, que então preferem, e a sua interpretaçaõ.

(12) *Uiçu.* Farinha, a que reduzem a carne torrada, ou o peixe. *Cauin*, bebida similhante á que já dissemos da Catimpoeira.

(13) *Ceremonia.* Tinhaõ esta ceremonia como Religiosa, persuadidos que faz fugir o Demonio.

(14) *Portuguez escravo.* Ficção Poetica sobre o verosimil, naõ sendo difficil que algum dos Portuguezes deixados por Cabral, ou por outros Capitães na costa, para aprenderem a lingua, communicassem parte della aos habitantes.

CANTO III.

I.

Já nos confins extremos do Horisonte
Dourava o Sol no occaso rubicundo
Com tibio raio assima do alto monte ;
E as sombras cahem sobre o valle fundo ;
Hia morrendo a côr no prado , e fonte ;
E a noite , que voava ao novo Mundo ,
Nas azas traz com viraçaõ suave
O descanço aos mortaes no somno grave.

II.

Só com Gupeva a Dama , e com Diogo
Gostosa aos dous de intrerpreto fervia ;
E perguntando sobre o Sacro fogo ,
A qual fim se inventara ? a que fervia ?
Deo-lhe simples rasão Gupeva logo :
Suppre de noite (disse) a luz do dia ;
E como Tupá ao Mundo a luz accende ,
Tanto fazer-se aos hospodes emprende.

III.

Se peccando o máo espirito solevas,
Succede que talvez cruel se enoje;
E como he Pai da noite, e Author das trévas,
Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
Porem se á Luz eterna o peito elevas,
Naõ ha furia do Averno que se arroje;
Talvez por lhe excitar tristes idéas,
Das chammas, que tiveraõ por cadeas.

IV.

Admira o pio Heróe, que assim conheça
A Naçaõ rude as legiões do Averno; (1)
Nem já duvída que do Céo lhe desça
Clara luz de um Principio sempiterno.
Disse-me, Hospede amigo, se professa
Este teo Povo, diz, com culto externo
Adorar algum Deos? qual he? onde ande?
Se seja um Deos somemte, ou q' outros mande?

V.

Um Deos (diz) um Tupá, um ser possãte (2)
Quem poderá negar que reja o Mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
Quem enche o Ceo de tanta Luz brilhante?
Quem borda a Terra de um matiz fecundo?
E aquella sala azul, vasta infinita,
Senão está lá Tupá, quem he que a habitta?

VI.

À chuva, a neve, o vento, a tempestade
Quē a rege? a quē segue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trévas sobre o Mundo chove?
E este espirito amante da verdade,
Inimigo do mal, qué o bem promove,
Cousa taõ grande, como fora obrada,
Senaõ lhe dera o ser, quem vence o nada?

VII.

Quē seja este grāde Ente, e qual seo nome,
(Feliz quem saber póde) eu cego o ignoro;
E sem que a empresa de sabello tome,
Sei que he quem tudo faz, e humilde o adoro:
Nem duvido que os Ceos, e Terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil desmaio,
Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII.

Só pasmo so nos fez, como naõ veio,
Devendo amar o que obra de mão sua,
Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio
A livrar o Homem dessa besta crua!
Como he possivel que naõ désse um meio,
Com que a mente ignorante, enferma, e nua
Tratar com elle possa, quando he claro
Que o Pai não deixa o filho em desamparo!

IX.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
Lembrança, que me accusa: por mim fica
Se mais bem do que faz, me não tem feito,
Que he nescio quem o ingrato beneficá.
Outro Povo talves mereça eleito
A assistencia dos Ceos de graças rica;
Nem contra Deos se justifica a queixa,
Que costume deixar, quem o não deixa.

X.

Mas se do Throno Celestial, e Eterno
A pezar da malicia nos visita;
Quem sabe se por zelo hoje paterno
A nosso bem mandar-te aqui medita.
Pois creio bem que contra o fogo Averno
Trazes a chamma, que a do raio imita,
Ou que vens como luz, do Ethereo assento,
Por levar-nos comtigo ao Firmamento.

XI.

Pasmava o Lusitano da eloquencia
Com tão alto pensar n'huma alma rude;
Notando como a Eterna Sapiencia
A face a todos mostra da virtude.
E reputava por maior clemencia,
Que a quē, se a fé conhece, ingrato a illude;
Negasse Deos a luz, que os outros vião;
Porque tendo-a maior, mais cegarião.

XII.

Não deixa nunca os seos o Ceo piedoso
(Diogo respondeo) que á terra indigna
Manda o seu Unigenito glorioso,
Que offreça, a quē o invoca, a mão benigna:
Mas se antevisse no Homem pernicioso (3)
Huma livre eleição sempre maligna,
Por dar-lhe menos pena em menor falta
Em sombra, como á voz, deixa tão alta.

XIII.

Tendes em tanto hum claro sentimento,
Que espirito immortal se nos concede.. (4)
Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
Quem tudo quanto sente parte, ou mede:
Mas mirando ao seu proprio pensamento,
Vê que a medida sempre intacto excede;
E sendo indivisivel desta sorte,
Como póde a razão soffrer a morte?

XIV.

Quantas vezes em mim, se ser pudesse,
Hum pensamento d'alma eu dividira;
Que todo o mal em fim que o homem padece,
Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
Mas a interna impressão tanto mais cresce,
Quanto o peito ansiado mais suspira:
E vejo que ha em mim mesmo occulto, e interno
Entre a mētē, e a verdade hũ laço eterno.(5)

XV.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-se a luz no extremo dia;
E antes de ser punida, ou premiada,
Huma alma justa, ou ré pereceria;
Sempre em desejos, nunca saciada:
Má sem castigo; e sem fortuna pia;
Sem chegar ao seu fim perder a essencia...
Como he crivel, q' Deos tem Providencia? (6)

XVI.

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
No contexto das obras respondêra,
Que fora feito, porque nos servisse,
E que eterno destino não tivera:
Onde era bem que a morte destruisse
Quem para immortal fim nunca nascêra;
Porque lhe dera, a tello, o Ceo Divino
Outro corpó, outra fórma, outro destino. (7)

XVII.

Que o bruto elege, pensa, que discorre
Do que o vemos obrar fica evidente;
Mas cada especie a hum curto fim concorre,
Sem orgãos, e aptidão com que outro intento.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem orgãos para tudo, e tudo sente;
Infinito em pensar, e no que vejo
Maior que no pensar no seu desejo.

XVIII.

Tudo domína só, tudo governa,
Sem que a outro animal servir costume;
Toda outra especie á sua he subalterna,
E se immortal nascêra, fora hum Nume; (8)
Arbitrio Universal, Razão Eterna,
Capaz de receber o immenso lume,
E fora mais, se a morte o dissipára,
Que se Ceo, Terra, e Inferno anniquilára.

XIX.

Pasmado Diogo do que attento escuta,
Não crê que a singular Filosofia
Possa ser da invenção da gente bruta;
Mas a interprete bella lhe advertia,
Que a antiga Tradição nunca interrupta
Em cantigas, que o Povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprendem,
E que dos Pais, e Mãis cantando o aprendem.

XX.

Que erão pedaços das Canções, q' entoão (9)
As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
Que em Poetico estilo doces soão
Feitas por Sabios de sublime estudo.
Que alguns entre elles com tal estro voão,
Que involvendo-se o harmonico no agudo,
Parece que lhe inflamma a fantasia
Algum Nume, se o ha, da Poesia

XXI.

Tendo Paraguaçú dito discreta,
Prosegue então Gupeva os seus assumptos:
Que se as almas morressem, que indiscreta
A memoria sería dos defuntos?
A que servira a Lei, que nos decreta, (10)
Que no sepulchro se lhe ponhão juntos
Comidas, arcos, frechas? quem resiste
A quem depois da morte não subsiste?

XXII.

O inimigo Anhangá, logo que deixa
A nossa alma esta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
Até que em sombras entre, ou claridade:
O Rito do Sepulchro expresso deixa,
Que enterrando-se em pé, na Eternidade
O fim buscamos, a que Deos nos cria;
E que antes de o alcançar, se segue a via.

XXIII.

Deste principio nasce, que com prantos
Noite, e dia se chora o seu decesso;
Louvão-se nos Congressos como Santos,
E põe-se no sepulchro hum marco expresso:
Tantas memorias pois, officios tantos
A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
A expiação, e obsequio era frustrado,
Se ella não vive, ou purga algum peccado.

XXIV.

Costumes são da occulta Antiguidade,
Que o Grão Tamandaré desde alta origẽ (11)
A's gentes ensinou, com que á piedade
Todas no Mundo as almas se dirigem:
E quando algum cònteste esta verdade,
Provão-na os Anhangás, que nos afligem,
Pedindo aos Nigromantes que a alma vendão,
No q' huma alma immortal nos recommendão.

XXV.

Que he desde nossos Pais fama constante,
Que a onde o Sol se põe nessas mõtanhas (12)
Ha hum fundo lugar, de que he habitante
O perfido Anhangá com crueis sanhas:
Alli de enxofre a escuridão fumante
Com portas encerrou Tupá tamanhas,
Que as não póde forçar, nem todo o Inferno:
A morte he a chave; e o cadeado he eterno.

XXVI.

Dentro nada se vê na sombra escura;
Mas no vislumbre funebre, e tremendo
Distingue-se com vista mal segura,
Hum Antro vasto, tenebroso, e horrendo:
Ordem nenhuma tem: tudo conjura
Ao sempiterno horror, que alli comprendo:
Mutuamente mordendo-se de envolta,
Hum n'outro agarra, se o primeiro o solta.

XXVII.

Se viste onda sobre onda procellosa,
Quando bate escumando a arêa funda,
Como esta aquella engole; e mais furiosa
Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
Tal na caverna lobrega horrorosa
Onda, e onda de fogo os máos inunda:
Este sóbe; este desce; e um cataclismo
Alaga as nuvens, e descobre o abysmo.

XXVIII.

Aqui o fero Anhangá cahio, (se conta)
Quando do Grão Tupá rompia o jugo;
E vem dos Astros, que soberbo monta,
A ser em pena vil, do homem verdugo:
Alli com mão cruel, com furia prompta
Pune da nossa especie o vil refugo;
E em vez de mãos as miserandas gentes,
Enrosca em laços de crueis serpentes.

XXIX.

Alli do Graõ Tupá por Lei severa,
No incendio está, que o tempo naõ apaga,
Quem torpe incesto faz; quem adultera;
Quem he réo da lascivia infame, e vaga:
Cada um, como a culpa commettêra,
Tanto, e no proprio membro o crime apaga:
Fere-se a quem ferio; mas o homicida
Sò porque morra mais, não perde a vida.

XXX.

Sentada no meio da morada horrenda,
Branca de cans, e immovel na manobra,
Immensa sombra faz, que a cauda prenda
Dentro na boca horrivel uma cobra:
Com rouca voz, e intimação tremenda
Ao tempo prezo na vipcrea dobra
Diz, retumbando em éco a cavidade:
Oh vida! oh tẽpo! oh morte! oh eternidade!

XXXI.

Além da grã montanha, em q' se occulta (13)
O carcere das sombras horroroso;
De mil delicias n'um terreno exulta
Quem vive justo, ou quem morreo piedoso:
Naõ se acha imagem nesta terra inculta,
Que seja sombra do Paiz ditoso:
O Templo alli da Paz foi levantado,
Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

XXXII.

Ha do ameno jardim na vasta entrada
Uma grã porta de safiras bellas,
Onde da etherea Luz reverberada,
Se pinta em vasto fundo um mar de estrellas;
Toda ella em torno, em torno decorada
De floridas bellissimas capellas:
Junto voragem ha de um precipicio,
Que sorve a quẽ se encosta insecto em vicio.

XXXIII.

Vem-se dentro campinas deleitosas,
Geladas fontes, arvores copadas;
Outeiros de crystal, campos de rosas,
Mil fructiferas plantas delicadas:
Cuberto o chaõ das frutas mais mimosas,
Com mil formosas cores matizadas,
E á maneira, entre as flores, de serpentes
Vaõ volteando as liquidas correntes.

XXXIV.

Latadas de martyrios ha sombrias,
Que com a rama, e flor formão passeios;
Onde passaõ sem calma os claros dias,
Gozando sem temor de mil recreios:
Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios;
Nem ha na Primavera, e verdes Maios
Quem receie o trovaõ, nem tema os raios.

XXXV.

Entre o susurro alli das fontezinhas,
Harmonica se escuta a voz sonora,
Com que mil innocentes avezinhas
Entoão a alvorada á fresca Aurora:
Muitas com vôos vaõ ao Ceo vizinhas;
Outra segue o Consorte, a quem namora,
E mil doces requebros gorgeando,
De raminho em raminho vai saltando.

XXXVI.

Uma ave entre outras ha q' se discorre, (14)
Ou fama certa seja, ou voz fingida,
Qué do jardim a nós, de nós lá corre,
Como fiel correio da outra vida:
Dizem que vôa, quando algum cá morre,
E exprime no seo canto enternecida
O que alma passa nas eternidades,
E que nos leva, e traz doces saudades.

XXXVII.

Neste ameno jardim vivem contentes
As almas, que no Mundo valerosas
A Santa Lei guardárão diligentes,
Obrando acções na vida gloriosas:
Os que foraõ na guerra mais valentes,
E a Patria com acções guardaõ honrosas;
E os que em bellico horror com peito forte
Temem mais uma affronta, do que a morte.

XXXVIII.

Aqui do Grão Tupá no amado seio
Conversaõ, dançaõ, jogaõ sem fastio;
Uns dos males passados sem receio
Contaõ da crua guerra o caso impío:
Outros da propria morte o golpe feio,
Recordaõ sem pavor, contaõ com brio,
Que o recordar um mal, que he ja passado,
Dá depois mais prazer, que entaõ cuidado.

XXXIX.

Alli dos Pais as almas venturosas
Unidas sempre estaõ ao Filho amado;
E o premio das fadigas laboriosas
Gozaõ no seio um d'outro sem cuidado:
A Mãi abraça as filhas amorosas;
Como o Esposo a Consorte em puro agrado;
Sem guerra, sem contenda, sem porfia
Passaõ tranquilla a noite, alegre o dia.

XL.

Mas o q' he mais suave, o q' he mais doce,
He gozar-se entre tanta amenidade
De todo o bom dezejo a inteira posse;
Nem ter de cousa vã necessidade:
Oh quem de tanto bem possessor fosse!
Grato Paiz! amavel liberdade!
Onde por graça de Tupá infinita
Ninguem padece, teme, ou necessita.

XLI.

Dizendo assim, Gupeva enterneceo-se,
Sentindo a força, que o mortal levanta
Á Bemaventurança: commoveo-se
Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Taõ pouco de Deos sabe: a todos deo-se
O eterno lume, copia da Lei santa;
Mas bem que de esplendor inunde um pégo,
Quem he indigno de Deos, fica mais cégo.

XLII.

Que valem (disse ao barbaro ignorante)
Jardins, flores, delicias, e prazeres,
Faltando o Objecto em fim mais importante,
Que he a face de Tupá? pois de a naõ veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por bello, por maior, que o conceberes,
Para a nossa cubiça mal saciada,
He vil, he vaõ, he pouco, he sumo, he nada.

XLIII.

Finge, que possa o Homem gozar junto
Destes bens cá da terra um vasto rio;
Quanto Deos crear póde, tudo é muito;
Quem delle naõ gozar, fica vasio:
Se o mũdo a hũa alma basta, eu naõ pergũto;
Que ella goze infinitos, sempre eu fio;
Que qual hydropesia verdadeira,
Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XLIV.

Toda essa gloria, que me tens pintado,
Sem mais q' um bẽ do Mundo circumscrito,
Naõ he, Gupeva meo, mais que um bocado,
Para quem só se farta do infinito:
E quando tudo o mais se haja logrado,
Se he um bem transitorio, se he finito,
Em breve has de sentir, e sem remedio
Do futuro ansia, e do passado tedio.

XLV.

Deos, caro amigo meo, he Deos sòmente
Quem pode saciar nossa vontade:
Chegar á parte onde o ver contente,
E vello alli por toda a eternidade:
Todo o bem nelle está summo, e eminente,
Honra, gloria, grandeza, magestade:
Esta he; se discorreres em bom sisò,
A idéa, que has de ter de um Paraiso.

XLVI.

Porém narra-me em tanto o que se pensa
Entre vós dos principios deste Mundo:
Quando? como? por quem na idéa immensa
Se tomou a medida ao Ceo profundo?
Qual foi o Homem primeiro, e de qual crêça?
Ou se noticia tens do Adaõ segundo?
De qual origem sois, ou de qual gente?
Ou quem veio a povoar tal continente?

XLVII.

Memoria nunca ouvi (Gupêva disse) (15)
Onde o homem nascesse; mas comprendo,
Que houve principio em fim que o produzisse,
Que sem fim, e principio eu nada entendo.
Como o creou naõ sei: e bem que o visse,
Naõ pudéra entendello; conhecendo
Que entre o nada, e o ser ha tal distancia,
Que a ti te creio igual nesta ignorancia.

XLVIII.

O primeiro homem na geral lembrança,
A Tradiçaõ dos velhos mais antigos,
Antes do grão Diluvio naõ alcança:
Sabemos só que uns homens inimigos,
Do forte braço na fallaz confiança,
Enchêraõ todo o Mundo de perigos,
E deraõ causa, que o Diluvio extenso
N'um pégo sepultasse a terra immenso.

XLIX.

Do renovado Mundo o Patriarca
Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
Depois que a grã canoa, e immensa barca,
Em que ao alto subio, foi fundo tendo;
Na prole immensa dominou Monarca,
E as varias Tribus dividido havendo
Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
De toda a gente he Pai, que habita o Mundo.

L.

Predisse o Justo Velho o graõ castigo,
E os Homens exhortando á penitencia,
Nem á vista do proximo perigo
Chamallos pôde á justa obediencia?
Cançado entaõ Tupá da paz amigo
Do cruel latrocínio, e da violencia,
Quiz por vingar-se o Padre Omnipotente
Com aguas apagar a chamma ardente.

LI.

Faz q' se abraõ do Ceo, que aguas encerra,
As catadupas, como immensos rios,
E que a face inundando-se da terra,
Se affoguem bons, é máos, justos, e impios:
Os elementos em desfeita guerra
Confundem se em medonhos desafios;
Cahe um mar desde o Ceo, e na mesma hora
Manda a terra do centro outro mar fóra.

LII.

Já rota a margem, que nas brancas praias
Ás ondas posto tinha o Graõ Sobrano,
Passaõ as aguas das extremas raias,
Onde se ajunta com o monte o plano:
O peixe nadador nas altas faias
No ninho está do aligero tucano:
E em seios as baleas ver puderas,
Covis dos Tigres, é antros de Pantheras.

LIII.

Hiaõ em tanto os Homens miserandos
De um monte d' outro pôr fugir das aguas,
E sem destino algum bandos, e bandos
Correndo gritaõ com piedosas magoas:
E os Ceos deprecão, q' os escutem brandos;
Mas á ira de Tupá com justas fragoas
Fulminando sentelhas, e coriscos,
Faz maiores os damnos, do que os riscos.

LIV.

Via-se em longa taboa mal segura
Nadar sobr'agoa a Mãi desventurada;
E tendo ao collo appensa a creatura,
Ora he n'agua abatida, ora elevada
Quem desde o alto das casas se pendura;
Quem fabríca de lenhos a jangada;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crê que he menos mal, se a morte bebe.

LV.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
Em quanto a grã procella horrivel soa,
Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
Que aos filhos procurou na grã canoa:
E a barca por memoria do castigo
Elevada deixou sobre a coroa
Das altas serras, que na fama claras,
Tem nome similhante ao das Araras. (10)

LVI.

Daqui por varias terras espalhados
Os Homens foraõ, que seos netos gremos;
Uns que a fronte de nós deixou queimados,
O claro Sol, que nasce em seos extremos: (17)
Outros, que habitaõ climas apartados,
Dessa cor branca, que em teo rosto vemos;
Divididos do mar, por onde as proas
Endireitaõ a nós vossas canoas.

LVII.

Se sois de nós, das vossas gentes,
Saõ cousas, que nós todos ignoramos;
Pois do paterno chaõ sempre contentes,
D'outras terras, e tempos naõ cuidamos:
Mas vós, que os mares passeais ingentes,
Podereis inferir, se os que aqui estamos,
Depois que de um Pai só todos nascemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII.

Q' se em vós houve, ou ha quẽ assim trate (18)
Quem se governe assim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem todo á caça, como nós se applique:
Se ha quẽ devore os Homens, quãdo os mate;
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Desde Tamandaré, que he pai das gentes,
Podemos crer que saõ nossos Parentes.

LIX.

Conserva-se n'um Povo o antigo rito,
Se o naõ altera o rito do estrangeiro;
E sempre algum vestigio fica escrito
Por Tradiçaõ do seculo primeiro.
Vós sabereis, se a Historia tenha tido,
Q' houve tempo, em q' o Mundo quasi inteiro,
Sem sabermos uns d'outros se habitasse;
E como nós erramos, tudo errasse.

LX.

Se vós mares nunca d'antes navegados
Discorrestes por climas differentes;
Sabereis d'outros Homens separados,
Descobertos talvez das vossas gentes:
Que por estreitos, póde ser, gelados,
Transitaraõ aos nossos Continentes:
Vós direis, se Homens ha na roxa Aurora
Nús, e pintados, como nós agora?

LXI.

E porque saibas mais nosso costume,
Onde julgues melhor da antiga origem,
Dirte-hei como, seguindo o impresso lume,
As prudentes Nações cá se dirigem:
Nem do vicio de muitas se presume
Contra aquellas, que sabias se corrigem;
Que tambem entre vós creio se escuta,
Quem tendo boas leis, tem má conducta.

LXII.

De Tupá, que o trovaõ com fogo manda,
Trememos, como vós, espavoridos;
Mas quando vemos que a procella abranda,
Ficão os homens de Tupá esquecidos:
E bem suspeito que nessa outra banda
Succeda assim, se o horror vem dos sentidos;
E que entre vós tambem gente se veja,
Que naõ temem Tupá, senaõ troveja.

XLIII.

Quem o blasfeme, affronte; ou quê o chame
A ser-lhe testemunha, quando mente,
Nunca se ouve entre nós cõm furia infame (19)
E só de o imaginar se assombra a gente.
He raro quem o adore, ou quem o ame;
Mas mais raro será quem insolente
Tenha do Summo Ser tão céga incuria,
Que trate o nome seo com tanta injuria.

LXIV.

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
Senão he no que estimas bruto engano.
De fazermos cruento sacrificio,
Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
Vejo á luz da razão, que he feio vicio,
Que ao instincto repugna por tyranno;
Mas matar quem nos mais o crime atiça,
Não he victima digna da Justiça?

LXV.

A Justiça do Ceo reconhecemos,
Contra quem delinquente a profanasse;
Pondo supplicios contra os máos extremos,
E em justo sacrificio a pena dá-se.
O malfeitor, o réo, quando o prendemos,
Com sagro rito a ceremonia faz-se:
Que quem no sangue impio a Deos vindica,
Este o aplaca sómente, e sacrifica. (21)

LXVI.

A fórma do governo por abuso
Anarquico entre nós sem lei se offrece;
Mas nos que fazem da rasaõ bom uso,
Justa Legislaçaõ reinar parece:
Nem nos tomes por Povo tão confuso,
Que um publico podêr naõ conhecesse;
Ha Senado entre nós sabio, e prudente, (22)
A quem o Nobre cede, a humilde gente.

LXVII.

Vagamos sempre, e nunca um firme assento
Nos deixão ter da caça os exercicios:
Buscamos nella os proprios alimentos,
E habitamos onde a ha, ou della indicios:
Estes saõ de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios:
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno, ou praia toque.

LXVIII.

Em varias castas, e Nações diversas
Dividido o Sertaõ vagar costuma;
E bem que vagabundas, e dispersas,
Confederaõ-se as Tabas de cada uma; (23)
Em guerra, e paz, e em sedições perversas
Ao Patrio nome naõ se nega alguma;
E se o Senado o quer, por justos modos
Põem-se todos em paz, e armão-se todos.

LXIX.

Saõ nos Senados membros, e cabeças
Os Velhos Sabios, Capitães valentes;
Os que tem soccorrido em grandes pressas
Com conselhos á Patria mais prudentes;
Destes as ordens dimanando expressas,
Um só se naõ verá nas nossas gentes,
Que rompa, naõ cedendo a Potestade,
Este laço da humana sociedade.

LXX.

Destes uns da Suprema Divindade
Ministros saõ, nos festivos dias, (24)
Fazendo-se qualquer solemnidade,
O Povo exhortaõ com lembranças pias:
Honraõ cantando a eterna Magestade,
Com sons, que para nós saõ melodias:
Cousas, que se Anhangá corrompeo tanto,
Ve-se que nascem de Principio Santo.

LXXI.

Estes Chefes do culto venerando
Mantem-nos a oblaçaõ do Povo crente:
Saõ Mestres santos, e por nós orando,
O lume da rasaõ mestra evidente,
Que em taõ sublime officio ministrando,
Tem direito a que o Publico os sustente:
Pois nelles he mais justo que a lei valha
De comer cada um donde trabalha.

LXXII.

Punimos o homicidio: quem mutila,
Quem bate, ou fere, naõ evita a pena;
A sentença elle a dá. Deve subila (25)
Qual foi a culpa, com justiça plena:
Quem matou, morrer deve: assim se estila
Por Lei Sagrada, que a Equidade ordena:
Quem cortou pé, ou mão, braço, ou cabeça,
No pé, no braço, e maõ tanto padeça.

LXXIII.

A fé do matrimonio bem declara, (26)
Que o vago amor a Lei offenderia,
Se se pudera usar sem que um casára,
Quem he que neste Mundo casaria?
Deve morrer quem quer que adulterára;
Sem isso quem seo Pai conheceria?
E o que extermina a Patria Potestade,
Quem não vê que repugna a Humanidade.

LXXIV.

Quem Pai, ou Mãi conhece com incesto,
Ou quem corrompe a Irmã, padece a morte;
Nos officios dos Pais he manifesto, (27)
Que confusaõ nascêra desta sorte:
Ser a filha mulher, naõ fora honesto,
Dominando em seo Pai, como consorte:
Se o Irmaõ no Matrimonio á Irmã seguíra,
Sempre o Genero Humano mal se unira.

LXXV.

Deve a humana geral sociedade;
Para gozar da paz com doce laço,
Vincular dos mortaes a variedade (28)
De um consorcio feliz no caro abraço:
Deo-nos o Ceo por orgaõ da amizade,
Deo-nos como outra mão, como outro braço
A consorte, em que o amor com fé se excite;
Naõ por pasto brutal de um appetite.

LXXVI.

E houvera sem prizaõ, que he taõ suave,
Dominando entre os homens desde o Averno
A discordia cruel, e a inveja grave,
A conter-se o hymeneo no amor fraterno:
Nasce do amor a paz; o amor he a chave,
He o doce grilhaõ, vinculo eterno,
Que se o vil interesse algum desune,
Os peitos abre, e os corações nos une.

LXXVII.

Movidos deste fim por saõ costume
Julgáraõ nossos Pais na antiga idade,
Que se offende no incesto o impresso lume,
Como contrario á paz da sociedade:
E se do Ceo preside o Santo Nume,
Ao socego da triste Humanidade;
Quem duvida que estime pouco honesto
Conhecer-se os Irmãos com feio incesto?

LXXVIII.

Entre nós quem elege a Esposa amada,
Pede ao Pai, ou Parente; e sem pedilla,
Naõ se julgára a femea desposada,
Por deixar a familia assim tranquilla:
Que se orfã fosse acaso abandonada,
Só pertence ao vizinho o permitilla;
E convindo ou seo Pai, ou seo Parente,
He sem mais matrimonio de presente.

LXXIX.

Furto ẽtre nós naõ ha: de q' ha de havello?
O que ha, come-se logo; e sem que o enfade,
Um tira d'outro o que acha, por comello;
E anda ao pé da pobresa a caridade:
A calumnia, a traiçaõ, o amargo zelo
Tem por pena a commua inimizade;
Nem ha, se o entendo bem, maior castigo,
Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX.

Outra Lei depois desta he fama antiga,
Que observada já foi das nossas gentes;
Mas ignoramos hoje a que ella obriga,
Porque os nossos Maiores pouco crentes,
Achando-a de seos vicios inimiga,
Recusarão guardalla, mal contentes:
Mas na memoria o tempo naõ acaba,
Que a prégára Sumé Santo Imboaba. (29)

LXXXI.

Homem foi de semblante reverendo,
Branco de côr, e como tú, barbado,
Que desde donde o Sol nos vem nascendo,
De hum Filho de Tupá vinha mandado:
A pé sem se affundar (caso estupendo!)
Por esse vasto mar tinha chegado;
E na santa doutrina, que ensinava,
Ao caminho dos Ceos todos chamava.

LXXXII.

Com grande mágoa ignora-se o que disse;
Mas não se ignora, que da santa boca
Hum conselho utilissimo se ouvisse
De plantar, e moer a mandioca:
Que havia de tornar, tambem predisse,
Desde o Ceo, a que amigo nos convoca,
E na Terra, ou no Ceo, que elle estivera,
Eu o iria a encontrar, se elle não viera.

LXXXIII.

Contão que quando aos nossos cá prégava,
Poder mostrára tal nos Elementos,
Que ás ondas punha lei, se o Mar se irava,
E de hum aceno só domava os ventos:
Os matos se lhe abrião, quando entrava,
E os Tigres feros a seus pés attentos;
Parecião ouvir, como a outra gente,
Festejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV.

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
Se as chegava a roçar com pé ligeiro,
Não parecião do elemento vago,
Mas pedra dura, ou fólido terreiro:
Só com chamar seo nome, sessa o estrago
Se o furação com horrido choveiro,
Quando na nuvem negra se levanta,
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV.

Porém negando ás prégações o ouvido,
Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
Contra o justo Sumé de Deos querido
A matallo, e comello resoluto:
Pudéra elle fazer, sendo offendido,
Que elles conhecem da cegueira o fruto;
Mas pede só prostrado a Deos que o croe,
E que a ignorancia aos miseros perdoe.

LXXXVI.

Os féros pois na furia contumazes
Tomaõ as fréchas, e bramindo atirão;
(Mas quanto pelos teos, Tupá, naõ fazes !)
Contra quem atirou pelo ar se viraõ:
E nem assim se mostraõ mais capazes
Dos annucios de paz, que em tanto ouviraõ;
Deixa-os Sumé, e um rio a borda cheio,
E só compôr-lhe um pé, parti-o ao meio.

LXXXVII.

Contaõ (e a vista faz que a gente o crêa)
Que onde as correntes d'agoa arrebatadas,
Se vaõ bordando com a branca arêa,
Ficáraõ de seos pés quatro pégadas:
Vem-se claras, patentes, sem que a vêa
As tenha d'agua no seo ser mudadas:
E enxerga-se mui bem sobre os penedos
Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII.

Assim Gupeva concluio, dizendo,
Nem mais tempo ao discurso, haver podia
Por aviso, que os campos vem batendo
Turba inimiga em vasta companhía:
Ás armas, grita, ás armas, e o éco horrendo,
Retumbando nas arvores sombrias
Fez que as mais, escutando os murmurinhos,
Apertassem no peito os seos filhinhos.

LXXXIX.

Não te espantes, diz Diogo, naõ alteres
A paz dentro as cabanas bellicosas;
Em quanto novas certas naõ souberes,
Basta pôr guardas nos confins forçosas:
De noite naõ te empenhes, se temeres
Que te invadão com tropas numerosas,
Põe-te na defensiva; e bem que freme,
Quem te busca de noite, he quem te teme.

XC.

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
Contra teus inimigos neste affogo ;
Nem duvides que logo que o disparo,
Tudo em chamas naõ vá, tudo arda em fogo :
Disse, e ao favor sahio de um luar claro,
Disparando o mosquete em marcio jogo ;
E em quanto atira, todo o bosque atroa
Pelo horror da bozina, com que soa.

XCI.

Qual dos monos talvez tropa nojosa
Sahio do intrior mato em negro bando ;
E se a frécha um derriba, vai medrosa
Em fuga pelas arvores saltando :
Tal ouvindo a bozina pavorosa,
E o arcabuz com trovaõ relampagueando,
Correm, cahem ; despenhaõ-se na estima
De que o Ceo todo lhe cahia em sima.

(1) *Legiões do Averno.* He constante o conhecimento que tem os Barbaros da America dos espiritos infernaes. De quem o aprenderaõ? Quem lhes inspirou estes sentimentos? Respondão os Materialistas, e Libertinos? Como era possivel que concordassem com as outras gentes estas Nações ferinas, e sem algum commercio? Como era factivel que conservassem depois de tantos seculos taõ clara noçaõ de espiritos separados?

(2) *Um Deos.* He injuria que se faz por alguns Authores aos Brasilienses, suppondo-os sem conhecimento de Deos, Lei, e Rei. Elles tem a voz *Tupá* com especial significaçaõ de um Ente Supremo, como sabemos dos Missionarios, e dos peritos dos seos Idiomas.

(3) *Mas se anteveseo.* Naõ admittimos em Deos sciencia condicionada, e exploratoria; mas he certo que com determinado conhecimento conhece nos objectos as suas condições, e que na execuçaõ ao menos priva da sua Graça alguns, que antevê que abusáraõ livremente della.

(4) *Espirito immortal.* Os Barbaros Americanos tem distincta idéa da Immortalidade da alma, do Paraiso, do Inferno, da Lei, &c. Veja-se o Martiniere, Osorio *de rebus Emmanuelis*, e outros. Grande argumento

contra os Libertinos, e Materialistas. Pois quem lhes transfundio estes conhecimentos, senaõ a antiga Tradiçaõ dos tempos Diluvianos, e a harmonia, que estas Tradições tem com a naturesa?

(5) *Laço eterno.* A verdade, e indelevel impressão que della sentimos no espirito, he um grande argumento da Immortalidade, a que recorrêraõ maiormente Platão, Santo Agostinho, &c. Convence-se dos costumes, e ritos dos Brasilienses a antiga persúasaõ, que tem da immortalidade da alma.

(6) *Providencia.* O argumento da pena, e castigo, que se deve aos injustos, e do premio, que se concede aos bons, he prova innegavel da immortalidade da alma, supposta a Divina Providencia, porque vemos morrer sem premio a piedade de muitos, e sem castigo a injustiça.

(7) *Destino.* He esta a invencivel, e universal prova de ser mortal a alma do bruto: porque por experiencia, e pela sua organisaçaõ vemos que tem um fim limitado, temporal, e ordenado a servir o Homem na vida mortal. Tudo ao contrario ao Homem mesmo.

(8) *E se immortal nascêra.* A Immortalidade por naturesa, e essencia he privilegio da Divindade. Adão nasceo immortal por graça.

(9) *Canções*. Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas Canções Brasilienses indicio de Religiaõ. Mas supponho bem que naõ veria todas; e creio que seja impossivel terem elles conservado as Tradições, que o mesmo Author confessa, sem este, ou igual meio.

(10) *Que nos decreta*. Todos estes ritos, que subsistem nos Americanos, convencem que as almas sobrevivem aos corpos, e que são por tanto immortaes.

(11) *Tamandaré*. Noé, segundo as noções do Diluvio que depois veremos.

(12) *Montanhas*. Crem os Brasilienses que no meio das montanhas, que dividem o Brasil do Perú, ha valles profundissimos, aonde saõ punidos os impios. Idéa expressa do Inferno, em que concordaõ com todas as gentes, e dão claro sinal nesta persuasaõ de saberem-no por Tradiçaõ original dos primeiros, que povoaraõ a America. Não póde haver argumento mais conveniente para encher de confusaõ os Deistas, Libertinos, e Materialistas. Uma Tradição tão antiga, taõ firme nestes barbaros, he ella uma invençaõ por ventura de alguns homens supersticiosos, e impustores das Nações d'Asia, ou da nossa Europa?

(13) *Alem da grã montanha*. Os Barbaros

crêm que haja lugar destinado para premio dos bons, e collocão-no além das montanhas do Perú.

(14) *Uma ave.* Persuadem-se os Brasilienses haver uma ave, que chamão Colibri, a qual leva, e traz noticia do outro Mundo. Argumento innegavel da sua crença sobre a Immortalidade da alma.

(15) *Memoria.* Naõ tem os Indigenas do Brasil idéa da Creaçaõ, mas só de Noé, e do Diluvio, e mui confusa dos homens ante-diluvianos. Tudo argumento para convencer aos Incredulos da Historia Sagrada, e do Diluvio universal nella referido. Veja-se Sebastiaõ da Rocha Pitta, e Francisco de Brito Freire na Historia Brasilica.

(16) *Araras.* Entende o Poeta os montes Arat, onde ficou a Arca.

(17) *O claro Sol.* Entende os Africanos, que ficão ao Oriente da America.

(18) *Que se em vós houve.* A maior parte destes sinaes se achaõ nos Tartaros da Coréa, e em outros Salvagens fronteiros a California. Nem duvidamos que estes, gelando-se alli os mares, passassem ao continente da America pela parte mais Septentrional.

(19) *Nunca se ouve.* O juramento, blasfemia, e imprecação saõ vicios ignorados entre os nossos salvagens: e rarissimos entre os Tartaros.

(20) *Do humano.* Não ha indicio de Sacrificio nos Indigenas Brasilienses : mas sendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, persuadimo-nos que a solemnidade dos homicidios nos habitantes do Sertaõ he um vestigio dos Sacrificios costumados entre os mais Americanos.

(21) *Sacrifica.* O Sacrificio he com effeito uma destruição da victima, e, como expiatorio, satisfazia á justiça com o sangue.

(22) *Ha Senado.* Todos os que escrevem os costumes dos Bresilianos, confessaõ que presidem ao seo governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldêas : e que outra cousa he o Senado ?

(23) *Tabas.* Assim chamaõ os Brasilienses ás suas Aldêas. Veja-se o Diccionario da Grammatica, e lingua Brasilica na voz *Taba.*

(24) *Ministros são.* Especie de Sacerdocio nos Brasilianos : e consta que os Povos concorrem para o seo sustento com offertas.

(25) *A sentença elle a dá.* Os Authores da Historia Brasilica descobrem nos Barbaros do Sertaõ a Lei celebre de Talião. Da mesma sorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o incesto, em primeiro, e segundo gráo.

(26) *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma

que os Brasilienses Celibes não guardão alguma honestidade. Será dissolução da gente barbara: mas a constante Tradição de conjugarem-se em matrimonio he argumento, de que repugna aos seos costumes a Venus vaga, e sem freio.

(27) *Nos officios dos Pais.* He a rasaõ sufficiente por onde se faz illicito o incesto. Repugna á Patria Potestade servir á Esposa, e entregar-lhe o poder sobre o seo corpo, sendo ella sua filha; isto he, inteiramente sujeita ao seo dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.* Rasaõ sufficiente, por onde repugna aos Direitos da Sociedade o incesto em segundo gráo. Impediria o commercio, e confederaçaõ do Genero Humano o restringirem-se os matrimonios aos irmãos: e naturalmente se restringiriaõ pela occasiaõ, se fossem licitos.

(29) *Sumé.* O Padre Nobrega, primeiro, e insigne Missionario do Brasil, refere quanto aqui dizemos do Apostolo S. Thomé. Veja-se, o Padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, escrevendo a vida do mesmo Nobrega.

CANTO IV.

I.

Era o Invasor nocturno um Chefe errante;
Terror do Sertaõ vasto, e da marinha;
Principe dos Caetés, Naçaõ possante;
Que do Graõ Jararáca ao nome tinha:
Este de Paraguaçú perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha:
Impeto que á rasaõ batendo as azas,
Apaga o claro lume, e accende as brasas.

II.

Dormindo estava Paraguaçú formosa,
Onde um claro ribeiro á sombra corre;
Languida está, como ella, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buscando a frescura deleitosa.
De um grão maracujá, que alli discorre,
Recostava-se a bella sobre um posto,
Que encobrindo-lhe o mais, descobre o rosto.

III.

Respira taõ tranquilla, tão serena,
E em languor taõ suave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Repousa, dando pausa á doce vida:
Alli passar a ardente fésta ordena,
O bravo Jararáca a quem convida,
A frescura do sitio, e sombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

IV.

No diafano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'agua buliçosa,
Tremulando a bellissima figura,
Pasma, nem crê que imagem taõ formosa
Seja cópia de humana Creatura;
E remirando a face prodigiosa,
Olha de um lado, e d'outro, e busca attento,
Quem seja Original deste portento.

V.

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co's olhos na gentil donzella;
Fica sem uso d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem se occupa em vella:
Ambos fóra de si, desacordado
Elle mais, de observar cousa taõ bella,
Ella absorta no somno, em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI.

Quizera bem fallar, mas naõ acerta,
Por mais que dentro em si fazia estudo:
Ella de um seo suspiro olhou, desperta;
Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
Levanta-se a donzella mal cuberta;
Tomando a rama por modesto escudo;
Poz-lhe os olhos entaõ, porém taõ féra,
Como nunca a bellesa ser podéra.

VII.

Voa, naõ corre pelo denso mato
A buscar na cabana o seo retiro;
E indo elle a suspirar, vê que n'um acto,
Em meio ella fugio do seo suspiro:
Nem torna o triste a si por longo trato,
Até que dando á magoa algum respiro,
Por saber donde habite, ou quem seja ella,
Seguio, voando, os passos da donzella.

VIII.

De Taparica um Principe possante,
Que domina, e dá nome á fertil Ilha,
Veio em breve a saber o cégo amante
Ter nascido a formosa maravilha:
Pedio-lha Jararáca, vendo diante,
Ao lado de seos Pais, a bella filha:
Convem todos; mas ella não consente,
Porque a mais aguardava o Ceo potente.

IX.

Ardendo, parte o bravo Jararáca
D'ansia, de dor, de raiva, de despeito;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com sombras na rasão, fúrias no peito:
E vendo a chamma, o Pai, q' naõ se aplaca,
Por dar-lhe Esposo de maior conceito,
Por Consorte Gupeva lhe destina,
Com quem no sangue, e estado mais confina.

X.

Logo que por cem bocas vaga a fama
Do Esposo eleito a condiçaõ divulga,
Irado o Caeté, raivando brama;
Arma todo o Sertão, guerra promulga,
Tudo accendendo em bellicosa chamma,
Investir por suspresa astuto julga,
Com que a causa da guerra se conclua,
Ficando Paraguaçú ou morta, ou sua.

XI.

Mas sendo de improviso em terror posto,
E ouvindo do arcabuz a fama, e effeito,
Não permitte que o susto assome ao rosto,
Mas reprime o temor dentro em seo peito:
Convoca um campo das Nações composto,
Com quem tinha alliança em guerra feito;
E excitando na plebe a voraz sanha,
Cobre de Legiões toda a campanha.

XII.

Em seis brigadas da vanguarda armados,
Trinta mil Caetés vinhão raivosos, (1)
Com mil talhos horrendos deformados,
No nariz, face, e boca monstruosos:
Cuidava a bruta gente que espantados
Todos de vellos, fugirão medrosos;
Feios como Demonios nos acenos,
Que certo se o não são, são pouco menos.

XIII.

Da gente féra, e do brutal commando
Capitão Jararáca eleito veio;
Porque na catadura, e gésto infando
Entre outros mil horrendos he o mais feio:
Que uma horrivel figura peleijando,
He nos seos bravos militar aceio;
E traz entre elles gala de valente,
Quem só com a cara faz fugir a gente.

XIV.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto,
Tinta de escura noite a fronte impura;
Negreja-lhe na testa um cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura.
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta sobre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa do meio do cabello a coroa.

XV.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto Esquadraõ da crua gente;
Cupaiba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
Á roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que he já mais que cordão longo vestido.

XVI.

Urubú, monstro horrendo, e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma; (2)
Por toda a parte lhe incúbria tudo
Com terrivel figura a hirsuta coma:
Monstro disforme, horrẽdo, alto, e mẽbrudo,
Que a imagem do Leaõ rugindo toma,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que he formoso a par d'elle um Polyfemo.

XVII.

Fogem todo o commercio da mais gente;
Ou se se vissem a tratar forçados,
Que lhe possaõ chegar nenhum consente,
Senão trinta, ou mais passos apartados:
Se alguns se chegaõ mais, por imprudentes,
Como Leões, ou Tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos forão,
E a carne crua, crua lhe devoraõ.

XVIII.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no fréchar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via
Lhe erravão tiro de volante frécha:
Era de pluma o manto, que o cobria;
De pluma um cinto, que ao redor se fecha;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

XIX.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util he na agricultura,
Que valente em batalhas com a espada:
Tomárão estes, como proprio cura,
De viveres prover a gente armada;
Quaes torravaõ o Aipí; quem mandiocas; (3)
Outros na cinza as candidas pipocas.

XX.

O bom Sergipe aos mais confederado
Comsigo conduzia os Petiguares;
Que havendo pouco d'antes triunfado,
Tem do dente inimigo amplos collares:
Seguem seo nome em guerras decantado
De gentes valerosas dez milhares,
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavão com balas o bodoque.

XXI.

Nem tu faltaste alli, Grão Pecicava,
Guiando a Carijo das aureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teo rio desenterras:
Torraõ, que do seo ouro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito em fim baixo, e mal presado,
O nome teve, de ouro inficionado. (4)

XXII.

Muitos destes he fama que trasiaõ
Desde alto cerro, que habitavaõ d'antes,
Com pedras, que nos beiços embotiaõ
Formosos, e bellissimos diamântes:
Outros aureos topasios lhe ingeriaõ;
Alguns safiras, e rubins flammantes;
Pedras que elles despresão, nós amamos;
Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII.

O feroz Sabará move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos;
Deixárão seu terreno deleitoso,
Por matos dentos, pantanosos charcos;
E ouvindo dos canhões horrendo estouro,
Passárão desde o mar ás minas do ouro.

XXIV.

Seguia-se nas forças tão robusto,
Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
Hum, que com fogo sobre o torpe busto
Dous Tigres esculpíra combatendo:
Este he o bravo Tatú, q' enche de susto (5)
Tudo, c' o Grão Tacápe accommettendo;
E que mil cutiladas dando espessas,
Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV.

Debaixo do seu mando em dez fileiras
Doze mil Itatis formados hião;
Surdos, porque habitando as cachoeiras,
Com o grão rumor d'agua ensurdecião:
Pêdem os seus marraques por bãdeiras (6)
De longas astes, que pelo ar batião,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

XXVI.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo:
Frechas, e arco no braço armipotente;
Nas mãos um dardo de páo santo agudo;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
Conduz ao campo o forte Sapucaia :
Dez mil que tem furada a longa orelha,
São Amazonas de feminea laia :
He o amor conjugal que lhe aconselha
A descer dos Sertões á vasta praia,
Por achar-se nos lances mais temidos,
Ao lado sem temor dos seus maridos.

XXVIII.

Brava matrona de córagem cheia,
A quem o marcio jogo não perturba,
Na forma bella, mas por arte feita,
Vai commandando na feminea turba :
Derão-lhe o nome os seus da Grã Baleia;
Nome, que ouvido os barbaros disturba;
De namorados uns, que a tem por bella;
Mas outros com mais causa por temella.

XXIX.

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa,
Retumbando com éco a voz horrenda
De um grosseiro instrumento, q' a arma soa,
Com que se inflamma entre elles a contenda:
E quando o horrivel som mais desentoa,
Faz que no peito mais furor se accenda;
De retrocidos páos são as cornetas;
De ossos humanos frautas, e tronbetas.

XXX.

Com batalhões a espaços separados
Triplicado cordão se vê composto;
E em silencio admiravel ordenados,
Ao redor vão do outeiro em meio posto;
Costuma um Orador fallar-lhe a brados,
E ardendo-lhe mil furias sobre o rosto,
O ar co-a espada furibundo corta,
E a conbater valente a turba exhorta.

XXXI.

Jararáca no mando então primeiro,
Ao Sacro, e sivil rito presidia,
E no mais alto do sublime outeiro
Entre hum Senado ancião se distinguia:
Aos outros na estatura sobranceiro
A's costas de hum Tapuia, que o trazia,
De um lado a outro magestoso corre,
E com geral silencio assim discorre.

XXXII.

Paiaias generosos, hoje he o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado;
Em que mostreis que a vossa valentia
Não receia o trovão, subjuga o fado:
Sabeis que de Gupeva a cobardia
Por Filho do trovão tem acclamado,
Hum Inboaba, que do mar viera, (7)
Por um pouco de fogo que accendera.

XXXIII.

Postrado o vil aos pés desse Estrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhosa,
E corre voz que o adora lisongeiro;
E até lhe cede com o sceptro a Esposa:
E que póde nascer do erro grosseiro,
Senão que em companhia numerosa
As nossas gentes o Estrangeiro aterre,
E que a uns nos devore, outros desterre?

XXXIV.

Se o Sacro ardor, que ferve no meo peito,
Não me deixa enganar, vereis que hum dia
(Vivendo esse impostor) por seo respeito
Se enchêra de Imboabas a Bahia:
Pagárão Tupis o infano feito,
E vereis entre a bellica porfia
Tomar-lhe esses estranhos já vizinhos,
Escravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV.

Vereis as nossas gentes desterradas
Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
Levando para além do mar profundo
Nossos filhos, e filhas desgraçadas;
Ou quando as deixem cá no nosso Mundo,
Poderemos soffrer Paiaias bravos,
Ver filhos, mãis, e pais feitos escravos?

XXXVI.

Mas teme o seo trovaõ : e tanto opprime
O medo áquelle vil, que naõ pondera
Que por esse trovaõ, que naõ reprime,
Ha de ver cheia de trovões a esfera?
Que grande mal será, se o raio imprime?
Se o Mundo por hum raio se perdêra,
Susto pudera ter, cobrar espanto:
Porém morre de medo, que he outro tanto.

XXXVII.

Eu só, eu proprio no geral desmaio
Ao relampago irei sem mais soccorro;
E quando elle dispare o falso raio,
Ou descubro a impostura, ou forte morro:
Será de nigromancia um torpe ensaio,
Com que o astuto pertende, ao que discorro,
Fazer que a nossa tropa desfalleça,
Antes que a causa do terror conheça.

XXXVIII.

Que se for (q' o naõ creio) o estrondo infado
Do sublime Tupá triste ameaça,
Fará como costuma, trovejando,
Que matando um, ou outro a mais naõ passa:
Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
A um homem como eu, nada embaraça:
Se for mortal quem causa tanto aballo,
Por meio ao proprio raio irei matallo.

XXXIX.

Sú, valentes; sú, bravos companheiros,
Tomai coragem: que será no extremo;
Embora seja um raio verdadeiro:
Senaõ he Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que for o author primeiro,
Como naõ seja o Creador Supremo,
Naõ ha fórças creadas que nos domem;
Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL.

Disse o Graõ Chefe assim, e entre os furores,
Com a maõ, que já tinha levantada,
Bate na espadoa aos Principes maiores,
E dá-lhes *Orfú* dizendo, uma palmada: (8)
Huns nos outros as deraõ naõ menores;
Que assim se incita a multidaõ armada:
Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
Bem que foraõ seos raios verdadeiros.

XLI.

Jararáca depois (que he Sacro Rito)
Lança furioso as mãos a quanto abrange;
E abrindo a enorme boca em fero grito,
E escuma, e tréme, e ruge, e os dentes ránge.
Como do mal Herculeo o enfermo afflicto
A convulsaõ a retrocer constrange;
Depois fallando aos Principes, bafeja,
E o espírito de força lhe deseja.

XLII.

Ceremonia esta foi de patrio uso,
Vestigio nacional da antiga idade;
Que acaso corrompeo magico abuso,
Tendo talvez principio na piedade:
Retumba do marraque o som confuso;
E pondo em alto o seo, com gravidade,
Á insignia, no chaõ tudo se inclina,
Como a final de cousa mais Divina. (9).

XLIII.

Corresponde o belligero instrumento
Da feral frauta ao barbaro marraque;
E promulgando a marcha aquelle accento,
Tudo em ordem se poz ao fero ataque:
Marchaõ contra Gupeva, com intento
De metter nas cabanas tudo a saque;
E porque tudo assombrem com terrores,
Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
Sendo a invasaõ nocturna rechaçada,
Convocaõ-se recrutas, fazem leva
De Tropa nacional, e da alliada.
Em quanto Diogo, a quem a acçaõ releva,
Toma na gruta a polvora guardada;
E em varios fogos, que arrojou volantes,
Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV.

Era a Bahia então, donde imperava
O bom Gupeva, povoada em roda,
Pelos Tupinambás; de quem contava
Trinta mil arcos, brava gente toda:
Taparica seis mil valente armava;
E por cumprir-se a promettida boda,
Mil Amazonas mais á guerra manda:
Paraguaçú gentil todas commanda.

XLVI.

Paraguaçú, que de Diogo Esposa
(Porque mais Jararáca se confunda)
Hia a seo lado a combater briosa,
Nem teme a multidão, que o campo innunda:
Usa com ella a Tropa bellicosa
Da vulgar setta, do bodoque, e funda;
Leva a Amazona um rigido colete;
E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII.

Com estas fórças só (que mais recusa)
Sahe Diogo á campanha guarnecido,
Nem soffre a fórma do marchar confusa;
Mas tudo tem com ordem repartido:
Outro corpo maior do que não usa
Deixa em guarda das Tabas prevenidos;
Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras,
Tuminavis, Tamoyos, Canucejaras,

XLVIII.

Não mais de duas leguas adiantando,
O arraial se alojava de Diogo;
Quando o ardente Planeta vai queimando
A torrida regiaõ com vivo fogo;
E em quanto espira no ar Zefyro brando,
Buscando n'uma sombra o desaffogo,
Medita a grande acçaõ, mede o perigo,
Nem despresa por barbaro o inimigo.

XLIX.

Vê bem que espanto causa a invençaõ nova;
Mas que o tempo consome a novidade;
Tem sim um peito, d'aço feito á prova;
Mas vendo do inimigo a immensidade,
Por mais que balas o mosquete chova,
Reconhece em vencer difficuldade;
Tendo notado já na bruta gente,
Que era tão contumaz, como valente.

L.

Pensava assim com reflexão madura,
Quando á roda do outeiro divisava
Densa nuvem de pó, que em sombra escura
A multidaõ confusa levantava:
Não cessa um ponto mais: tudo assegura,
E sem temer a turba que observava,
Marcha a ganhar o alto, e posto á frente,
Deo á Tropa em cordão por centro o monte.

LI.

Já se avistava o barbaro tumulto
Das inimigas Tropas em redondo;
E antes que emprendão o primeiro insulto,
Levanta-se o infernal medónho estrondo:
Os marraques, uapis, e o brado inculto (11)
Todos um só rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na esplanada,
Como faz na tormenta uma trovoada.

LII.

Tu, rapido Pagé, foste o primeiro,
De quem o negro sangue o campo innunda;
Que com seres no salto o mais ligeiro,
Mais ligeira te colhe a cruel funda:
Paraguaçú lh'atira desde o outeiro;
Chovem as pedras, dè que o monte abunda;
E do lado, e de cima do cabeço,
Tudo abatem com tiros de arrèmeço.

LIII.

Não ficou no combate em tanto ociosa
A fréсha do inimigo, que o ar encobre;
Começa Jararáca a acção furiosa,
Dando estimulo ousado ao valor nobre:
E a turba de Diogo receosa
Foge do Grão Tacápe, onde o descobre:
Que tanto estrago faz, que qualquer féra
Maior entre cordeiros naõ fizera.

LIV.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante:
Jacaré, que se os Tigres combatia,
Tigre não ha, que lhe estivesse avante.
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a fórma do barbaro arrogante,
Que com pele coberto de panthera,
Ruge com mais furor, que a propria féra.

LV.

A vista-se um co' outro: a massa ardente
Deixão cahir com barbaro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido:
Aparou Jacaré no escudo ingente
Um duro golpe, que o deixou partido;
E em quanto Jararáca se desvia,
Quebra a massa no chaõ, com que o batia.

LVI.

Nem mais espera o Caeté furioso,
E qual Onça, no ar, quando destaca,
Arroja se ao contrario impetuoso,
E um sobr'outro co'as mãos peleja atraca:
Não póde discernir-se o mais forçoso;
E sem mover-se em torno a gente fraca,
Olhaõ luctando os dous no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII.

Porém em quanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega:
Sobre o chaõ um com outro ás voltas hia;
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que rota a cabeça o triste espira.

LVIII.

Nem mais espera de Gupeva a gente;
Porque voltando em rápida fugida,
Deixaõ nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'uma acçaõ vencida:
Naõ tarda mais Diogo já presente;
E tendo ao lado a Esposa protegida,
Do outeiro desce, donde tudo observa,
E invade armado a barbara caterva.

LIX.

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços
Paraguaçú valente ao lado delle,
Muitos mandava aos lugubres espaços:
Semeando por donde o golpe impelle
Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços;
Nem um momento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX.

O membrudo Pai com tres potentes
Robustos filhos degollou co'a espada;
E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
Tendo a mão para o golpe levantada,
Com dous revezes, que lhe atira ardentes,
Deixou pendentes no ar co'a mão cortada;
Babú de um talho que a affastalla veio,
Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI.

Muitos sem nome despojou da vida,
E a quanto encontra o ferro naõ perdoa:
Qual se os cachorros perde embravecida,
No caçador se arroja a féra Leoa;
Entre mil dardos, de que a tem cingida,
Dando-lhe azas a dor, saltando voa,
E ruge, e morde, e no q' encontra embarra;
E onde naõ póde o dente, imprime a garra.

LXII.

Tal a forte donzella move a espada,
Ou talvez lança mão do dardo agudo,
E de mil, e mil golpes fulminada,
Rebate todos no colete, e escudo:
As Amazonas, de que vem rodeada,
Vendo sobre a Heroina correr tudo;
Onde quer que os contrarios se apresentaõ,
Accommettem, degollaõ, e affugentaõ.

LXIII.

Por outro lado o valeroso Diogo
A multidaõ dos barbaros subjuga,
E uns precipita no tartareo fogo,
Outros obriga com terror á fuga:
Mas uns detem c'a espada, outros com rogo
Urubú, que do sangue a fronte enxuga;
E oppondo-se entre os mais a Diogo ardente,
Restitue a batalha, e anima a gente.

LXIV.

Urubú que na brenha exercitado
Um Tigre, que na caça á mãi roubára,
Tendo-o junto de si domesticado,
A combater comsigo acostumára:
Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
Entre as prezas crueis, que arreganhára,
Hia a pezar dos ferreos embaraços,
Com garra, e dente a pollo em mil pedaços.

LXV.

Mas o Heróe bem que de outros investido,
Em quanto a fera no ar saltando tarda,
Tendo-se ao fero assalto prevenido,
Dispara-lhe na fronte uma espingarda:
E qual raio de nuvem despedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Tremula ao golpe a vacillar começa,
Salta-lhe em sima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI.

Ao estrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
Á fumaça do tiro occasionada;
Ao ver o busto sobre o chaõ tremendo,
E a terrivel cabeça sobre a espada;
A immensa multidão que o estava vendo,
Cahe por terra sem animo assombrada:
E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
Ao Graõ Caramurú todos se rendem.

LXVII.

Jararáca entre tanto que seguíra
Os que fugíraõ no primeiro insulto,
Por encontrar Gupeva tudo gyra,
Que nas cabanas se embosçára occulto:
Hia-o buscando o barbaro, que ouvira
D'aquella parte o bellico tumulto,
Com tençaõ de expugnar a Taba ingente,
Matar Gupeva, e cativar-lhe a gente.

LXVIII.

Na toca algum das arvores immensas,
Alguem em meio as ramas se escondia;
Muitos, ao emboscão pelas selvas densas,
Outros em covas profundas que sabia:
Porque andando em continuas desavensas,
Qualquer ao novo asylo recorria;
Onde, entrando o inimigo, sem prevello,
Sabem de toda a parte a accommetello.

LXIX.

Em quanto a selva passeava escura
De immortaes arvoredos rodeada,
Foi Jararáca que a cuidou segura,
Ferido sobre o pé de uma frechada:
Ficou-lhe a planta sobre a terra dura,
Em tal maneira com o chaõ cravada,
Que por mais que arrancalla dalli prove,
Despedaça-se o pé, mas naõ se move.

LXX.

Corre a turba a salvallo, e em continente
Voaõ mil settas desde a espessa rama,
E cad'arvore alli do bosque ingente
Um chuveiro de tiros lhe derrama:
Cada tronco he um castello ao lado, e frente
A occulta multidaõ bramindo clama;
E o resto, que em cavernas se escondia,
Ao rumor da victoria concorria.

LXXI.

Já mal resiste o Caeté cercado;
E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
Um corpo de reserva trouxe armado,
Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
Vendo que outro remedio o naõ soccorre,
Por ter a vida, e liberdade franca,
Deixa parte do pé e a setta arranca.

LXXII.

Nos braços vai dos seos mal defendido;
Mas com a massa, que menea horrenda,
Reprime forte o barbaro atrevido,
Porque naõ haja quem se acoste, e o prenda:
E tendo a sorte o caso decidido,
Cede raivoso da cruel contenda;
E ao Sertaõ retirado naõ descança,
Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII.

Paraguaçù porém de gloria avara
Seguia na victoria o genio activo;
E incauta de Diogo se apartára,
Cortando a retirada ao fugitivo:
Anima a multidaõ, que se emboscára,
Pessicava potente, por motivo,
Se prevalecesse a fórça do contrario,
De acudir ao soccorro necessario.

LXXIV.

Este vendo a donzella valerosa
Turbar com furia a gente amedrontada,
Desde o alto lança da arvore frondosa
Grosso ramo, que cahe de uma pancada,
Debaixo delle a Heroina valerosa,
Co' grande peso pelo chaõ prostrada,
Ficou falta de alento, e simiviva,
Nas mãos do cruel barbaro cativa.

LXXV.

Corre a turba feroz contra a donzella,
Que depois que das armas deixa o pezo,
Descobre a todos a presença bella,
E fica quem a prende ainda mais preso.
Da rude multidaõ, que corre a vella,
Ha quem dê a ver tão linda fica acceso,
Outro que de a ter visto em guerra armada,
Ainda a teme com vella desmaiada.

LXXVI.

Logo que respirou, de novo ar tomando,
Sente no coraçaõ mais desaffago,
E alento pouco a pouco vai cobrando,
Até que entrando em si, chama o seo Diogo:
Mas na turba que a cérca reparando,
Conhece-se cativa, e desde logo
N'outro fero desmaio fica absorta;
E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVII.

Salvagem ha que cuida de comella,
Nem muito se está morta se assegura;
E com furia voraz contra a donzella,
A gula accende com a chama impura:
Nem presar-se costuma a fórma bella
No fero coraçaõ da gente dura;
E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
Choraõ muito, e depois assaõ-no, e comem.

LXXVIII.

Paté com este intento a degolára,
Se a bella Mangerita que isto via,
Desde o mato escondida o naõ frechára,
Deixando-lhe suspensa a mão que erguia:
Um troço de Amazonas volta 'a cara,
E a peleja de novo se accendia;
Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
O prego da victoria neste enleio.

LXXIX.

Cotia, que marchára sempre ao lado
Da desmaiada Heroina, em paz, ou guerra,
Por vingar, ou remir o corpo amado,
Co' fulmineo Tacape o campo aterra:
Piâ, Cipô, Açû deixou prostrado,
E faz que a Grã Balêa morda a terra,
Balêa, que a commettêra vingativa,
Por guardar a donzella semiviva.

LXXX.

Nem tu, ó Guarapiranga, á mão formosa
Podeste evadir na horrivel lucta,
Que em quanto a Imbia soas horrorosa, (13)
Com que ás armas se accende a gente bruta.
Cotia com a espada valerosa,
A musica feral, que te escuta,
Nos Antros retumbar te faz do Averno
Melodia, que he digna só do inferno.

LXXXI.

Tudo cede a Amazona, e já salvava
Paraguaçú mortal da gente fera,
Quando o Graõ Pessicava, que observava
O estrago, que a Amozona alli fizera:
Accommette o esquadraõ com furia brava,
E tudo affugentando o tempo espera,
Em que a impulso do braço alcance forte
Degollar a Cotia de um só córte.

LXXXII.

Espera ella sem medo, apenas víra
Do barbaro feroz o golpe incerto;
E velòz a uma toca se retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
Porém repete alli com maior ira
Pessicava outro golpe, e por acerto
Na valerosa Paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia este ritiro.

LXXXIII.

Em quanto entrava o barbaro, e na lucta
Um, e outro se abraça; o forte Diogo
Que o caso da sua bella infausto escuta,
Toma a espingarda, e parte em furia logo:
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina se deo fogo,
Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
Tal se envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV.

Tinha affogado Pessicava, em tanto
A Amazona infeliz, e a mão lançava
Já de Paraguaçú, que no quebranto
Apenas levemente respirava:
E eis-q' inventando Diogo um novo espanto,
Traz um tambor, que horrisono soava;
E logo que o arcabuz com bala atira,
Cahe Pessicava, e morde o chão com ira.

LXXXV.

Mais não espera a tímida manada,
Ouvindo o estrondo, e os horridos effeitos:
Quem parte logo em furia declarada;
E quem lhe rende humilde os seus respeitos:
Paraguaçú porém desassombrada,
Sendo os contrarios com terror desfeitos,
Acordou n'um suspiro, e solta vio-se;
E conhecendo Diogo, olhou-o, e rio-se.

(1) *Caetés*. Gentio ferocissimo, que infestava o Sertão da Bahia.

(2) *Ovecatis*. Nação ferissima.

(3) *Aipí*. Raiz de que se faz uma especie de farinha. *Mandioca* outra similhante. *Pipocas* chamão o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas.

(4) *Inficionado*. Povo importante das Minas do Mato dentro; chamado assim, porque o ouro, que tinha mui subido, perdeo os quilates mais altos, e ficou chamando-se ouro inficionado. Assim o soube o Poeta dos antigos d'aquella Paroquia, de que elle he natural.

(5) *Tacápe*. Espada de páo ferro, ou similhante, de que usão os Barbaros.

(6) *Marraque*. He uma haste, de que pende um cabaço, ou coco cheio de pedras miudas, que sacudindo-o fazem rumor. He insignia Sacerdotal, e Militar entre estes Barbaros.

(7) *Imboaba*. Nome, que dão aquelles Barbaros aos nossos Europeos.

(8) *Palmada*. Rito Militar, com que se exhortaõ á guerra.

(9) *Divina*. Usão nas suas solemnidades os Barbaros de um marraque, ou haste (já em outra parte descripta) que pelas circunstancias parece insignia religiosa.

(10) *Tupinaquis*., &c. Nomes das Nações do Sertão.

(11) *Uapis.* Instrumento, que tocaõ nas batalhas.

(12) *Inubia:* Especie de corneta usada dos Brazilienses.

CANTO V.

I.

Debil entanto a luz sobre o Horizonte,
Os seus tremulos raios apagava,
E desde o Occidental immenso monte,
A noite pelas terras se espalhava:
Morfeo deixando os antros de Aqueronte,
No seio dos mortaes se derramava;
Mas da barbara gente que fugia,
Só s'entregava ao somno a que morria.

II.

Fatigado Diogo ao lado estava
Da bella Esposa n'uma grã floresta;
Nem ao precizo somno lugar dava
Na intenção de a guardar da gente infesta:
Hum do outro os successos escutava,
Nutrindo em novo fogo a chamma honesta,
Que depois que hum triunfa do inimigo,
Faz-se doce a memoria do perigo.

III.

Ao resplendor da Lua que sahia,
Misturava-se o horror com a piedade,
Porque em lagos de sangue só se via
Sanguinolenta horrivel mortandade:
O valle igual ao monte parecia,
E do estrago na vasta immensidade,
O outeiro estava, donde foi o assalto,
Com montes de cadaveres mais alto.

IV.

Não pode vello a bella Americana,
Sem que a tocasse hum triste sentimento;
E ou fosse condição da gente Humana,
Ou do seu sexo hum proprio movimento:
Chorou piedosa a sorte deshumana,
Dos que apartados do terreno assento
Jazião, como ouvira de Diogo,
Nas lavaredas de hum eterno fogo.

V.

E como (compassiva disse) he crivel
Que hum Deos, como me pintas, bom, e amavel,
Sabendo o que ha de ser, e o que he possivel,
Nos crie para fim tão miseravel?
Antevendo hum successo tão terrivel,
Não parece crueldade inexcusavel
Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida dar-lhe a mente
Para vellos arder eternamente?

VI.

Quantos crear podéra que o servissem,
Deixando de crear quem o aggravasse;
Onde todos a vello ao Ceo subissem,
E as obras que produz todas salvasse?
Nossos pais se dos filhos tal previssem,
Quanto fora cruel quem os gerasse?
E creremos da excelsa Grã Bondade
Que ceda a nossos Pais na humanidade?

VII.

Segredos são (diz Diogo) da inscrutavel
Magestade de Deos: que saberemos
Do seu modo de obrar sempre ineffavel,
Se o que somos, e obramos não sabemos?
Faltando-nos razão clara, e provavel
Nos conselhos de Deos, que occultos vemos,
He bem que toda a duvida se acabe,
Porque elle póde mais, do que o homem sabe.

VIII.

Mas se ha lugar á humana conjectura
Dos possiveis na longa immensidade,
Não se podia achar huma creatura,
Que goze d'inpeccavel liberdade:
Huma firme innocencia he graça pura;
He mercê liberal da Divindade;
E quem em tanto a perguntar se attreve,
Porque lha não quiz dar, quem lha não deve?

IX.

Desde a origem da immensa Eternidade,
Que tudo sem principio ordena, e rege,
Devemos presumir da Divindade,
Que onde o Optimo encontra, em tudo o elege:
E sendo em nós tão grande a iniquidade,
Não temos cousa, que a qualquer se inveje;
Onde se os mais possiveis vendo fores,
Nós fomos os eleitos por melhores.

X.

Embora seja assim; (disse a donzella)
Mas que culpa tem estes, que o ignoravão?
Não cuida acaso Deos, que ou pouco zela
As almas, que entre nós se condemnavão?
E se não, porque causa aos mais revela
As doutrinas, que aos nossos se occultavão?
Distava mais do Céo a nossa gente,
Porque medea o mar d'Este a Poente?

XI.

Tornai a culpa a vós; e a vós sómente
(O Heróe responde assim) Se com estudo
Procurais sobre a Terra o bem prezente,
Porque nso procurais o Author de tudo?
Para o mais tendes lume, instincto, e mente;
Sómente contra Deos buscais o escudo
Em a vossa ignorancia á brutal culpa!
Essa ignorancia he crime, e não desculpa.

XII.

Porém já da fadiga desviada
Cerrava Paraguaçú seus olhos claros,
Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
Com responder prudente aos seus reparos:
Em quanto a bruta gente aprisionada,
Mostrando-se da vida nada avaros,
Dançāo, e bebem com tripudio forte,
E esperāo, como boda, a cruel morte.

XIII.

Gupeva triunfante na Grã Taba
O infausto prisioneiro á morte guia,
E antevendo que a vida se lhe acaba,
A mulher cada hum lhe offerecia:
Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
Até que quando menos se recorda,
Dous Salvagens o prendem n'uma corda.

XIV.

Soltas as mãos lhe ficão, que manêa,
Nem o tem mais que em meio da cintura
A soga de algodão, como cadêa,
Que de huma parte, e de outra os assegura:
Qual Leôa feroz na Maura arêa,
Quando o laço no ventre a tem segura,
Toda da fronte a cauda se recorre,
E ruge, e vibra a garra, e o corpo torce.

XV.

Muitos então da furibunda gente
Dizem-lhe injurias mil, com mil insultos,
Que elle se esforça a rebater valente,
Sem que receie os barbaros tumultos:
Algum alí chegando ao paciente
(Que tem por cousa vil morrer inultos)
Dá-lhe hum cesto de pedras recalcado,
Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI.

Embiára, e Mexira, dous possantes
Mancebos Caetes de hum parto vindos,
Que a Inubá dera a luz tão similhantes,
Como tenros na idade, e em gesto lindos:
Muitas donzellas, que os amárão d'antes,
Os bellos dias seus choravão findos;
Mitigando o desgosto de perdellos
Com a intenção, que tinhão de comellos.

XVII.

Estes na corda tem os da Bahia,
Dispostos a morrer no torpe abuso,
De celebrar com sangue o fausto dia
Das victimas triunfantes ao Patrio uso:
Embiára, que com arte a pedra envia,
Muitas no povo disparou confuso,
E apezar dos escudos, que põe diante,
Algum ferió da turba circunstante.

XVIII.

Huma grã pedra ao ar nas mãos levanta ;
E erguendo os braços sobre a fronte a atira :
Lança por terra alguns , outros quebranta ,
E esmaga com o pezo o grão Tapira :
Outras tres arrojou com furia tanta ,
Que se d'atorno a gente não fugira ,
Com os tiros , que o bravo lhe dispara ,
Em vingança cruel no chão ficara.

XIX.

Mexira n'outro lado era detido
Com o duro cordão ; porém sem medo ,
Ao barbaro Pyri , que o tem cingido ,
Esmigalha a cabeça com hum penedo :
Foge o Povo com pedras rebatido ;
Mas Mexira na corda atado , e quedo ,
Com tres pedaços de huma ingente roca ,
Huns derriba no chão , e outros provoca.

XX.

Sahe então Tojucáne em campo ardente ,
E ao som dos seus marraques applaudido ,
Hum cinto tem de plumas sobre a frente ,
Manto ao hombro de pluma entretecido :
Tinto de negro todo , a côr sómente
Traz natural no vulto enfurecido ;
E por meter no horror maior respeito ,
Com o beiço infrior varria o peito.

XXI.

A cara, peito, braços (vista horrenda!)
Traz com golpes crueis acutilados:
Golpes, com que o valor se recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados:
Onde se a chaga apodreceo tremenda,
Em meio do asco, e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que um não não se doe,
Este então (que ignorancia!) he o seu Heróe.

XXII.

Desta arte Tojucáne armádo vinha,
Posto ao vello em silencio, em pasmo tudo;
Atira-lhe em Biára (que ainda o tinha)
Um penedo, que rompe o forte escudo:
O Taçápe elle então desembainha,
Que de plumas ornou com bello estudo,
E encostando-se ousado á longa corda,
Aos dous fortes irmãos fallando aborda.

XXIII.

Não sois vós (disse o barbaro) traidores,
Os que a matar-nos com furor viestes,
E sem respeito aos miseros clamores,
Os nossos tenros filhos já comestes?
Somos (disserão) nós: os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendestes,
Souberamos domar: e assim cativo,
A ver-me solto te comêra vivo.

XXIV.

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
Porque de braço a braço te mediras,
Ou immovel de espanto em pé ficáras,
Ou de um só golpe (diz) no chão cahiras:
Verias bem, se agora nos soltáras,
Como logo (responde) me fugíras:
Não queira de valente ser louvado,
Quem pertende triumfar de um desarmado.

XXV.

Esse vão pensamento melhor fôra
Que tiveras, como eu, no campo, bravo;
Mas tu (diz Tojucáne) na mesma hora
Te viste combatido, e feste escravo:
Como te atreves a gloriar-te agora
Com vil jactancia, com soberbo gavo?
A quem de resistir falta a constancia,
Não fica mais lugar para a jactancia.

XXVI.

Dizendo assim na fronte a espada ingente,
Deixa o fero cahir com golpe horrendo;
Cahe por terra Biára, ainda vivente;
Mexira morto já, porém tremendo:
Mordeo aquelle o chão com furia ardente,
E em sima o matador co-pé batendo:
Morre, soberbo, diz, e serás vasto
Para nosso troféo vingança, e pasto.

XXVII.

Qual se diz que a Tifeo subjuga um monte,
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz, se junto á fonte
Toda em nós quebrantada se comprime:
Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
Que ergue, vibrando a lingoa, no ar sublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o espirito exhalado ás sombras manda.

XXVIII.

Chega ás cruentas victimas chorosa
Feminea tropa, que com dor lamenta;
E urlando todas com a voz maviosa,
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois d'aquella lastima enganosa,
Qualquer junto aos cadaveres se assenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX.

Chamão *moquem* as carnes, que se cobrem,
E a fogo lento sepultadas assão;
Tudo em sima com terra, e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha façaõ:
Em tanto as voltaõ, cobrem, e descobrem,
Até que do calor se lhe respassaõ:
Detestavel empreza, que escondiaõ
Da indignaçaõ de Diogo, a quem temiaõ.

XXX.

Foi avisado o Heróe do acto execrando,
Horrivel pasto da naçaõ perversa,
E a maneira opportuna meditando
Da barbara funçaõ deixar dispersa:
Mil fogos de artificio hia espalhando,
De horrivel fórma, e de invençaõ diversa:
Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje
Deixa o pasto cruel, e ao mato foge.

XXXI.

Confusa a insana gente do successo,
Do Graõ Caramurú temia a vista,
Foge Gupeva de terror oppresso,
Nem sabe, em que maneira ao mal resista:
Mas o novo pavor na gente impresso
Mitiga Paraguaçú, que o damno avista,
Se, como teme, o Povo de espantado,
O terreno deixasse abandonado.

XXXII.

Jararáca entretanto conduzido
Dos bravos Caetés á Taba nota,
Diligente curava o pé ferido,
E em reparar cuidava a grã derrota:
E havendo no conselho a liga unido,
As forças representa, os meios nota,
E Nigromante crê por perda tanta
O Graõ Caramurú, que o fogo encanta;

XXXVI.

Saõ n'agoa, terra, e mar mui differentes
Os Anhangás, que reinaõ divididos:
Uns, que só no ar, e fogo saõ potentes,
Causaõ ventos, trovões, raios temidos,
O terremoto, e péstes sobre as gentes
Movem outros na terra conhecidos:
Este porém, que ao estrangeiro acode,
N'agua naõ poderá, se em fogo pode.

XXXVII.

Parece á rude gente este discurso,
Segundo os seus principios concludente;
E ouvido com applauso no concurso,
Votão na execução concordemente.
Toma a guerra portanto um novo curso,
E ao mar se envia a bellicósa gente;
Nem Capitaõ ha mais, nem ha pessoa,
Que naõ se embarque em rápida canoa.

XXXVIII.

Chamaõ canoa os nossos nesses mares
Batel de um vasto lenho construido,
Que excavado no meio, por dez pares
De remos, ou de mais voa impellido:
Com tropas, e petrechos militares,
Vai de impulso taõ rápido movido,
Que ou fuja da batalha, ou a accommetta,
Parece mais ligeiro que uma setta.

XXXIII.

Já na grã Taba os barbaros se ajuntaõ,
Onde contra Diogo arte se estude,
E por Magos famosos, que perguntaõ,
Recorriaõ de encantos á virtude:
Os Nigromantes vem que os corpos untaõ,
E nos susurros do seu canto rude
Esperaõ que tambem ao forte Diogo,
Matando privem do temido fogo.

XXXIV.

Hum delles, que por sabio se acredita,
Naõ ha (disse) quem possa a ardente fragoa
Apagar no trovaõ, que o raio excita,
Lastimosa occasiaõ da nossa mágoa:
Que se o antídoto ao fogo se medita,
Mais natural naõ ha que lançar-lhe agoa:
Dentro n'agua se apaga o fogo ardente;
E este he o meio, que occorre de presente.

XXXV.

Contra as vossas canôas não se atreve
O Filho do Trovão, se desce ao porto;
Vós o vereis sem força em tempo breve
Sahir, qual já sahio das agoas morto:
Ninguem ha, que naõ saiba como esteve,
Quando o encontramos naufrago no porto:
Nem usou do trovão, que espanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.

XXXIX.

Concorrendo as Nações do Sertaõ junto,
Trezentas, ou mais arma Jararáca;
E tendo escolha, porque o Povo he munto,
Deixa em terra das gentes a mais fraca.
E sendo da Bahia taõ conjuncto
O ilheo de Taparica, este se ataca,
Na esperança que Diogo acudiria,
Vendo o sogro em perigo, que o regia.

XL.

Repousava sem susto Taparica;
E confiado em Diogo, e na victoria,
Gozava de uma paz tranquilla, e rica,
Depois que a guerra terminou com gloria;
E quando a roca Inubia arma publica,
Taõ longe tinha as armas da memoria,
Que ignorando em sosego os seus perigos,
Nas maõs se foi metter dos inimigos.

XLI.

Prendem o inerme Chefe de improviso.
A commettendo a Taba descuidada:
A chamma, e fumo daõ infausto aviso
Ao bom Diogo da barbara assaltada:
Nem impulso maior lhe era preciso,
Vendo a Ilha dos Barbaros tomada:
Occupa em pressa as armas, e as canoas,
Sem mais que Praguaçû com cem pessoas.

XLII.

Vinte bombas de polvóra têm cheas,
De que uma parte já das nãos salvára;
Quatro ferreos canhoens, que entre as arêas
Por nadadores bons do mar tirára:
Metralhas, palanquetas, e cadeas;
Pistolas, e fuzis, que preparára;
Canoas tres de polvora, e resina,
Que lançar nas contrarias determina.

XLIII.

Forma-se em meia Lua a vista armada,
Cuidando de encerrar Diogo em meio,
E com nuvem de fréchas condensada
A aurea luz do Sol a impedir veio:
Firme estava do Herôe a turba irada;
E coalhando-se o mar de lenhos cheio,
Retumba o éco na Bahia toda
Pela gente brutal, que urlava em roda

XLIV.

Até que á tiro os vê do bronze horrendo;
E sem mais esperar, dispara fogo,
Que tudo com metralha ia varrendo,
E a pique dez canôas metteo logo:
Saltao muitos de horror no mar, tremendo:
Alguns deixando o remo, as mãos de Diogo
Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
Outros a espada de visinho alcança.

XLV.

Confusas entre si vaõ fluctuando
As canoas, que a gente não regia;
E uma vai sobr'outras embarrando
Na desordem, que todas confundia:
As tres incendiarias arrojando,
Um diluvio de fogo n'agua ardia,
Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
Que cubrindo-se o ar, servem as aguas.

XLVI.

Qual, se na Selva densa o fogo atêa,
Em columnas de fumo vôa a chamma,
E a lavareda, que pelo ar ondêa,
Traspassando se vai de rama em rama:
Tal na Bahia de canoas chea
Um diluvio de fogo se derrama;
E o barbaro de horor, de espanto, e mágoa
Foge á morte do fogo, e escolhe a d'agua.

XLVII.

Jararáca entretanto em terra estava,
Donde prendêra o incauto Taparica,
E raivoso das praias observava
Toda a frota naval, que em cinzas fica:
Foge dispersa a tropa, que levava;
E logo que a victoria se publica,
Toda a Ilha, que as armas arrebata,
O timido Caeté subjuga, ou mata.

XLVIII.

Nem já dos inimigos se descobre
Uma canoa só no lago ingente;
E o mar de mil cadaveres se cobre,
Sem que saiba aonde, fuja a infeliz gente.
Que Gupeva entre tanto a praia encobre,
Embaraçando a fuga ao Continente;
Grande parte desde a agua o braço estende
E a liberdade com a vida rende.

XLIX.

Não assim Jararáca, que na praia
Poem por escudo o infausto Taparica;
E ameaça matallo, quando saia
Em terra Diogo que suspenso fica.
Vê o transe a filha, e sobre as mãos desmaia
Do caro Esposo, e pelo Pai supplíca;
E vê-se Diogo em lance embaraçado,
Sem saber como salve o desgraçado.

L.

Atirar-lhe quizera; mas duvída,
Na intençaõ de matallo vacillante;
Vendo do sogro ameaçada a vida,
E quasi sem alento a esposa amante:
Tres vezes poz a mira dirigida;
Tres vezes se deteve a mão constante;
E em terra, e mar a um tempo a acção retarda,
Jararáca ao bastão; elle á espingarda.

LI.

Que mais espero (diz) ferillo he incerto;
Mas he claro na mão desse inimigo,
Que em qualquer caso em fim o danno he
E cresce na tardança o seu perigo: (certo,
Disse, e toma por alvo descoberto,
A fronte do contrario, e neste artigo
Dispara o tiro, e a bala lhe atravessa
De uma parte á outra parte da cabeça.

LII.

Cahe Jararáca em terra ao mesmo instante
Qual penhasco, que do alto se derroca,
Quando o raio, que lhe arroja fulminante,
Desde cima o arrancou da excelsa roca:
N'um rio a terra se banhou fumante
Do negro sangue, donde pondo a boca,
Morde raivoso a arêa, em que cahíra,
E o torpe alento com a vida espira.

LIII.

Já neste tempo se encontrava amigo
Taparíca e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava um vasto espaço:
Paraguaçú, que afflicta do perigo
Sem sentido ficou no horrivel passo,
Torna a si do desmaio, e vê piedoso
O Pai, que a tem nos braços, com o esposo.

LIV.

Alegre vem do opposto Continente
Em canoas Gupeva a Taparica,
Congratular-se com o Heróe valente,
Que morto Jararáca, em calma fica:
Pasma de ver o estrago a insana gente,
Que os arcos abatendo a paz supplíca,
E respeitando a suprior Potencia,
Compensavam a paz com a obediencia.

LV.

Chegaram do Sertão dez mensageiros
Em nome das Nações, que em guerra andavão,
Confirmando compactos verdadeiros
A inteira sujeiçaõ, que ao Luso davam:
Vem entr'elles os Principes primeiros,
E com os ritos, que na Patria usavam,
Principe acclamam com festivo modo
O Filho do trovão, do Sertão todo.

LVI.

Nem duvidou Diogo imaginando,
Quanto domar importa a gente bruta,
Acceitar das Naçoens o excelso mando,
E comsigo prudente os fins reputa:
Ouve-se em nome seu publico bando,
Que a barbara caterva humilde escuta;
Em que todo o homicidio se prohibe,
E com pena de morte a culpa inhibe,

LVII.

Julga porém ao ver inveterada
A barbara paixão na gente céga,
Que a grave pena ao crime decretada,
Convém dissimular, se ao caso chega:
A tudo a gente barbara humilhada,
Só na gula cruel a emenda nega,
Por barbara vingança carniceira,
Que tanto póde a educação primeira.

LVIII.

Não tardou logo a occasiaõ de vello,
Porque apenas deixára a companhia;
O proprio Taparica sem temello
Ao convite cruel se prevenia:
Bambú, que fora ao ponto de prendello,
Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
Prezo em canoa o Regulo conserva,
Por pasto infando á barbara caterva.

LIX.

Estava o desditoso encadeado,
E exposto a mil infectos que o mordiam,
Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
Que todo os *marimbondos* lhe cubriam: (1)
Corria o negro sangue derramado
Das crueis picaduras, que lhe abriam;
E elle immovel em tanto em tosco assento,
Parecia insensivel no tormento.

LX.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
No modo de penar mais deshumano;
Maior a tolerancia lhe parece,
Do que possa caber n'um peito humano:
E como author do crime reconhece,
Do cruel Sogro o coração tyranno,
Offerece a Bambu, que a morte ameaça,
Soccorro amigo na cruel desgraça.

LXI.

Perdes comigo o tempo (disse o Fero) (2)
Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto:
A liberdade, que me dás, naõ quero;
E da dor, que tolero, faço gosto:
Assim vingar-me do inimigo espero,
Disse; e sem se mudar do antigo posto,
As picadas crueis taõ firme atura,
Como se penha fora, ou rócha dura.

LXII.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
He porque escravo padecer receias;
E tens por menos mal este, em que gemes,
Do que uma vida em miseras cadeias:
Depoem o susto, que sem causa tremes:
Penhor te posso dar, por onde creias,
Dependo a obstinaçaõ do torpe medo,
Que a vida e liberdade te concedo.

LXIII.

Aqui da fronte o barbaro desvia
Dos infectos co-a mão a espessa banda;
E a Diogo, que assim se condoia,
Um sorriso em resposta alegre manda.
De que te admiras tu? Que serviria
Dar ao vil corpo condiçaõ mais branda?
Corpo meu não he já, se anda comigo,
Elle he corpo em verdade do inimigo.

LXIV.

O espirito, a razaõ, o pensamento
Sou eu, e nada mais: a carne immunda
Forma-se cada dia do alimento,
E faz a nutriçaõ, que se confunda:
Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
Naõ a reputes minha: só se funda
Na que tenho comido aos adversarios;
Donde minha não he, mas dos contrarios.

LXV.

Da carne me pastei continuamente
De seus filhos, o Pai: della he composto
Este corpo, que animo de presente,
Por isso dos tormentos faço gosto.
E quando maior pena a carne sente,
Entaõ mais me consolo, no supposto
De me ver do inimigo bem vingado,
Neste corpo, que he seu, taõ maltratado.

LXVI.

Impossivel parece ao Sabio Heroe
O que vê, e o que escuta, e que assim possa;
Quando a carne mortal tanto se doe,
Vencer-se a dor da fantasia nossa:
Magoado interiormente se condoe
De ver, que no infeliz nada faz móça;
Mostrando na brutal rara constancia,
Com tal valor taõ barbara ignorancia.

LXVII.

Tinham disposto em tanto no terreiro
As Naçoens do Sertaõ pompa festiva,
Creando Diogo Principal primeiro
Com applauso geral da comitiva.
Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
E como em triunfo a multidaõ cativa,
E sobre os mais n'um throno levantado
Cingem de pluma o vencedor croado.

LXVIII.

A roda, como em circulo, postrados
Sessenta Principaes das Naçoens feras
Em nome de seus povos humilhados,
Submissoens rendem com temor sinceras:
Tujúcupápo, estando os mais calados,
Graõ filho do trovaõ (disse) que imperas
Em terra, e mar com gloria combatendo,
Tudo domaste com o raio horrendo.

LXIX.

Naõ te cedêra naõ dos nossos peitos
A varonil constancia em guerra humana;
Nem da morte tememos os effeitos,
Se a contenda naõ fora sobrehumana:
Rendemos-te fieis nossos respeitos,
Depois que o teu valor nos desengana,
Que em teus combates todo o Ceo te assiste;
E a quem soccorre o Ceo, quem lhe resiste?

LXX.

As Naçoens do Sertaõ jà convencidas,
Poem a teus pés os arcos, e as espadas:
Suspende o raio teu; protege as vidas
Desde hoje ao teu imperio sujeitadas:
E se tens, como creio, submettidas
As procellas, as chuvas, e as trovoadas.
Naõ espantes com fogo a humilde gente;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI.

A teu commando estaõ sem replicar-te
Os povos deste vasto Continente;
E farás com teu nome em qualquer parte,
Que te obedeça a valerosa gente.
Faze com o favor que haja de amar-te,
Como a tens com terror feito obediente;
Que se troveja o Ceo na esfera escura,
A luz manda tambem formosa e pura.

LXXII.

Não foi acaso (disse o Heróe prudente,
Respondendo ao discurso) foi destino
Querer o Graõ Tupá que a vossa gente
A mão conheça do Poder Divino:
Do Ceo, que sobre vós brilha lusente,
Se receberdes o sagrado ensino;
Livres com gloria do tyranno Averno
Sobre elle reinareis n'um solio eterno.

LXXIII.

Porém por serdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais em tanto,
Buscai com a rasaõ maior virtude,
Implorando o favor do Throno Santo:
E quando a vossa fé pedillo estude,
Vereis da antiga serpe no quebranto
Florecer nesta Patria d'improviso
Uma imagem do ameno Paraizo.

LXXIV.

Disse o Heróe generoso; a turba immensa
Em sinal de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extensa,
Fazendo com os pés varia mudança:
Uma perna bailhando tem suspensa,
E turma sobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entretanto os seus marraques

LXXV.

Os Nigromantes, que o Brazil respeita,
Um marraque descobrem venerado;
Insignia da Nação, que ao povo acceita,
Consideram por Symbolo Sagrado:
O Sacerdocio, como turma eleita
No ministerio ao culto dedicado,
Poz o barbaro termo á funçaõ toda,
Bafejando nos Principes á roda.

(1) *Marimbondos.* Especie de vespa mordacissima no Brazil.

(2) *Disse o fero.* Um gravissimo Aulico da nossa Corte me asseverou ter succedido caso similhante no Pará, em Reinado do Fidelissimo Rei o Senhor D. José I., onde elle era contemporaneamente occupado em cargo distinctissimo do Real Serviço.

CANTO VI.

I.

Descançava no seio entaõ Diogo,
Extincta a guerra, de uma paz dourada,
E o pavor do sulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara assombrada:
As remotas Naçoens concorrem logo,
Desde a inteira regiaõ mais apartada;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II.

Muitos delles, dos povos subjugados,
Que o effeito viram da terrivel chamma;
Outros vinham sómente convocados
Das heroicas acçoens, que conta a Fama:
Trazem plumas, e balsamos presados,
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da America Ceres,
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III.

Era antigo dos barbaros costume,
Quando algum Capitaõ foi barbaro em guerra,
Ou se julgavam que a regía um Nume,
Emparentallo aos Principaes da terra:
Qualquer que de nobresa entaõ presume,
Do Graõ Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preminencia,
Ter na sua prosapia a descendencia.

IV.

Tuibaé, dos Tapúfas Chefe antigo,
Tiapíra lhe offerece celebrada;
E com a maõ da filha deixa amigo
Uma illustre alliança confirmada:
Xerenimbó trazia-he comsigo
A formosa Moema já negada
A muitos Principaes, por dar-lhe esposo
Digno do tronco de seus Pais famoso.

V.

Muitas outras donzellas Brazilianas
A maõ do claro Diogo pertendiam,
Ou por préndas, que notam soberanas,
Ou por grandes acçoens, que delle ouviam:
A todos elle deo mostras humanas
Sem a fe lhe obrigar, que pertendiam;
Mas por naõ offender as brutas gentes,
Trata os Pais e os Irmaõs como parentes.

VI.

Paraguaçú porém com fé de Esposo
Parecia estimar distinctamente,
Mostrando-lhe no affecto carinhoso
A sincera affeiçaõ que n'alma sente:
Amava nella o peito valeroso,
E o genio docil, com que á fé consente;
Amor que occasionou, como he costume,
Em algumas inveja, n'outras ciume.

VII.

Todas á bella Dama aborrecendo,
Conspiram féras em tirar-lhe a vida;
Mas ella que o projecto alcança horrendo,
Deixar pertende a Patria aborrecida:
E na viagem de Europa discorrendo,
Deseja renascer á melhor vida;
Impulso santo, que com justa idéa
Move Diogo a deixar aquella arêa.

VIII.

Agitado do vario pensamento,
Na margem se entranhou do vasto rio,
Que invocando o Serafico portento;
Chama de S. Francisco o Luso pio:
E estando o Sol no seu maior augmento,
Quando sitio no ardor busca sombrio,
N'uma lapa, que esconde alto mysterio, (1)
Foi achar para a calma o refrigerio.

IX.

Por mil passos a penha milagrosa
Estende em roda o gyro dilatado;
Obra da Natureza prodigiosa,
Quando o Globo terraqueo foi creado:
Concavidade ha alli vasta espaçosa,
Onde tinha o creador delineado,
Com capella maior, nave, e cruzeiro,
Um Templo, como os nossos, verdadeiro.

X.

Largo trinta e tres passos se estendia
O graõ cruzeiro: a longitude da mole
Por mais de outros oitenta discorria;
Lugar, que naõ pizára humana prole:
O prospecto extrior de pedraria,
O interior pavimento he terra molle:
De jaspe se levanta a grã portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

XI.

Dentro vem-se magnificas Capellas,
Sustentadas de esplendidas columnas;
Pelo tecto entre nuvens gyrão estrellas,
E sobre o rio a um lado tem tribunas,
Que servindo-lhe a um tempo de janellas,
Daõ luz a todo o Templo; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a Terra.

XII.

Capella alli se vê de entalho nobre,
Obrado com desenho estranho, e vario,
Onde effigiado em marmore, se cobre
Um natural belissimo Calvario:
Vê-se a base da Cruz, mas nada sobre;
De jaspe ainda melhor que Egysio ou Pario:
E ao lado um posto em proporçaõ distincta,
Onde a Mãi, e Discipulo se pinta.

XIII.

Chegádo Diogo a ver prodigio tanto,
Pelo estranho espectaculo suspenso,
Penetra-se no peito de horror Santo,
Por naõ sei que Sagrado occulto senso:
Depois rompendo n'um devoto pranto,
Prostrado em terra, adora o Deos immenso;
Que quando ser ao mar, e á terra dava,
O alicerse á grã fabrica lançava.

XIV.

Eis-aqui preparado (disse) o Templo,
Falta a fé, falta o culto necessario;
E quanto éra de Deos, feito contemplo
Tudo o que he de salvar meio ordinario:
Desta intençaõ parece ser exemplo
Este insigne prodigio extraordinario;
Onde parece que no Templo occulto,
Tem disposto o lugar, e espera o culto.

M

XV.

Quiz mostrar nesta Imagem por ventura
Que esta gente brutal naõ desampara;
E que a qualquer humana creatura
O remedio da Cruz justo prepara;
Que a estes do seu sangue dera a cura,
Se aos instinctos, que tem, naõ repugnara;
Que Advogada nos deo de empreza tanta,
Preparando o lugar á Virgem Santa.

XVI.

Oh queira, Grão Senhor, vossa bondade
Supprir nelles, e em mim tanta miseria;
Pois de todos salvar tendes vontade,
Que por este sinal mostrais taõ séria:
Que se olhais para a nossa iniquidade,
Achareis de punir tanta materia,
Que a antiga culpa pelos seus abrolhos
A ninguem deixa justo aos vossos olhos.

XVII.

Dalli surcando o rio caudaloso,
Vai o noto Reconcavo buscando,
Por ver se inchada véla o pégo undoso
A rumo Oriental vai navegando:
Nem temeria o pélago espaçoso
Ir na leve canoa atravessando;
Se o perigo, que immenso considera,
Pelo damno da Esposa naõ temêra.

XVIII.

Ergue-se sobre o mar alto penedo,
Que uma angra á raiz tem, das nãos amparo,
Onde das ramas no intrechado enredo,
Causa o verde prospecto um gosto raro:
Alli morro coberto de arvoredo,
A quem passea o mar, serve de faro;
Daõ-lhe nome da Costa os exprientes,
Do glorioso Apostolo das Gentes.

XIX.

Aqui vê Diogo um casco, que encalhára,
Onde n'agua se occulta horrida penha,
Porque ignorando a costa se arrojára,
Sem que esperança de soccorro tenha:
Vê, como a chusma em terra se salvára,
Que a brutal gente a cativar se empenha;
E presumindo o que era, na canoa
A defender os seus remando voa.

XX.

E temendo que cedam enganados
Ao barbaro cruel os naufragantes;
Ou que fiquem sem armas cativados
Nas mãos desses penhascos ambulantes;
Faz-lhes sinaes, deixa-os avisados,
Fazendo ver as armas rutilantes,
Da arêa infida, e do cruel perigo,
E o seo soccorro lhe offrece amigo.

M 2

XXI.

E quando a tiro de canhão se via,
Fez que se ouvisse a formidavel tromba,
E ao éco do tambor, que lhe batia,
Dispara ao tempo mesmo a horrivel bomba:
Treme de espanto o barbaro, que ouvia;
E este pasma, outro foge, aquelle tomba;
E o Grã Caramurú já divisando,
Correm todos humildes ao seo mando.

XXII.

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrem com presteza a véla rota;
Onde a gente das aguas semiviva,
Vão leves conduzindo á praia nota:
Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente, dando ajuda
A' afflicta multidão piedosa, acuda.

XXIII.

Paraguaçú porém com pio aviso
Cuida em prover de roupas, e sustento;
E quanto lhe he possivel de improviso,
Restablece-lhe as forças co'alimento.
Depois que se saciárão do preciso,
Diogo que o caso seu recorda attento,
Logo que a turba vê contente, e junta,
Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV.

Hum entre outros, que o Chefe parecia,
E sobre os mais da chusma dominava,
Depois de agradecer-lhe a cortezia
Na Castelhana lingua, em que fallava:
Somos (disse) da nobre Andaluzia,
Onde o chão Hispalense o Betis lava,
Socios se ouviste o nome de Arelhano,
E desde o Reino viemos Peruano.

XXV.

Se a Fama a vós chegou do valeroso
Domador das Provincias Peruanas;
E se Pisarro no Orbe tão famoso
Não se ignora das Gentes Luzitanas:
Fomos delle mandados pelo undoso
Grão rio, que em correntes desce insanas;
Desde a grã cordilheira, que imminente
Aqui separa o Occaso do Oriente.

XXVI.

Novas Ilhas buscando, e novos mares
Depois de longos dias navegámos;
Já com procellas, já com brandos ares,
Ao conhecido Oceano chegamos:
Os perigos, os casos singulares,
Que por mais de mil leguas toleramos,
Não contára, depois que no mar erro
A ter o peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII.

De sessenta, e mais linguas differentes,
Vimos, dessendo o rio, em curso immenso,
Incognitas Nações, barbaras gentes,
E hum Povo innumeravel, vasto, e denso:
Montanhas vimos, campos mil patentes,
E hum terreno nas margens tão extenso;
Que poderá elle só neste hemisterio
Formar com tanto Povo hum vasto Imperio.

XXVIII.

Mil vezes com canoas bellicosas
Combatemos no rio, e mil em terra;
Perseguidos de tropas numerosas,
Que occupavão talvez o valle, e a serra:
Nem cessava nas margens perigosas
De mil bravas Nações a dura guerra,
Até que entrando nas ardentes Zonas,
Chegámos á Região das Amazonas.

XXIX.

Discorre com furor pela ribeira,
Vasto esquadrão de tropa feminina,
Que em postura, e contenho de guerreira,
Assaltar nossa frota determina.
Sobre o sexo viril, turba grosseira,
O feminino sexo alli domina,
Onde no rio, porque a fama o contem,
Recordamos o antigo Thermodonte.

XXX.

E já o Hispano Leão domado houvera
Das Amazonas o terreno infausto,
Se no clima infeliz nos não morrêra
De mil fadigas Arelhano exhausto.
A gente pois que o Capitão perdêra,
Não podendo esperar successo fausto,
Sobre este bergantim, que alli se adorna,
Ao Solar Patrio, navegando torna.

XXXI.

Não duvideis, responde, o Herói clemente
De achar em mim soccorro poderoso;
Que achais quem como vós do mar fremente
Aprendeo na desgraça a ser piedoso:
Tendes amiga mão, madeira, e gente,
Com que o casco, que vedes ruinoso,
Reformando-se torne do Ceo nosso
A' desejada Hespanha, e Betis vosso.

XXXII.

Disse; e ordenando a turba Americana,
Assiste ao fabro na naval fadiga;
E quanto lhe permitte a força humana,
Faz que em breve o baixel seu rumo siga:
Nem se demora mais a gente Hispana,
Que convida a monção, e o vento obriga:
Soltão a branca véla ao fresco vento;
E vão raspando o liquido elemento.

XXXIII.

Felices vós, diz Diogo, affortunados,
A quem da cara Patria he consedido
Tornar hoje aos abraços desejados,
Depois de tanto tempo a ter perdido !
Em quanto eu nestes climas apartados
Me vejo de seguir-vos impedido ;
Que fiar temo do tão debil lenho
Outra vida, q' em mais que a propria tenho.

XXXIV.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de Gallica bandeira,
Que aterra ao parecer vinha buscando,
E a prôa mette sobre a propria esteira:
Vem seguindo a canoa, e sinaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira ;
E de paz dando a mostra conhecida,
As praias de Bahia a náo convida.

XXXV.

A Gupeva entretanto, e taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte Esposa
A intenção de levalla significa,
A ver de Europa a Região famosa:
Suspensa entre alvoroço e pena fica
Paraguaçú contente, e saudosa ;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lhe enxuga.

XXXVI.

He fama então que a multidão formosa
Das Damas, que Diogo pertendião,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdião:
Entre as ondas com ansia furiosa
Nadando o Esposo pelo mar seguião,
E nem tanta agoa que fluctûa vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII.

Copiosa multidão da náo Franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Huma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha á náo se apega ao leme.

XXXVIII.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre por cruel que brame,
Acha forças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame;
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teo engano;
Nem me offendêras a escutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugistes-me, traidor, e desta sorte
Paga meo fino amor taõ crua morte?

XL.

Taõ dura ingratidão menos sentíra,
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meo despeito triunfar naõ víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguíra;
Se naõ temêra de chamar Senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, he nescia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coração de ver-me afflita,
Fluctuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente, com que aos meus respon-
Barbaro, se esta fé teu peito irrita, (das:
(Disse, vendo-o fugir) ah naõ te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio.
E indo a dizer o mais, cahe n'um desmaio.

XLII.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Pállida a côr, o aspecto moribundo,
Com maõ já sem vigor, soltando o leme,
Entre as falsas escunas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo;
Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa.

XLIII.

Choraram da Bahia as Nynfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam dellas,
A' branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro Herée sem pena vellas,
Com tantas provas, que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de um Zefiro sereno,
E do brilhante mar o espaço ingente
Um campo parecia igual, e ameno:
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a escuma.

XLV.

Da Messis, que os Francezes governava,
Em uma noite clara á poppa estando,
Os casos de Diogo, que escutava,
Admira no naufragio memorando:
Depois do Heróe prudente perguntava
Quem achára o Brazil, o como, e quando
Ganhára no recondito hemisferio
Tanto thesouro o Lusitano Imperio?

XLVI.

Dous Monarchas (responde o Lusitano)
Já sabes que no Occaso, e no Oriente
Nóvos Mundos buscaram pelo Oceano,
Depois de haver domado a Libya ardente:
E que, onde naõ chegou Grego, ou Romano,
Passea o forte Hispano, e a Lusa gente;
Que instruidos na Nautica com arte,
Descubriram do Mundo outra grã parte.

XLVII.

Do Tejo aó China o Portuguez impéra,
De um pólo ao outro o Castelhano vôa,
E os dous extremos da redonda esféra,
Dependem de Sevilha, e de Lisboa. (2)
Mas depois que Colon sinaes trouxera,
(Colon, de quem no Mundo a fama voa)
Deste novo admiravel continente
Discorda com Castella o Luso ardente.

XLVIII.

Já se dispunha a guerra sanguinosa;
Porém o commum Pai aos dous intíma
Arbitrio na contenda duvidosa,
Que a parte competente aos Reis estima.
Desde Roma Alexandre imperiosa,
Deixando ambos em paz á empreza anima,
E uma linha lançando ao Ceo profundo,
Por Fernando, e Joaõ reparte o Mundo.

XLIX.

Na vasta divisão, que ao Luso veio,
O precioso Brazil contido fica:
Paiz de gentes, e prodigios cheio,
Da America feliz porçaõ mais rica:
Aqui do vasto Oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral com fausto acaso
Sobre gráos dezeseis do nosso Occaso.

L.

Da nova Região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, a fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno:
Cuberta a praia está de grã caterva
De incognita Naçaõ, que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Erguendo-lhe o troféo do Author da vida.

LI.

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta, que murchou no Inverno;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o Rei triumfou da morte eterno:
Tão sagrada memoria a frota incita
A celebrar ao Vencedor do Inferno
O sacrificio, donde a fé venera,
A Paixão, que em tal tempo succedêra.

LII.

Em frondosa ramada o Lusitano
Um altar fabricou no prado extenso,
Donde assista ao Mysterio soberano
Da Lusitana esquadra o povo immenso:
Ao Rei triunfante do infernal tyranno,
Odorifero fuma o sacro incenso,
E a victima do Ceo que a paz indica
A' gente, e a nova terra sanctifica,

LIII.

Notar o Americano alli contende
Do sacrosanto Altar o acto sublime;
E tanto a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por santa estime:
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O gésto arremedar, que orando exprime,
E as mãos une, e levanta, e talvez solta;
E quando o vê voltar, tambem se volta.

LIV.

Como as nossas arêgoens talvez espia
O pelloso animal, que o mato hospeda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo posto a observar, logo arremeda:
Tal o Gentio simples parecia.
Que nem um pé, nem passo dalli arreda,
E ao santo sacrificio attento, e mudo,
O que ás mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o sacro Orador pio conceito,
E a fé dispensa no animo valente
Do nobre Povo a propagalla eleito:
Participa da ceu a Cristã gente,
E o dom recebem com fiel respeito;
E he fama que Cabral, que os convocára,
Montando sobre um alto, assim fallára.

LVI.

Gloriosa Naçaõ, que a terra vasta
Vais a livrar do Paganismo immundo,
A quem esse Orbe antigo já naõ basta,
Nem a immensa extensaõ do mar profundo:
Neste occulto Paiz, que o mar affasta,
Tem teu zelo por campo um novo Mundo;
E quando tanta fé seus termos sonde,
Outro Mundo acharás, se outro se esconde.

LVII.

Oh profundo conselho! Abysmo immenso
Do poder, e saber do Omnipotente!
Que estivesse escondida no Orbe extenso
Tanta parte do Mundo á sabia gente!
Sincoenta e sinco seculos sem senso,
Das Naçoens deste vasto continente,
E em tanta indagaçaõ dos sabios feita,
Naõ cahir-nos na mente, nem suspeita!

LVIII.

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta Providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdaõ ora;
Quando morre na Cruz, no proprio dia.
Na bandeira do mar triunfadora
Tremolamos as Chagas com fé pia,
E nellas quiz a grei, que em sombras langue,
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

LIX.

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fruto da Paixaõ na Igreja,
Da fé renovo pelo fruto nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX.

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
Sublime n'um oiteiro se colloca;
O exercito formado ao final santo
Se prostra humilde, pondo em terra a boca:
Pasma o Gentio, e admira com espanto
A melodia, com que o Ceo se invoca,
Hymno entoando á Cruz, pios Cantores,
E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI.

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, naõ da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellentes,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem prezente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria.

LXII.

Observa o bom Cabral todo o prospéto
Da immensa costa, e pelo clima puro:
Pelo abordo tranquillo, e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
E olhando com saudade o doce objecto
Do seu destino, se lamenta escuro,
Que pela empreza a que mandado fora,
Não permitte na Armada outra demora.

LXIII.

Manda depois ao Luso Dominante
Um aviso do clima descuberto;
Nem tarda Manoel entaõ Reinante
A enviar um Cosmografo, que experto.
Da escola fora, que o famoso Infante (3)
Para a Nautica sciencia tinha aberto,
E Americo dispoem, que ao Brazil parta,
De quem deo nome ao continente a Carta.

LXIV.

E por ter quem aos nossos interpréte
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte:
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se atrevessem forte
A esperar no Sertaõ nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV.

Com acenos depois á gente bruta
Os seus que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Arma lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lhe a especie, que alli bem se commuta,
Em que possam tratar por compra, e venda;
Espelhos, cascaveis, anzoes, cutélos,
Campainhas, fuzís, serras, martélos.

LXVI.

Nem se demora mais a forte Armada;
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da Tropa bella:
E, ao que póde entender-se, magoada,
Por saudade que tem de mais naõ vella,
Com acenos, e voz enternecida
Faziam a seu modo a despedida.

LXVII.

Mais saudosos os tristes desterrados,
Correndo immenso risco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas especies, que ao Gentio vendem:
Talvez os tem co-a cithara encantados;
Talvez com cascaveis todos suspendem;
Mas o objecto que a vista mais lhe assombra
He ver dentro do espelho a propria sombra:

LXVIII.

Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terço chrystal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem he, como se ouvíra;
E crendo estar no inverso o que enxergára,
De uma parte a outra parte o espelho víra;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que observou no centro.

LXIX.

Mas em quanto estes erram vagabundos,
Americo Vespucci e o forte Coelho,
A longa costa, e os seios mais profundos
Demarcavam no Nautico conselho:
Descubridor tambem dos novos Mundos
Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Esse ameno reconcavo, que vimos.

LXX.

Eu depois destes na occasiaõ presente,
Quanto o vasto Sertaõ nos encubria,
Descubri, pondo em fuga a bruta gente,
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vasta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Desde a Prata ao Pará se for contando.

LXXI.

Dá principio na America opulenta
As Provincias do Imperio Lusitano,
O Grã Pará, que um mar nos representa,
Emulo em meio á terra do Oceano:
Foi descuberto já (como se intenta)
Por ordem de Pissarro, de Arelhano;
Paiz, que a linha Equinocial tem dentro,
Onde a Torrida Zona estende o centro.

LXXII.

Em nove leguas só de comprimento,
Vinte seis de circuito se espraia
No vasto Maranhaõ d'agoa opulento,
Uma Ilha bella, que se estende á praia:
Regam-lhe quinze rios o aureo assento,
E um breve estreito, que lhe forma a raia,
Póde passar por Isthmo, que a encadea
A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII.

O Ceará depois, Provincia vasta,
Sem pórtos, e commercio jaz inculta;
Gentio immenso, que em seus campos pasta,
Mais fero que outros o Estrangeiro insulta:
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lago do Sertaõ, de que resulta,
Rio, onde pescam nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV.

Da fertil Paraíba naõ occorre
Que informe a gente vossa, sendo empreza
Do commercio Francez, que alli concorre
A lenhos carregar, que a Europa preza:
Não mui longe da costa, que alli corre
Uma Ilha vedes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica, e povoada
He d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV.

A oito graos do Equinoccio se dilata
Pernambuco, Provincia deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fruta grata,
A madeira entre as outras mais preciosa;
O prospecto, que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o erro se escuse a meu aviso,
De crer que fora hum dia o Paraiso.

LXXVI.

Serzipe em fim d'ElRei: logo o terreno
De que viste a belleza, e perspectiva;
Nem cuido que outro visses mais ameno,
Nem donde com mais gosto a gente viva:
Clima saudavel, Ceo sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
Naõ ha depois do Ceo mais formosura.

LXXVII.

A quinze graos do Sul na foz extensa
De hum vasto rio, por Ilheos cortado,
Outra Provincia de cultura immensa,
Tem dos proprios Ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro, a quem compensa
O espaço da Provincia limitado,
Outra de ambito vasto, que se assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

LXXVIII.

Nhiterói dos Tamoyos habitada,
Por largas terras seu dominio estende,
Famosa regiaõ pela enseada,
Que uma grã barra dentro em si comprende:
Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende,
Custará, se presago naõ me engano,
Muito sangue ao Francez, e ao Lusitano.

LXXIX.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes deram
A's extremas Provincias, que occupamos;
Bem que ao Rio da Prata se estendêram
As que com proprio marco assinalamos:
E por memoria de que nossas eram,
De *Marco* o nome no lugar deixamos,
Povoaçaõ, que aos vindouros significa,
Onde o termo Hespanhol, e o Luso fica.

(1) *Lapa.* Esta he a celebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou á Graça um admiravel edificio. Veja-se Sebastiaõ da Rocha Pitta.

(2) *Sevilha.* Entaõ Corte de Hespanha.

(3) *Do famoso Infante.* A escola Nautica, e Mathematica, fundada em Sagres pelo Senhor Infante D. Henrique, deo os ultimos lumes a Colon, Americo Vespucci, e outros Cosmografos estranhos, que em nenhuma outra Regiaõ da terra podiam achar estudos áquelle tempo taõ célebres, como os de Portugal.

CANTO VII.

I.

Era o tempo, em que o Sol na vasta Esfera
O claro dia com a noite iguala,
E o velho Outono, que o calor modera,
De seus pampanos tece a verde gala:
E quando todo o monte Baccho altera,
E os capazes toneis na adega abala,
Tocava a França náo do claro Sena
Na deliciosa fóz a praia amena.

II.

Na grã Lutecia, Capital do Estado,
A ligeira falúa dava fundo,
E esse Orbe na Cidade abbreviado,
Enchia Diogo de um prazer jucundo:
Templos, torres, palacios, casas, prado,
O famoso Atheneo mestre do Mundo,
A Corte mais augusta, que se avista,
Enche-lhe o coração, e assombra a vista.

III.

Paraguaçú porém, que já mais víra
Espectaculo igual, suspensa pára;
Nem falla, nem se volta, nem respira,
Immovel a pestana, e fixa a cara:
E cheia a fantazia do que admira,
Causa-lhe tanto pasmo a visaõ rara,
Que estupida parece ter perdido
O discurso, a memoria, a voz, e o ouvido.

IV.

Qual pende o tenro Infante ao collo da ama,
Se um novo, e bello objecto tem presente,
Que nem a doce mãi, que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai pasmado sente:
Tod' a alma no que vê fixo derrama,
E só parece pelo olhar vivente:
Naõ foi da Americana o ar diverso,
Vendo em París a summa do Universo.

V.

Por fama que se ouvio da novidade
A admirar o espetaculo se ajunta,
Curiosa do successo a grã Cidade,
E um se admira, outro o conta, algũ pergunta;
Cresce o vago rumor sobre a verdade;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle, e da Esposa divulgada tinha,
Que era o Rei do Brazil, e ella a Rainha.

VI.

E já avistavam do Palacio Augusto
Em bella perspectiva o Regio espaço,
E o atrio vendo de troféos onusto,
Entram do Franco Rei do excelso Paço;
Cinge as portas exercito robusto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado sempre da Real Pessoa,
Sustenta as Lises, e defende a Croa.

VII.

Era alli Christianissimo Reinante
Entre os Francezes o segundo Henrique,
Méta então do Germano fulminante,
Que oppoz de Carlos ás victorias dique:
Orthodoxo Monarca, da Fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto, e Religião paterna,
Que invadio de Calvino a Furia Averna.

VIII,

Senta-se ao Regio lado a grã Princeza,
Formosa Lis, que do Arno Florentino
Trouxe a França um thesouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino:
Formoso par, que a sabia Natureza
Não sem instincto conjugou Divino;
Porque roubando Henrique a dura morte,
Sustente França Catharina a Forte.

IX.

Ao Throno Christianissimo prostrado
A Regia Mão dos dous Monarcas beija,
O bom Diogo, tendo a Esposa ao lado,
E faz que attenta toda a Corte esteja:
E havendo por tres vezes humilhado
A fronte aos Reis, que respeitar dezeja,
He fama, que com gesto reverente
Fallára deste modo ao Rei potente.

X.

Tendes a vossos pés, Sire, invocando
No throno da grandeza a Magestade,
Estes dous peregrinos, que surcando
Do procelloso mar a immensidade,
No Imperio, que regeis com sabio mando,
Buscam asylo na Real piedade;
E a vós, e ao vosso Reino se dirigem,
Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI.

O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
Que alli renasça o Portuguez Imperio,
Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
Tem descuberto ao Mundo outro hemisferio:
Tempo virá, se o vaticinio o alcança,
Que o cadente esplendor do nome Hesperio
O seculo, em que está, recobre de ouro,
E lhe cinja o Brazil mais nobre louro.

XII.

É Tu, que ao Luso Reino um germe Augusto
No grão Burgundo a propagar mandaste,
Contempla, ó França Heróica, o Imperio justo,
Como ramo do teu, que alli plantaste:
E se o inculto Brazil, se o Cafre adusto
Por teus famosos Netos subjugaste,
Admitte ao throno do Solar primeiro
Este teu não indigno aventureiro.

XIII.

E esta, que ao lado meu teu Sceptro beija,
Princeza do Brazil, que um tempo fora,
No seio da Christã piedosa Igreja,
Como Mãi pia regenera agora.
He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
Donde a gente nasceo, que lhe he Senhora;
E quando a Lusitana lhe he Rainha,
Tome o Brazil a França por Madrinha.

XIV.

Disse o Heróe generoso, e o Rei potente,
Recordando os annaes de antiga Historia;
Com vista magestosa, mas clemente,
Deo sinal de agradar-lhe esta memoria:
Com susurro entre tanto a aulica gente
Celebra, como propria, a Lusa gloria;
E impondo-lhe silencio alto respeito,
Respondem com os olhos, e co' peito.

XV.

Mongomerí, que serve na assembléa
De interprete de Rei, fallou benigno;
Conforme na resposta á justa idéa,
De que o bom Diogo se mostrou taõ digno:
Nem vendo a Lysia de conquistas cheia
Lhe inspira o impulso da ambiçaõ maligno,
A invejar-lhe já mais troféos tamanhos,
Que em prole sua naõ reputa estranhos.

XVI.

Ide, disse a Rainha, ó par ditoso,
Que o banho santo, donde a culpa amára,
Se apague nesse peito generoso,
Comigo a França apadrinhar prepara.
E quando o Sol seu curso luminoso
Tres vezes repetir na Esféra clara,
Será das nodoas do Tartareo abysmo
Lavada a bella Dama no Baptismo.

XVII.

Era o dia, em que he fama, que o homem
De terra, foi na Estatua preciosa, (feito
Em que Deos lhe infundira no seu peito
Do Soberano ser cópia formosa.
Dia do nosso rito ao culto eleito
De Simão, e Thaddeo, quando formosa
Entrou Praguaçú com feliz sorte
No banho Santo, rodeando-a a Corte.

XVIII.

A' roda o Real Clero, e grão Jerarca
Fórma em meio á Capella a Augusta linha;
Entre os Pares seguia o bom Monarca,
E ao lado da Neyofita a Rainha.
Vê-se cópia de lumes nada parca,
E a turba immensa que das guardas vinha;
E dando o nome a Augusta á nobre Dama,
Poem-lhe o seu proprio, e Catharina a chama.

XIX.

Banhada a formozissima Donzella
No Santo Crisma, que os Christaõs confirma,
Os Desposorios na Real Capella
Com o valente Diogo amante firma:
Catharina Alvares se nomea a bella, (1)
De quem a gloria no troféo se affirma,
Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
N'outro tempo, a confessa, e fundadora.

XX.

Prepara-se um banquete com grandeza,
Em que a cópia compita co'-a a elegancia;
E aos dous Consortes se dispoem a meza
No magnifico Paço a Regia estancia:
Nem se dedigna a Soberana Alteza,
Depois de os regalar com abundancia,
De dar Rainha e Rei, de ouvir curiosos,
Uma audiencia privada aos dous Esposos.

XXI.

Depois (disse o Monarca) que informado
De meus Ministros tenho a Historia ouvido,
Como foste das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os Sertoens tens visitado,
E o centro do Brazil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes plantas;
Que a Historia contes de Provincias tantas.

XXII.

Mandas-me, Rei Augusto, que te exponha,
(Diz cheio de respeito o Heróe prudente)
E aos olhos teus em um compendio ponha
A Historia natural da occulta gente:
Se esperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empréza tanta he, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

XXIII.

Mil e sincoenta e seis legoas de Costa,
De valles, e arvoredos revestida,
Tem a terra Brazilica composta
De montes de grandeza desmedida:
Os Guararapes, Borborema posta
Sobre as nuvens na cima recrescida;
A serra de Aimorés, que ao pólo he raia,
As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia.

XXIV.

Nos vastos rios, e altas alagoas
Mares dentro das terras representa;
Cuberto o Graõ Pará de mil canoas
Tem na espantosa fóz legoas oitenta.
Por dezesete se desagoa boas
O vasto Maranhão; legoas quarenta
O Jaguaribe dista; outro se engrossa
De S. Francisco, com que o mar se adoça.

XXV.

O Serzipe, o Real de licor puro,
Que com vinte o Sertaõ regando correm,
Santa Cruz, que no Porto entra seguro,
Depois de trinta, que no mar concorrem:
Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
Que abrindo a vasta fóz no Oceano morrem,
O Rio Doce, a Cananea, a Prata,
E outros sincoenta mais, com que arremata.

XXVI.

O mais rico, e importante vegetal
He a doce cana, donde o assucar brota,
Em pouco as nossas canas comparavel;
Mas nas do Milho proporção se nota:
Com manobra expedita, e praticavel,
Espremido em moenda o succo bota,
Que acaso a antiguidade imaginava,
Quando o nectar, e ambrosia celebrava.

O

XXVII.

Outra planta de muitos desejada,
Por fragrancia que o olfacto activa sente,
Herva santa dos nossos foi chamada,
Mas tabaco depois da Hispana gente.
Pelo Franco Nicot manipulada
Expelle a bile, e o cerebro cadente
Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
Parece o impulso de o tomar que he fome.

XXVIII.

He sustento commum, raiz prezada,
Donde se extrahe, com arte util farinha,
Que saudavel ao corpo, ao gosto agrada,
E por delicia dos Brazis se tinha.
Depois que em *Bolandeiras* foi ralada, (2)
No *Tapití* se espreme, e se convinha,
Fazem a *puba* então, e a *tapioca*,
Que he todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX.

Chama o Agricultor raiz gostosa
Aipi por nome; e em gosto se parece
Com a molle castanha saborosa,
De que tira o Paiz vario interesse.
Optimo arroz em cópia prodigiosa,
Sem cultura nos campos apparece,
No Pará, Cuiabá, por modo feito,
Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX.

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
Tudo a Terra produz, se se transplanta;
Fruta tambem, o pomo, a pera, o figo
Com bifera colheita, e em cópia tanta:
Que mais que no Paiz que o dera antigo,
No Brazil fructifica qualquer planta;
Assim nos deo a Persia, e Lybia ardente,
Os que a nós transplantamos de outra gente.

XXXI.

Nas comestiveis hervas he louvada
O Quiabo, o Giló, os Maxixeres,
A Maniçoba peitoral prezada,
A Taióba agradavel nos comeres:
O palmito de folha delicada,
E outras mil hervas, que se usar quizeres,
Acharás na opulenta natureza
Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII.

Sensivel chama-se herva pudibunda,
Que quando a mão chegando alguẽ lhe ponha,
Parece que do tacto se confunda,
E que fuja o que o toca por vergonha.
Nem torna a si da confusaõ profunda,
Quando auzente o aggressor se lhe naõ ponha,
Documento á alma casta, que lhe indica,
Que quem cauta naõ foi, nunca he pudica.

XXXIII.

D'hervas medicinaes cópia tão rara
Tem no mato o Brazil, e na campina,
Que quem toda a virtude lhe exploràra,
Por demais recorrêra á Medicina.
Nasce a Gelapa alli, a sene amára,
O Filopodio, a malva, o páo da China,
A Caroba, a Capeba, e mil que agora
Conhece a bruta gente, e a nossa ignora.

XXXIV.

Tem mimosos legumes, que não cedem
Aos que usamos na Europa mais prezados,
Gingibre, Gergelim, que os mais excedem
Mendubim, Mangaló, que usam guizados:
Alguns medicinaes, com que despedem
Do peito estilicidios radicados;
Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata
Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
He com causa entre as mais rainha a Rosa,
Branca sahindo a Aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
Porém crescendo a chamma rutilante,
He purpurea de tarde a côr formosa;
Maravilha que a Clicie competíra,
Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

XXXVI.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
(Chamam de S. João) por bella passa
Mais que quantas o prado alli comprênde,
Seja na bella côr, seja na graça:
Entre a copada rama, que se estende
Em vistosa apparencia a flor se enlaça,
Dando a ver por diante, e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

XXXVII.

Nem tu me esquecerás, flor admirada,
Em quem naõ sei, se a graça, se a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada,
Uma formosa, e natural pintura:
Pende com pomos mil sobre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago fresco, doce, e rubicundo,
Que o sangue indica, que salvára o mundo.

XXXVIII.

Com densa cópia a folha se derrama,
Que muito á vulgar Era he parecida,
Entresachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Author da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulsos da graça, que a convida,
A pintar sobre a flor aos nossos olhos
A Cruz de Christo, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX.

He na fórma redonda, qual diadema
De pontas, como espinhos rodeada,
A columna no meio, e um claro emblema
Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:
Vem-se os tres cravos, e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr he branca, mas de um roxo exsangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

XL.

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata!
Onde em meio das trévas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a Graça em si despreza,
Lhe pregue co'esta flor a natureza.

XLI.

Outras flores suaves, e admiraveis
Bordão com varia côr campinas bellas,
E em varia multidaõ por agradaveis,
A vista encantam, transportada em vellas:
Jasmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos, e janellas;
E sendo por miudos mal distinctos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

XLII.

As assucenas são talvez fragrantes,
Como as nossas na folha organisadas;
Algumas no candor lustram brilhantes,
Outras na côr reluzem nacaradas.
Os bredos namorados rutilantes,
As flores de Courana celebradas;
E outras sem conto pelo prado immenso,
Que deixam quem as vê, como suspenso.

XLIII.

Das frutas do Paiz a mais louvada
He o Regio Ananas, fruta taõ boa,
Que a mesma Natureza namorada
Quiz como a Rei cingilla da coroa:
Tão grato cheiro dá, que uma talhada
Surprende o olfacto de qualquer pessoa;
Que a não ter do Ananas distincto aviso,
Fragrancia a cuidará do Paraiso.

XLIV.

As fragantes Pitombas delicadas
São, como gemmas d'ovos na figura;
As Pitangas com cores golpeadas
Daõ refrigerio na febril seccura:
As formosas Guaiabas nacaradas,
As Bananas famosas na doçura,
Fruta, que em cachos pende, e cuida a gente
Que fora o figo da cruel Serpente.

XLV.

Distingue-se entre as mais na forma, e gosto,
Pendente de alto ramo o coco duro,
Que em grande casca no extrior composto,
Enche o vaso intrior de um licor puro:
Licor, que á competencia sendo posto,
Do antigo nectar fora o nome escuro;
Dentro tem carne branca, como a amendoa,
Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI.

Não são menos que as outras saborosas
As varias frutas do Brazil campestres,
Com gala de ouro, e purpura vistosas,
Brilha a Mangaba, e os Mocujês silvestres:
Os Mamões, Moricis, e outras famosas,
De que os rudes Caboclos foram Mestres,
Que ensinaram os nomes, que se estillam,
Janipapo, e Cajú vinhos distillam.

XLVII.

Nas preciosas arvores se conta
O cacáo, droga em Hespanha taõ commua,
Pouco n'altura mais que arbusto monta,
E rende novo fruto em cada Lua:
A Bainilha nos sipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua,
Nasce em bainhas, como páos de lacre,
De um succo oleoso, grato o cheiro e acre.

XLVIII.

Optimo anil de planta pequenina
Entre as brenhas incultas se recolhe;
Tece-se a roupa do algodaõ mais fina,
Que em cópia abundantissima se colhe:
Que se a abnndancia á industria se combina,
Cessando a inercia, que mil lucros tolhe,
Houvera no algodaõ, que alli se topa,
Roupa, com que vestir-se toda a Europa.

XLIX.

O uruçú, fruto d'arvore pequena,
Como lima, em pyramide elevada,
De que um extracto a diligencia ordena,
Que a escarlata produz mais nacarada:
De immortal tronco a Tarajaba amena
Rende a aurea côr dos Belgas, desejada,
O páo Brazil, de que o cngenhoso Norte
Costuma extrahir côr de toda a sorte.

L.

Ha de balsamos arvores copadas,
Que por legoas, e legoas se dilatam;
Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
E em grato aroma os troncos se desatam:
Se nelles pelas Luas saõ sangradas:
E uso vario fazendo os que contratam,
Lavram remedios mil, e obras lustrosas,
Contas de cheiro, e caixas preciosas.

LI.

A Copaíba em curas applaudida,
Que a Médica Sciencia estima tanto,
A Bicuiba no oleo conhecida,
A Almecega, que se usa no quebranto.
A preciosa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de Páo santo,
O Salsafraz cheiroso, de que as Praças
Se veem cubertas com formosas taças.

LII.

Quaes ricas vegetaveis amethystas
As agoas do Violete em varia casta,
O aureo Pequiá com claras vistas,
Que n'outros lenhos por matiz se engasta;
O vinhatico páo, que quando avistas,
Massa de ouro parece extensa, e vasta;
O duro páo, que ao ferro competira,
O Angelim, Tataipeva, o Supopira.

LIII.

Troncos varios em côr, e qualidade,
Que inteiriças nos fazem as canoas,
Dando a grossura tal capacidade,
Que andam remos quarenta, e cem pessoas:
E ha por todo o Brazil em quantidade
Madeiras para fabricas taõ boas,
Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

LIV.

Nutre a vasta Região raros viventes
Em numero sem conto, e em natureza
Dos nossos animaes tão differentes,
Que enchem a vista da maior surpreza:
Os que tem mais communs as nossas gentes,
Ignora esta porção da redondeza;
O boi, cavallo, a ovelha, a cabra, e o caõ;
Mas levados alli sem conto saõ.

LV.

Todo o animal he fero alli; levado
Donde tinha o seu pasto competente;
Nem era lugar proprio ao nosso gado,
Que fora o bruto manso, e fera a gente:
Como entre nós he o Tigre arrebatado,
Cruel a Onça, o Javali fremente,
Feras as Antas saõ Americanas,
E proprias do Brazil as Suraranas.

LVI.

Vem-se Cobras terriveis monstruosas,
Que afiugentam co'a vista a gente fraca;
As Giboias, que cingem voluminosas
Na cauda um touro, quando o dente o ataca:
Voa entre outras com forças horrorosas,
Batendo a aguda cauda a Jararaca,
Com veneno, a quem fere taõ presente,
Que logo em convulsaõ morrer se sente.

LVII.

Entre outros bichos, de que o bosque abũda
Vê-se o espelho da gente, que he remissa,
No animal torpe de figura immunda,
A que o nome puzemos da Preguiça:
Mostra no aspecto a lentidaõ profunda;
E quando mais se bate, e mais se atiça,
Conserva o tardo impulso por tal modo,
Que em poucos passos mette um dia todo.

LVIII.

Vê-se o Camaleão, que não se observa,
Que tenha, como os mais, por alimento
Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou herva,
Donde a plebe affirmou, que pasta em vento
Mas sendo certo, que o ambiante ferva
De infinitos insectos, por sustento
Creio bem que se nutra na Campanha
De quantos delles, respirando, apanha.

LIX.

Gyra o Sarchué, como pirata,
Da creação domestica inimigo;
A' Canção da Guariba sempre ingrata
Responde o Guassinin, que o segue amigo:
Da varia caça, que o Caboclo mata,
A Narração por longa não prosigo,
Veados, Capivaras, e Coatiás,
Paccas, Teús, Periás, Tatus, Cotias.

LX.

O mono, que a espessura habita astuto,
De um ramo n'outro buliçoso salta;
E para não se crer que nasceo bruto,
Parece que o fallar somente falta:
O riso imita, e contrafaz o luto;
E a tanto sobre os mais o instincto exalta,
Que onde a especie brutal chegar lhe véda,
Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI.

Entre as volateis caças mais mimosa,
A Zabelé, que os Francolins imita,
He de carne suave, e deliciosa,
Que ao Tapuia voraz a gula incita:
Logo a Enha-popé, carne preciosa,
De que a titela mais o gosto irrita,
Pombas verás tambem nesses paizes,
Que em sabor fórma, e gesto são perdizes.

LXII.

Juritiz, Pararis, tenras, e gordas,
A Hiraponga no gosto regalada,
As Marrecas, que ao rio enchem as bordas,
As Jacutingas, e a Aracan prezada:
E se do lago na ribeira abordas
De Galeiroens, e patos habitada,
Verás, correndo as agoas na canoa;
A turba aquatil, que nadando voa.

LXIII.

Negou ás aves do ar a Natureza,
Na maior parte a Musica harmonia;
Mas compensa-se a vista na belleza,
Do que póde faltar na melodia:
A' penna do Tocano mais se preza,
Que feita de ouro fino se diria,
Os Guararazes pelo astro tão luzidos,
Que parecem de purpura vestidos.

LXIV.

Vão pelo ar loquazes papagaios,
Como nuvens voando em cópia ingente,
Iguaes na formosura aos verdes Maios,
Proferindo palavras, como a gente:
Os Periquitos com iguaes ensaios,
O Canindé, qual Iris reluzente;
Mas fallam menos da pronuncia avaras,
Gritando as formosissimas Araras.

LXV.

Como melros são negros os bicudos,
Mais déstros, e agradaveis no seu canto,
Na terra os Sabiás sempre saõ mudos;
Mas junto d'agoa têm a voz, que he encanto:
Os Coleirinhos no entoar agudos,
As Patatibas, que o saudoso pranto
Imitam, requebrando com sons varios,
Os Colibres, e harmonicos Canarios.

LXVI.

Das especies maritimas de preço
Temos perolas netas preciosas,
Nem melhores aljofares conheço,
Que os das ostras Brazilicas famósas:
Ambar Griz do melhor, mais denso, e expes-
Nas costas do Ceará se vê espaçosas, (so
Madresperolas, conchas delicadas.
Umas parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII.

Piscoso o mar de peixes mais minosos,
Entre nós conhecidos rico abunda,
Linguados, Saveis, Meros preciosos,
A Agulha, de que o mar todo se inunda:
Robaldos, Salmonetes deliciosos,
O Xerne, o Voador, que n'agoa affunda,
Pescadas, Gallo, Arraias, e Tainhas.
Carapáos, Encharrocos, e Sardinhas.

LXVIII.

Outros peixes, que proprios são do clima,
Berupirás, Vermelhos, e o Garopa,
Pampanos, Corimás, que o vulgo estima,
Os Dourados, que préza a nossa Europa:
Carépebas, Parus, nem desestima
A grande cópia, que nos mares topa,
A multidão vulgar do Chareo vasto,
Que ás pobres gentes subministra o pasto.

LXIX.

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
Qual gigante maritimo a Balêa,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda, e feia:
Opprime as agoas com a horrivel carga,
E de oleosa gordura em roda cheia,
Convida o pescador, que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX.

Tem por espinhas ossos desmarcados,
O ferro as duras pélles representam,
Donde pendem mil busios apegados,
Que de quanto lhe chupam se sustentam:
Não parecem da fronte separados
Os vastos corpos, que na arêa assentam,
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita, como a quatil bomba.

LXXI.

Na boca horrivel, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende,
Sem dentes; mas da boca immensa, e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende:
Com ellas para o estomago transmuta,
Quanto por alimento n'agoa prende,
O peixe, ou talvez carne, e do elemento
A fez immunda, que lhe dá sustento.

LXXII.

Duas azas nos hombros tem por braços,
Que aos lados vinte palmos se diffundem,
Com aza, e cauda os liquidos espaços
Batendo remam, quando o mar confundem;
E excitando no pélago fracaços,
Chorros d'agoa nas náos de longe infundem;
E andando o monstro sobre o mar boiante,
Crê que he Ilha o inexperto navegante.

LXXIII.

Brilha o materno amor no monstro horrêdo,
Que, vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa n'agoa combatendo,
Por dar fuga, morrendo á prole amada:
Onde no filho o arpão caçaõ mettendo,
Com que attrahindo a mãi dentro a Enseada,
Desde a longa canoa se alancêa,
Ao lado de seus filhos a balêa.

LXXIV.

Sobre a costa o marisco appetecido
No arrecife se colhe, e nas ribeiras
As Lagostas, e o Polvo retorcido,
Os Lagostins, Santólas, Sapateiras,
Ostras famosas, Camarão crescido,
Caranguejos tambem de mil maneiras,
Por entre os Mangues, donde o tino perdo
A humana vista em labyrintho verde.

(1) *Trofêo*. Allude-se á imagem de Catharina Alvres, pintada sobre a casa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras e Tapitis*. Instrumentos, com que se fabrica a farinha de Mandioca. Puba (ou fubá) he a flor da mesma farinha

CANTO VIII.

I.

Tres vezes tinha o Sol no gyro obliquo
A carreira dos Tropicos voltado,
E tres de Europa pelo Clima aprico,
Tinha as plantas o Abril ressuscitado:
Depois que do Brazil se tinha rico,
A' França o nobre Diogo transportado,
Buscando nas viagens meio, e lume,
Com que reforme o barbaro costume.

II.

Mas de misera gente na lembrança,
Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a Brazilica viagem:
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do salvagem,
E cuida com razão que he humanidade,
Amansar-lhe a cruel barbaridade.

III.

Em quanto não, e embarque negocea,
Do amigo Du-Plessis solicitado,
Foi-lhe do Rei Francez proposta a idéa,
De erguer as Lizes no paiz buscado:
Terás (lhe disse, e he facil que se crea,
Que lho dizia do seu Rei mandado,)
Terás da França auxilio, e Tropa immensa,
E maior que o serviço a recompensa.

IV.

Que se o empenho te occupa generoso
De amansar do Gentio a mente impía,
Trazendo a França um povo numeroso,
Melhor se amansará na companhia:
Que engano fora a Europa pernicioso,
Quando Colonias derramando envia,
Extinguir sem remedio a infeliz gente,
E despovoar-se com a Tropa ausente.

V.

Desta arte Roma o Imperio seu fazia,
Que as Colonias pelo Orbe derramando,
Do paiz conquistado outras unia,
Com que ia a falta propria reparando:
N'um seculo, que o barbaro vivia,
Na grã Roma Romano hia ficando,
E neste arbitrio de pensar profundo,
Foi Mundo Roma, e foi Romano o Mundo.

VI.

Este meio por tanto eu te çuggiro, (1)
Que se a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aspiro,
Franceza pelo trato a gente bruta:
Vive sempre brutal no seu retiro,
Quem ninguem communica, e nada escuta,
Nem o Salvagem tiráras da toca,
Se outro paiz naõ trata, e o seu não troca.

VII.

E em tanto que o terreno nosso habita,
Transmigrada a infeliz Gentilidade,
A gente, que perdemos infinita,
Supprirá com commua utilidade:
Assim a Agricultura mais se excita,
Cresce a plebe no campo, e na Cidade,
E a turba inerte, que corrompe a terra,
Ou se deixa emendada, ou se desterra.

VIII.

Disse o Francez prudente, e o nobre Diogo,
Leal á amada Patria respondendo,
Sabio projecto dás (explicou logo)
Sobre a populaçaõ; nada o contendo:
Mas não posso convir no exposto rógo,
Sendo fiel ao Rei, Portuguez sendo,
Quando o Luso Monarca julgo certo
Senhor de quanto deixa descuberto.

IX.

Vivendo ex lege um povo na Anarquia,
Tem direito o visinho a sugeitallo,
Que a Natureza mesma inspiraria,
Ao que fosse mais proximo a amansallo:
Deixo que o Ceo parece que o queria, (2)
Dando a Cabral o instinto de buscallo,
E o ser em caso tal commum conceito,
Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X.

E sem que offenda a França a minha escusa,
He bem que esta conquista a Lisia faça;
Mas em quanto a Bahia o não recusa,
Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
Cópia de drogas achareis profusa,
E o lenho precioso, alli de graça;
E durando eu na Patria obediencia,
Serei Francez na obrigaçaõ, e agencia.

XI.

Admirou Du-Plessis no peito nobre
O generoso ardor, e o patrio zelo,
Que a illustre condição no obrar descobre,
Novo motivo para mais querello:
Sem mais receio que o contrario elle obre,
Na nova expediçaõ quer socio tello;
Mas antes de embarcar-se o heróe prudente,
Avisa o Luso Rei da empreza ingente.

XII.

Já pelo salso Oceano navega
A França náo, e o Cabo se divisa.
Donde á Europa no Occaso ao termo chega,
Tido do antigo nauta por balisa:
A terra alli se vê, que o Minho regá,
Correndo a costa da feliz Galisa;
E o rumo então seguindo do Occidente,
Ao meio dia se navega ardente.

XIII.

Naõ longe do Equador o mar cortava,
Quando Paraguaçú, já Catharina,
Como era seu costume, attenta orava,
Implorando o favor na mão Divina:
E eis-que a vista da turba, que a observava,
Em quanto adora a Magestade Trina,
Em somno fica suspendida, e absorta,
E algum cuida que dorme, outro q' he morta.

XIV.

Brilha no aspecto um ar do affeto interno;
Mas em funda abstracção com doce calma,
Bem se lhe vê pelo semblante externo,
Que occupa em grande objecto a feliz alma.
Vê-se nella arraiar do lume eterno,
Que no Ceo goza, quem já logra a palma,
Admiravel vislumbre, que suspende,
E infunde um pio affecto em quem o attende.

XV.

Assim por longas horas abstrahida
Deixava o caro espôso na anxiedade,
Se era somno, em que estava suspendida,
Se era effeito de cruel enfermidade:
Ora suspeita que perigue a vida,
Ora na Celestial tranquillidade
Crê que do claro Empyreo habitadora,
Immortal sobre o Ceo reinando mora.

XVI.

Até que a si tornada docemente,
Corre a turba co'a vista em grato gyro;
E como quem esta aura ingrata sente,
Rompe os longos silencios n'um suspiro:
Oh doce, (disse) oh Patria permanente!
Que escuro este ar parece, que respiro!
Feliz quem contemplando o Ceo formoso;
Vive no seio do celeste esposo!

XVII.

Pasmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
Calam todos no assombro de admirados,
Nem já duvidam que visaõ fería,
Em que ouvíra os misterios revelados:
Quando occultos segredos Deos confia,
Não devem ser (diz Diego) propalados;
Mas se em parte, como este, he manifesto,
Temerario naõ sou, se inquiro o resto.

XVIII.

Narra-nos, feliz alma, a visaõ bella,
Quem sabe se por ti nos manda aviso
A Providencia, que ao governo véla,
Do mortal nos seus fins sempre indeciso:
Não nos cales em tanto o que revéla
Por nosso lume, o excelso Paraiso,
E a nossos rogos com memoria prompta,
Dizendo quando viste, tudo conta.

XIX.

Calaram todos, com ouvido attento,
Pendendo da expressaõ de Catharina;
E tomando na poppa em roda assento,
Dão-lhe sobre um canhão, q' ao bordo inclina;
Mandais-me (a Dama disse) que o portento
Haja de expor-vos da impressaõ divina:
Quem poderá contar cousa taõ alta,
Quando o lume cessou, a sciencia falta?

XX.

Nem incluo em meu sonho um sacro instin-
Que tudo fingir póde a fantazia; (to,
Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
Por força natural se fingiria:
Póde ser, se presaga a idéa sinto,
Que sem extraordinaria profecia,
Anteveja o successo, o tempo, e o praso,
E depois não succeda, ou seja acaso.

XXI.

Vi, não sei s'era impulso imaginario,
Um globo de diamante claro, e immenso;
E nos seus fundos figurar-se vario
Um Paiz opulento, rico, e extenso:
E applicando o cuidado necessario,
Em nada do meu proprio o differenço;
Era o aureo Brazil taõ vasto, e fundo,
Que parecia no diamante um Mundo.

XXII.

Fixo os olhos attenta no estupendo
Milagroso espectaculo, que via,
E em tres legoas de boca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golfo discorrendo,
Engenhos, povoações, que descubria,
Eram como ornamentos da Cidade,
De que se ergue no plano a Magestade.

XXIII.

Parecia em seis bairros dividida,
Com duas Praças de extensão formosa;
Fortaleza alli vi na barra erguida,
Outra a parte de terra magestosa;
A enseada por oito defendida,
E outra em Taparica poderosa,
Duas casas de polvora, e na entrada
Vi-me a mim de uma dellas retratada.

XXIV.

Dentro a um Templo magnifico se via
De seus Prelados turma numerosa,
De que um ás maõs dos barbaros morria,
Outro a espada cingia valerosa:
Muitos de alta virtude os matos via,
Com caridade discorrer zelosa,
Sem poupar tempo, estudo, ou vida. ou gasto,
Por propagar a Fé no Sertaõ vasto.

XXV.

No grão palacio em tintas retratados
Os que o governo do Brazil tiveram,
Os Sousas na Bahia decantados,
Os nobres Costas, que depois vieram:
Mas entre outros na guerra celebrados,
Por troféos, que vencendo mereceram,
Mendo de Sá de gloriosa fama,
Que Pai da Patria no Brazil se acclama.

XXVI.

Deste era prole o intrepido Fernando,
Que alli vi fulminando a forte espada;
E contra a feroz gente peleijando,
Deixou a morte com valor vingada:
Mas da Bahia os olhos levantando,
Vi descorrer no mar potente Armada,
Qne as Ilhas occupando, e a vasta terra,
Movia no Brazil funesta guerra.

XXVII.

Parecia-me a frota bellicosa
Franceza gente, que o Brazil tentava,
Pedro Lopes de Sousa em furiosa
Naval batalha o mar lhe contestava:
N'outra acçaõ com Esquadra numerosa
Luiz de Mello e Silva peleijava;
Christovaõ Jaques, que este mar corria,
Dous navios lhe affunda na Bahia.

XXVIII.

Era de França sim a adversa gente;
Mas por culto inimigo ao Rei contraria,
E ao rito Calvinistico adherente,
Enviava ao Brazil Tropa adversaria:
E protegida da facção potente
Com as forças, e Armada necessaria,
Queriam para a infanda ceremonia
Fabricar a Calvinio uma Colonia.

XXIX.

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
Era Villagalhon de forte peito,
Soldado antigo, que o valor descobre,
E entre os Hugnotes do maior respeito:
De mil promessas o partido cobre.
Havendo-o a empreza do Brazil eleito;
E abonada de um Chefe de esperança,
Dá-lhe a maõ a Heresia em toda a França,

XXX.

Este vi navegando a Cabo-Frio,
Seguido de outras náos na forte empreza;
E que tratando afavel co'Gentio,
Explorava do sitio a natureza:
Mostrava aos naturaes animo pio;
E arguindo-lho a gente Portugueza,
Induz a Nação bruta a que lhe assista
Na empreza do commercio, e da conquista.

XXXI.

Voltou a França o Cabo diligente,
Tendo de ricas drogas carregado;
E convocando ás náos armada gente,
Torna de turba ingente acompanhado:
Nem tarda o Sertão cópia potente
De um povo, que nas armas alliado,
Por amigo estimava mais sincero,
Menos inculto sim, porém mais féro.

XXXII.

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
A's gentes do Sertão se confedera;
E toda a costa a dominar se arroja,
De donde os nossos expulsar já espera:
Do seu commercio o Portuguez despoja,
Na fertil Paraiba, em que util era;
Nem ha na costa do Brazil enseada,
Que o Hugonote naõ tenha bloqueada.

XXXIII.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
Com oito de commercio tem comsigo,
Além das que em soccorro convocára:
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canoas, que ajuntara,
Guia contra os Tamoios prepotentes
Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV.

Nhighe-teroi se chama a vasta enseada,
Que estreita boca, como barra encerra,
Fechando em vasto porto á grande armada
Um lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-se Ilha penhascosa sobre a entrada,
Com fortaleza, que disposta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

XXXV.

Era a Ilha de róchas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
Donde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos Lusos a batalha:
Trés dias foi dos nossos combatida,
Sem que o fogo incessante aos nossos valha;
Até que infatigado o invioto Mendo,
Invade á escala, vista o forte horrendo.

XXXVI.

Entre fréchas, e balas destemido
Na penha o Portuguez trepando salta;
E deixando o Francez esmorecido,
Degolla, mata, fere, invade, e assalta:
Nem do antigo valor cede esquecido
O Francez animoso, até que falta
De sangue a brava gente na contenda,
Faz a perda, e cansaço que a Ilha renda.

XXXVII.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adversa dissipada,
E a excelsa fortaleza desfazendo,
A costa visitou na forte armada!
E tudo ao nome seu sujeito havendo,
A' Bahia tornou, que illuminada
Entre o som do clarim, e alegre trompa,
Em triunfo a Mendo recebeo com pompa.

XXXVIII.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brazil manda,
Que a Ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda a banda:
Vê-se a nossa Marinha combatida,
E a forte Esquadra, que o Francez commanda,
Dominante no Oceano por modo,
Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX.

Mais não tolera a Lusa Monarquia,
Que ao Rei Christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia,
Armada poem na America potente:
Chefe Estácio de Sá prudente envia,
De validos galeões com forte gente,
Que o Herege expulsando da enseada,
Deixe nova Cidade alli fundada.

XL.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso Chefe seu conjunto,
As forças da Bahia unido tendo
As que trouxera sobre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á Armada Lusitana
Vasto esquadrão da turba Americana.

XLI.

Chama-se Paõ de assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de um salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredo
Do Gentio em canoas habitado;
E do ardente Francez luzida Tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

XLII.

Destes o Luso campo accommettido
De dardos, fréchas, balas se embaraça,
Em sombra o seio todo escurecido,
As náos occultam nuvens de fumaça:
E ao ecco dos canhoens entre o ruido,
Tudo está cego, e surdo em campo, e praça;
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os bustos sem cabeças.

XLIII.

Voam as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo,
As canoas dos nossos abordadas,
E aos galeões, que em linha se vão pondo:
Os golpes, que retinem das espadas,
O golfo, que arde em chammas em redondo,
Eram na terra, e mar em sangue tinto
Um abysmo, um inferno, um labyrintho.

XLIV.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrario fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo
Receoso o Tamoio do castigo;
E os Francezes, que as náos mal sustentavaõ,
Entre as penhas o asylo procuravaõ.

XLV.

Não cessa o bravo Sá contra o Gentio,
E a forte Tropa pelo mato avança;
Porque abatendo o orgulho, e insano brio,
Se apartasse o Sertaõ da infame alliança:
Nem receia o Tamoio o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldea ao mato, e gruta,
A liberdade ao Portuguez disputa.

XLVI.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao Francez posto;
E o barbaro, embrenhado dentro á terra,
Tinha emboscada ao Portuguez disposto:
Mendo, que n'alma o graõ cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levas, busca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita.

XLVII.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a Armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra:
Une-se a frota alli da Lusa gente,
E os mutuos casos vanglorioso narra,
Irmão a irmão, e o filho ao Pai, festivo
Por ter chegado são, e achallo vivo.

XLVIII.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo;
E por festiva salva estrepitosa,
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
Contra a Ilha, que avistam penhascosa:
E largamente consultado havendo
Os dous Chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentam no mais alto,
A peito descuberto, um fero assalto.

XLIX.

Vem-se entre as penhas formidaveis bocas,
De canhões, e mosquetes troyejando;
E nas quebradas espantosas rocas
Do bárbaro Tamoio o immenso bando:
Muitos allì das asperas barrocas
Vaõ os nossos fuzis precipitando,
Outros da rota penha em meio ás gretas,
Cubriam contra nós todo o ar de settas.

L.

Naõ cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Em quanto sobe o luso valeroso,
Trepando em furia no penedo horrendo:
Quem no meio do impulso impetuoso,
Cahe na ruina o proximo involvendo,
Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

LI.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Em quanto o mar em roda em chammas ferve,
Entre o fracaço, e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale, e a vista serve:
A terra toda em roda estremecia;
E sem que a agoa do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insanó,
Escondendo a cabeça o Padre Oceano.

LII.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa,
Parte do vasto monte involta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê que o Ceo caia, e que se funda o Mundo.

LIII.

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrifico trovaõ freme a tormenta;
E a chãma entre a fumaça horrenda, e escura
Do infernal lago as furnas representa:
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta;
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A escala vista, e a peito descuberto.

LIV.

E já no grão penedo tremolavam
As Lusas Quinas pelo forte Estacio,
E as Lises do penhasco se arrancavam,
Donde a Villagalhon se ergue um palacio:
Pela roca os Tamoios se arrojavam,
E o valor Luso dando inveja ao Lacio,
A guarnição Franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

LV.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professára,
O peito á fuga oppoem por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
Que por Chefe dos Lusos se declara,
Cuida de um golpe terminar a empreza
No General da gente Portugueza.

LVI.

Naõ desfalece o Capitaõ valente;
E de um, e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de um golpe tem ferido,
Outros do ingreme posto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

LVII.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
Donde a viseira descuberta observa,
Lhe aponta desde longe ardente bala.
Cahindo o heróe na espada, que conserva,
Adora humilde a Cruz, e perde a falla:
Banha-se em sangue o chaõ, e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

LVIII.

Porque em quanto em seguillo divertido,
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do Exercito subido,
A dar fim com a victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor preza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar Chefe as partes de soldado.

LIX.

A Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heróico á terra dando,
Donde se erga immortal nova Cidade:
O caso acerbo aos posteros contando
Tenham seus Cidadaõs da heroicidade
Clara liçaõ no Fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

LX.

Tal nome deo á enseada no recordo
Do mez, que illustre foi por caso tanto,
E á Cidade deixou com justo acordo
A clara invocaçaõ de um Martyr Santo:
E havendo as Tropas recolhido à bordo,
Descançadas do bellico quebranto,
Faz immortaes no tempo transitorio
Os Correas, e Sás no novo emporio.

LXI.

Em tanto do Tamoio a gente bruta,
Mais feroz sempre na Marcial contenda,
Contra a nova Cidade em fera luta,
Movia guerra pelo mar tremenda:
Mas Mendo para a barbara disputa
Faz que um Chefe Tapuia o mar defenda,
Ararigboia aos seus nomea a fama,
Martim Affonso por Christão se chama.

LXII.

Principe foi nas Tabas respeitado,
Que ao nome Portuguez na guerra addicto,
Tinha com Mendo os seus capitaneado,
Sempre contra o Tamoio em campo invicto;
Quatro guerreiras náos tinha avançado
O rebelde, depois do graõ conflicto,
E em oito lanchas Ararig buscando,
Do Cabo Frio a ponta iam dobrando.

LXIII.

Saltam da noite no silencio escuro
As bellicosas mangas guarnecidas,
De immensas chusmas do Tamoio duro;
Que obrar deviam na campanha unidas:
E em quanto tem o campo por seguro,
Jaziam pelas praias estendidas,
Para investir co'a luz, que já arraiava,
A aldea de Arorig, que os esperava.

LXIV.

Mas o Bravo Tapuia bellicoso,
Antevendo o descuido do inimigo,
Busca o manto da noite insidioso,
Para investillos no nocturno abrigo:
Convoca os seus guerreiros animosos;
E sem dizer-lhe mais do seu perigo,
Depois que um breve espaço os olhou mudo,
Disse cheio de ardor, batendo o escudo.

LXV.

Sú, valerosa, intrepida caterva;
Que esperamos no nosso alojamento?
Acaso até que o campo em chusma ferva,
E nos busque o Francez no proprio assento?
Sei por espia, que o seu campo observa,
Que dorme sobre as praias desattento,
Onde se o surprendermos de improviso,
Sentiráõ todo o damno antes do aviso.

LXVI.

Basta que em marcha procedais quieta,
E que invadindo a turba descuidada,
Não cuideis de empregar a bala, ou setta,
Mas que tudo leveis á pura espada:
E quando o vasto campo se accommetta,
Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
Antes que o ferro vibre os seus revezes,
Desarmai, se puderdes, os Francezes.

LXVII.

Chamam corpo da guarda, onde o soldado
Costuma pôr as armas nas vigias;
Alli correi com impeto apressado,
Seguindo o passo sempre das espias:
Que nada o Francez pode desarmado,
E sem as chammas que derrama impías,
Ficará desde o impeto primeiro
Nas mãos da nossa Tropa prisioneiro.

LXVIII.

Disse o astuto Ararig, e a lento passo
Cada um pela brenha vai disperso,
Devendo a dado tempo, e a certo espaço
Qualquer unir-se em batalhaõ diverso:
E achando em somno descuidado, e lasso,
Sem sentinellas ter, o campo adverso,
Um a um, pé ante-pé, em marcha tarda,
Assaltam juntos a sopita guarda.

LXIX.

Juntas as armas de improviso apanham,
Matando as guardas meio adormecidas;
E depois que a armariam toda ganham,
Quantos os vem buscar perdem as vidas:
O somno com as mortes acompanham;
E outros vendo sem armas as partidas,
Porque a causa naõ sabem do tumulto,
Buscam as lanchas por fugir do insulto.

LXX.

Ararigboia, como um raio ardente,
Uns dormindo degolla pela arêa,
Outros sem armas, que rendidos sente,
Prizioneiros com cordas encadea:
A fiel Tropa pela praia ingente
Toda deixa a campanha de horror chea,
Cubrindo de cadaveres o plano,
Alagado co'a espada em sangue humano.

LXXI.

E já nos Ceos risonha apparecia
A Estrella d'alva as trévas apartando,
E com tremula luz o incerto dia,
No extremo do Horizonte ia arraiando:
Quando o estrago da noite apparecia,
E prezo, ou morto o Franco demonstrando,
Nem as lanchas se salvam, que a vasante
Em seco as poz na mão do triunfante.

LXXII.

Naõ cessava Martim contra a espantada
Multidaõ de Tamoios, que se embrenha;
E deixando-lhe a aldea derribada,
Naõ se lhe esconde algum no mato, ou brenha;
Muitos no Averno lança com a espada,
Fugindo outros ao mar n'agoa despenha,
Nem fulminando a massa a algum perdoa,
Occulto na cabana, ou na canoa.

LXXIII.

Fez este marte do Brazil constante
A' Naçaõ dos Tamoios tanta guerra,
Que elle só com a espada fulminante
Lhe extingue o nome, e despovoa a terra;
Mais naõ ousa o rebelde mariante,
Em quanto Ararigboia no campo erra,
Desembarcar na costa, sem que o bravo
O deixe combatendo, ou morto, ou escravo.

LXXIV.

Vi que do excelso throno vinha em tanto
Uma augusta donzella adormecida,
De quem brilhava sobre o aspecto santo
A piedade, a abundancia, a sciencia, a vida:
Do seio derramava do aureo manto
A opulencia no mundo appetecida;
E logo que foi vista sobre a terra,
Submergio-se no Averno a infausta guerra.

LXXV.

Era a Divina paz, que o Ceo nos manda,
Premio de um sceptro, que da fé zelante
Propaga o santo culto, onde commanda,
E as Leis defende da justiça amante:
Sem os estragos de uma guerra infanda
Gozará o Brazil de paz constante,
Por setenta annos de um governo justo,
Tendo tranquilla a terra, e o mar sem susto.

LXXVI.

Nem mais a espada, e bomba pavorosa
Se ouvirá na Marinha, e Sertaõ vasto,
A voz só do Evangelho poderosa,
Simples, sem artificio, industria, ou fasto:
A semifera gente viciosa
No jugo conterá de um temor casto;
E ás maõs dos seus Apostolos se avista,
Com as armas da Cruz feita a conquista.

LXXVII.

Mais vi em tanto o Lusitano Imperio
Na Libya ardente em sangue submergido,
E o seu dominio no Indico hemisferio
Do Batavo nas agoas invadido:
E ou por descuido do governo Hesperio,
Ou de mil contra-tempos combatido,
Cedeo no vasto mar por toda a banda
O Imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII.

Dezeseis longos seculos contando,
Com annos vinte quatro a vulgar Era,
Vi a Batava esquadra o mar surcando,
Onde Wilherkens General modera:
Petre Petrid os mares assombrando,
Por Almirante aos nauticos se dera,
Poder que á India navegar fingia,
E contra a expectação veio a Bahia.

LXXIX.

A fronte descubri da excelsa Praça,
As armas governando o bom Furtado,
Que antevendo os effeitos da desgraça,
Tudo dispunha com valor frustrado:
Convoca quanto encontra e tudo abraça
Por oppôr-se ao perigo ameaçado;
Mas dissipa-se a gente sem batalha,
Por faltar naõ valor, mas vitualha.

LXXX.

Dispunha assim o Batavo experiente,
Antevendo que a turba mal unida,
Sem cauta providencia que a sustente,
Esfriando no ardor toma a fugida:
E vendo a multidaõ menos frequente,
E a plebe na tardança esmorecida,
Quando menos o espera a chusma fraca,
Occupando um castello, o povo ataca.

LXXXI.

Ruiter, e Duchs com legião potente
À porta invadem de S. Bento em furia;
Mas rebatidos de impressaõ valente,
Cessam, fugindo da intentada injuria:
Mas tão funesto horror concebe a gente,
Que a guerra ignora com profunda incuria,
Que quando faz que Ruiter naõ se arroje,
Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII.

Furtado de Mendonça, que não víra
Já mais do medo vil a fronte escura,
Com setenta sómente a face vira,
E sem mais que o seu peito a praça mura:
O amor da Patria, que o furor lhe inspira,
Faz que da vida, desprezando a cura,
Se arroje o Luso ao Batavo, que o inunda,
E um fira, um despedace, outro confunda.

LXXXIII.

Mas vendo na manhã, que o Céo descobre
A Cidade do povo abandonada,
Nem mais que o peito de Furtado nobre
Com poucos dos setenta na esplanada:
Teme que n'um só peito o valor sóbre,
E que deixando a empreza retardada,
Soccorro venha, donde bom partido
Ao bravo Chefe se offereceo rendido.

LXXXIV.

Naõ tarda a fama a divulgar voando
Da Capital Brazilica o successo,
Em quanto o Belga, que lhe occupa o mando,
Recolhe da victoria o immenso preço:
Treme em Madrid o throno, receando
Que o Belgico Leão, com tanto excesso,
Prostre o de Hespanha, e como o vulgo narra,
No Mexico, e Perú lhe imprima a garra.

LXXXV.

Cobre-se o mar de Esquadras numerosas,
Move-se a Lusa, e Hispána Fidalguia,
Vaõ-se embarcando legiões famosas,
Todo em nautica chusma o mar fervia:
Fadrique as náos Hispanas poderosas,
Menezes as de Lisia prevenia,
Vendo-se terra, e mar no caso incerto,
De petrechos, canhões, e armas coberto.

LXXXVI.

Já pela barra entrava da Bahia,
Com sessenta e seis náos soberba a Armada,
Doze mil homens de alta valentia
Occupavam sobre ellas a enseada:
De tanto nome em militar porfia,
Que a guarniçaõ da Praça de assombrada
Bem que finja valor nesta Conquista,
Antes que ao ferro se lhe abate á vista.

LXXXVII.

Dispoem-se em meia lua a Armada inteira,
Cerrando a fuga ao Belga esmorecido,
Occupa o forte exercito a ribeira
Em dois quarteis aos lados dividido:
Mas o Batavo Quiz na acçaõ primeira,
Tendo o campo a Fadrique accommettido,
Com sortida deixou no ardor insana
Suspensa à Lusa gente, e rota a Hispana.

LXXXVIII.

Cheio o Belga de orgulho na acçaõ brava,
Porque mais prove pela Patria o zelo,
Contra a Esquadra, que os muros varejava,
Em dous baixeis arroja um mongibelo:
Crê que he fuga o Menezes, que observava,
E move toda a Esquadra sem prevello,
E parece que Deos o impulso inspira,
Com que do occulto incendio as náos retira.

LXXXIX.

Um gyro a Lua fez na azul esfera,
Em quanto os Belgas de valor já faltos,
Ceder dispunham na contenda fera
Ao furor incessante dos assaltos:
E quando mais soccorro naõ se espera,
Vendo que os mares se empollavam altos,
Cede o Batavo humilde ao Luso Hispano
A Capital do Imperio Americano.

XC.

Fallando proseguia Catharina,
Tendo a assembléa no discurso attenta,
Quando com furia o bordo ao mar inclina
A náo, batida de horrida tormenta;
Tudo á manobra o Capitão destina;
E vendo que onda horrivel se apresenta,
Lança-se o marinheiro á véla em pressa,
Acode Diogo, e Catharina cessa.

(1) *Este meio.* Projecto admiravel de fazer uteis as Conquistas á populaçaõ das Nações que as fazem, pois he certo que com esta politica se formou, e cresceo a antiga Republica de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descubridor do Brazil, mas Pedro Alvres Cabral; que ao mesmo Colon entaõ habitante na Madeira deo os roteiros, com que descubrio a America, Francisco Sanches, o qual fazem uns Andaluz, outros Biscainho; mas o Hespanhol Gomara Author coevo, e que militou entre os soldados de Colon, attesta que era Portuguez. Não he por tanto occasião de notar-se a expressão: *dando a Cabral o instincto, &c.*

(3) *Os Correas, e Sás.* Esta he a rama nobilissima dos Condes de Penaguião, que passando ao Brazil, deo os primeiros Conquistadores áquelle Estado; familia, que existe com a antiga gloria na Excellentissima Casa de Asseca, e nos dous dignissimos ramos da mesma os Excellentissimos Senhores Sebastião Correa de Sá, e Joaõ Correa de Albuquerque, Fidalgos, que o Brazil deve considerar por seus perpetuos Pais, e Protectores.

CANTO IX.

I.

Depois que o tempo torna bonançoso,
E a noite vem tranquilla em branda calma,
De ouvir o mais do sonho portentoso,
Se accende a todos o dezejo n'alma:
E no empenho do Belga bellicoso,
Desejando escutar quem teve a palma,
Supplicam Catharina, que prosiga
Na narração do sonho, e tudo diga.

II.

Vi (prosegue a Matrona) em Marte duro
Confundir-se o Brazil, vagar potente
O Batavo feroz; e o Reino escuro
Encher Plutão da desditosa gente:
Vi descendo as Milicias do Céo puro,
A' plebe inerme com o zelo ardente,
Infundir valor tal, que conte a historia
Por milagre do Céo cada victoria.

III.

Petrid e Iolo raios da Marinha,
Com Esquadras do pelago Senhoras,
Qualquer do lado seu queimado tinha,
Com chammas o Brazil desoladoras:
Petrid a frota que das Indias vinha
Com procellas de fogo abrazadoras,
E nas náos lavra de thesouros cheias,
Ao infausto Brazil novas cadeas.

IV.

Maquinas move o Belga ambiciosas,
Supprindo os gastos com a immensa prata;
E armando em guerra Esquadras numerosas,
Occupar Pernambuco ao Luso trata:
Nem ás forças da Hollanda poderosas
Oppoem o Hispano com a nova ingrata,
Tal soccorro, que a Praça na contenda
Do graõ poder dos Batavos defenda.

V.

Rege de Pernambuco a terra extensa
O intrepido Albuquerque, a tudo attenta:
Guarnece a Praça, os Esquadrões condensa,
Dispoem ao fogo o bellico instrumento:
Quando á maneira de floresta densa
Se vio cuberto o liquido elemento,
Onde proas setenta o mar rompiam,
E o Wandemburgo General seguiam.

VI.

Chamam *Páo amarello* um sitio ao lado
Da Cidade, què a frota accommettid,
Commodo ao desemberque, e mal guardado
De Albuquerque, que as praias defendia:
Alli com quatro legiões formado,
A' bella Olinda o Batavo se envia,
Onde com turmas de inexperta gente
Se oppoz o Luso Chefe ao Belga ardente.

VII.

Nem muito dura ao fogo desusado
O tímido esquadraõ da gente Lusa,
Que do insolito horror preoccupado,
A fuga emprehende em multidaõ confusa:
Um sobre outro ao fugir precipitado,
Render-se ao fero Belga naõ recusa;
E a Cidade infeliz deixando aberta,
Qualquer se salva donde mais o acerta.

VIII.

Entra o Hollandez na Praça abandonada;
E quando de riqueza a cuidou chea,
Em triste solidaõ desamparada;
E acha sem premio a cubiçosa idéa,
Vingam nos templos a intençaõ malvada,
E o Altar profanam com infamia fea,
Tratando o pio Rito, e o santo culto
Com sacrilega mente, e horrendo insulto.

IX.

Mas, naõ soffre da fuga o torpe medo
O valente fortissimo Temudo;
E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
A espada empunha, embaraçando o escudo:
Ao ver do saco no funesto enredo
A fórma do Hollandez turbar-se em tudo,
Une alguns, que odiando a vil fugida,
Daõ por preço da gloria a heroica vida.

X.

O', disse, honra immortal do nome Luso,
Coraçöes valerosos, que em tal sorte
Fazeis da doce vida o melhor uso,
Comparando a gloria com a invicta morte:
Vedes sem fórma o Batavo confuso,
Da valerosa espada esposto ao córte:
Corra-se ás armas, que se os naõ vencemos,
Sem a Patria vingar naõ morreremos.

XI.

Disse; e empregando a fulminante espada,
Uma Esquadra invadio que descorria,
Com calices da Igreja profanada,
Que com insulto em derisaõ mettia;
De uns a fronte no chaõ deixou truncada,
De outros o peito com o ferro enfia,
De alguns, que insàno accommettendo freme,
Talhado o braço sobre a terra treme.

XII.

Azevedo entre os mais, que no chaõ lança,
Tendo das balas empregado o impulso,
Com fero golpe de alabarda alcança,
De Ruiter, q' o accommette, o horrivel pulso:
Despoja-o da arma, e furioso avança,
Deixando-o em terra com tremor convulso,
Cornelisten derriba, e o ferro emprega
Em Blá, que todo o chaõ com sangue rega.

XIII.

Com furia igual, e impulso desfemido
Invade contra o Batavo a caterva,
E bem que a legiaõ em corpo unido,
Em roda ao Luso disparando ferva:
Resiste o Portuguez nunca rendido,
Em quanto a vida com vigor conserva,
Até que sobre os Belgas derribados,
Cahiram mortos sim, porém vingados.

XIV.

Tem por nome Arrecife um forte posto,
Que um Isthmo separou do Continente,
Donde o Castello de S. Jorge opposto,
Defende o passo ao transito eminente:
Alli fazia aos inimigos rosto
O bravo Limd, que do Belga ardente,
Sem mais que trinta invictos defensores,
Trezentos sacrifica aos seus furores.

XV.

Pasma de assombro Wandenburgo insano,
Nem pode crer, se o não convence a vista,
Que com força taõ pouca o Lusitano
De dous mil Belgas ao furor resista:
Sahe com todo o poder, e occupa o plano,
E em fórma regular tenta a conquista,
E nem assim o Lima ao fogo cede,
Em quanto auxilio ao General naõ pede.

XVI.

Recobrava-se em tanto valerosa
Do primeiro terror a Lusa gente,
Que inexperta da pugna bellicosa,
Cedêra no improviso do accidente:
E accompanhando em Tropa numerosa
Do intrepido Albuquerque o ardor valente,
O Belga usurpador pelas ribeiras
Cercaram com reductos, e trincheiras.

XVII.

Plantam depois um forte acampamento,
Donde se insulte o Batavo inimigo,
Nem deixavam que um só pudesse isento
Sahir sem damno ao campo, ou sem perigo:
Cortam-lhe o passo, e impedem-lhe o sus-
Nem lhe concedem no terreno abrigo; (tento,
E occupando-lhe o gyro dilatado,
O Belga cercador deixam cercado.

XVIII.

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
Contra Albuquerque Wandemburg avança;
Mas achavam os Lusos prevenidos
Do seu valor na nobre confiança:
Cahiam das trincheiras rebatidos
Do fogo os Belgas, ou da espada, e lança;
E sem que combatendo a mais se arrojem,
Em desordem do campo á praça fogem.

XIX.

Com quatro Companhias n'uma Armada
Soccorro de Lisboa recebendo,
Foi outra vez a Tropa reforçada
Com gente, e munições n'outra de Oquendo:
Mil mosqueteiros, Tropa exercitada,
No duro jogo de Mavort horrendo,
S. Felice conduz Mostre de guerra; (1
Mas menos apto na que usava a terra

XX.

Com soccorro maior de Hollanda armado
Contra Itamaracá corre o inimigo;
Duas vezes porém foi rechaçado
Com perda o Belga para o noto abrigo:
A' Paraiba, e Rio Grande enviado
Mudava de lugar, naõ de perigo;
E já menos bisonha a Lusa Tropa,
Põe em fuga o Hollandez sé em campo o topa.

XXI.

A Wandenburgo no Hollandez Imperio
Succederá Rimbach em guerras noto
Que estimando dos Belgas vituperio,
Ser cada dia pelos nossos roto:
Em quanto celebrava attento, e fério
A Pascoa o campo em Procissão devoto,
Com todo o poder Batavo accommette,
E o campo em confusaõ batendo, mette.

XXII.

Naõ se interrompe a ceremonia augusta,
Orando o Clero com o sexo pio,
Sahe o Orthodoxo contra a turma injusta,
Tomando por sagrado o desafio:
E fundando no Ceo confiança justa,
Peleijam com tal fé, com tanto brio,
Que matando Rimbach em feio estrago,
Deram aos Belgas da blasfemia o pago.

XXIII.

Mas o Ceo, que o flagello destinava,
Poder taõ grande aos Batavos concede,
Que nada a Vandescop, que os moderava,
Depois desta campanha o curso impede:
Fica Itamaracá de Hollanda escrava,
Desfaz-se o campo, a Paraiba cede,
Perde-se o Rio Grande; e n'outra empreza,
Rende o Luso o Pontal, e a Fortaleza.

XXIV.

Salva-se o resto da facçaõ perdida,
Nas Alagoas; sitio defensavel,
Onde do fero Belga perseguida,
Asylo busca a turba miseravel:
Mas foi da Hespanha em breve soccorrida
Com brava Tropa em frota respeitavel,
Roxas de Borja á Pernambuco enviado;
De Albuquerque o bastaõ tomou deixado.

XXV.

Roxas prompto no obrar, posto em batalha
De Vandescop as Tropas investia;
Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
Com soccorro que valído trazia:
Com tenebrosa sombra os lutos talha
A noite, que começa, á morte ímpia,
Dispondo Roxas em defensa armado,
Esperar o soccorro convocado.

XXVI.

Mas logo que a manhã mostrou formosa
Da batalha inimiga a fórma unida,
Mais naõ socega a chamma generosa,
E investe ardente a Batava partida:
Cobre os Ceos a fumaça tenebrosa,
Perde o Hispano, e Hollandez na empreza a
E nem este, nem o outro alli vencêra, (vida,
Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII.

S. Felice na guerra Mestre astuto,
Succede no governo ao bravo Hispano,
E Brazilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o Lusitano:
Foi das palmas Batavicas produto
Governar o Paiz Pernambucano
O Conde de Nassau, que o Belga envia,
General das Conquistas que emprendia.

XXVIII.

Era Nassau nas armas celebrado,
Com que illustrava o excelso nascimento,
Principe entaõ no Imperio respeitado,
Nutrindo igual ao sangue o pensamento:
Entrou de forte Armada acompanhado,
E no Arrecife situando o assento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarnecco as Colonias com Castellos.

XXIX.

Mas aspirando a empreza memoravel,
Todo o exercito, e Armada prevenia,
E achando Pernambuco defensavel,
Invadio no reconcavo á Bahia:
S. Felice com resto miseravel
Alli novo soccorro ao Rei pedia,
Quando ao bravo Nassau dispunha a sorte
Um Chefe nelle oppor prudente, e forte.

XXX.

Tudo dispunha o Conde em fórma, e arte
De rebater do Batavo a interpreza,
Dispoem pela Cidade em toda a parte
Os meios, e instrumentos da defeza:
Faz grossas levas, e esquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empreza,
Nada esqueceo de quanto na Milicia
Inventa a militar sábia pericia.

XXXI.

Entrava entanto pela vasta enseada
Nassau, que as praias enche da Bahía,
Com a terrivel magestósa Armada,
Que com quarenta náos linha fazía:
E ao som da trompa Marcial tocada
Em gratos écos de horrida harmonía,
Enche a horrenda procella em taes ensaios
A enseada de trovões, e o Ceo de raios.

XXXII.

Em tanto o claro Silva que occupava
Do supremo governo o excelso mando,
A S. Felice o posto renunciava,
Ficando por soldado ao seu commando:
Heróica acçaõ, que pela Patria obrava,
Maior pericia em outrem confessando,
E merecendo nélla em tanta empreza
Da Corte acclamações, do Rei grandeza. (2)

XXXIII.

Desembarca Nassau com turba ingente
Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
Que nomear costuma a vulgar gente
Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
Mas S. Felice, que o antevio prudente,
De posto o bate, que occupou primeiro;
E depois que seiscentos destro mata,
Em grande parte o Belga disparata.

XXXIV.

Largos dias Nassau bate a trincheira,
Que lhe oppoz ao Quartel Banholo á frente;
Mas o Belga em batalha verdadeira
Por muitos dias se avançava ardente:
Cobre-se a terra em horrida maneira
De um monte de cadaveres ingente,
Vendo os Belgas cahir, sem que desista
Nassau com tanto sangue da conquista.

XXXV.

E já desfeito o exercito se via,
Ferido o Official, e a gente morta,
Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege, e o Silva exhorta:
Pede tregoas Nassau nesta porfia,
E tudo com a Tropa as náos transporta,
Fugindo do perigo o infausto effeito,
Com perda igual de gente, e de conceito.

XXXVI.

Dous dias na enseada por vingança
Bate a Esquadra a Cidade sem perigo,
Com balas, e granadas, que em vão lança,
Parecendo mais salva, que castigo:
Sobreveio ao Brazil nova esperança
De expugnar com mais forças o inimigo;
Mas foi o effeito das promessas vario,
Impedindo o soccorro o mar contrario.

XXXVII.

Vi neste tempo em confusaõ pasmosa
A Monarquia em Lisia dominante,
E a Casa de Bragança gloriosa
Nos quatro Imperios triunfar reinante:
A Bahia com pompa magestosa
Festejar o Monarca triunfante,
E o Pernambuco de desgraças farto,
Invocar Pai da Patria D. Joaõ Quarto.

XXXVIII.

Tratava o novo Rei com fé provada
A Batavica paz, que sem justiça,
Deixava ao mesmo tempo quebrantada
O Belga injusto pela vil cubiça:
Occupa o Maranhaõ Batava armada,
E outra Esquadra em Sersipe o incendio atiça,
Pertendendo occupar com falso engano
Toda Africa, e Brazil ao Lusitano.

XXXIX.

Cede do seu governo de affrontado
O General Nassau, tornando a Hollanda,
Tendo o conselho do Arrecife armado
Mil artificios de calumnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no governo abranda,
Onde a plebe aggravada que o experimenta,
O jugo sacudir com gloria intenta.

XL.

Joaõ Fernandes Vieira foi na empreza
O instrumento da Patria liberdade,
Heróe, que soube usar da grã riqueza,
Libertando o Brazil desta impiedade:
De amigos, e parentes na defeza
Tentou furtivamente a sociedade,
E como a pedra a Estatua de Nabuco,
O Belga derribou de Pernambuco.

XLI.

Nomeou Cabos Tropas, Companhias,
Pedio soccorros, e invocou prudente,
Expondo do Hollandez as tyrannias
O Governo Brazilico potente:
Avisa sem demora Henrique Dias, (3)
Capitaõ dos Ethiopes valente,
E o forte Camaraõ, que em guerra tanta, (4)
Com os seus Carijós o Belga espanta.

XLII.

Ouve o Hollandez com susto o movimento;
E querendo opprimir nascente a chamma,
Com dous mil homens prevenia attento
A nova guerra, que o Vieira inflamma:
Deixara o Luso Chefe o alojamento,
E os Belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de um lugar nas duras rocas,
A que o monte chamaram das Tabocas.

XLIII.

Entre arbustos, e canas de improviso
Dispara o Luso sobre a incauta gente;
E precedendo o damno antes do aviso,
Disbarata o Hollandez com furia ardente:
Suspende a marcha o Batavo indeciso,
E sem ver o inimigo, o golpe sente,
Até que vendo o estrago dos soldados,
Cedem o campo, e fogem destroçados.

XLIV.

Hollanda era potente, e o Luso afflito,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter noticia do infeliz conflito,
Meditava ao Brazil novas desgraças:
Mas por guardar os seus o Rei invicto,
Dispoz piedoso nas Provincias lassas,
Providencias, que á paz chamar pudessem
O tumulto, em que os nossos permanecem.

XLV.

Vaõ com dous Regimentos destacados
O Moreno, e Negreiros da Bahia
A dar paz (se he possivel) destinados
Na guerra, que o Vieira entaõ movia:
Viram veigas, e campos abrazados,
E o colono infeliz, que perecia,
Com lastima da Tropa, que observara,
Todo o estrago, que o Belga alli causara,

XLVI.

Avistado o Negreiros e o Vieira,
Venho (disse oprimeiro) a prizão dar-vos,
Por haver provocado a ira estrangeira
A uma guerra, que acabe de assolar-vos:
He justo que eu tambem prender-vos queira,
Mas será (disse o heróe) com abraçar-vos;
E assim dizendo alegre move o passo,
E os dous recebe com festivo abraço.

XLVII.

Outro tanto fazia a Tropa unida
Ao invicto Esquadrão Pernambucano;
E applaudindo a victoria conceguida,
Detestam do Hollandez o enorme engano.
Nem muito tarda a gente fementida,
Que naõ abraze a Esquadra ao Lusitano,
Onde embarcado pela paz chegara,
Como o Batavo proprio o convidara.

XLVIII.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
De turba feminina, que invocava
O soccorro dos seus libertadores
Contra o Belga cruel, que as cativava:
  Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
O engenho, aonde incauto descançava
O Belga General cercado, bate;
E rendendo-o á prizão, vence o combate.

XLIX.

Henrique Hus do Arrecife Commandante
Era o Cabo dos Belgas prizioneiro,
Blac rendido tambem, Chefe importante,
Subalterno nas armas do primeiro:
  Foge do Luso o Batavo arrogante,
Espalhando os fuzís no grão terreiro,
E a chamma teme, que no horrendo empenho,
Lançara o Vieira pelo vasto engenho.

L.

Com fama de victoria tão brilhante
Toma as armas a plebe, e o Belga invade,
Serinhaem tomou, Villa possante,
O partido commum da liberdade:
  Segue Itamaracá com fé constante,
Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
Deixando no Arrecife sem remedio,
Encerrado o Hollandez com duro assedio.

LI.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
E ao numeroso exercito, que ordena,
Sigismundo, Van-Scop por Chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do experto General, que desconfia
O premio ao valeroso, ao fraco a pena,
E emprendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII.

Abordando o Arrecife entaõ cercado,
A inercia dos seus Chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Naõ saia a Olinda, que expugnar emprende:
Em assalto a accommette duplicado,
E a brava Tropa, que ao presidio attende,
Com tanto alento ó Batavo rechaça,
Que ferido Van-Scop se acolhe á Praça.

LIII.

Sem que desista da passada instancia,
Tenta de novo á empreza da Bahia;
Mas notando nos Lusos a constancia,
Que injuria do poder lhe parecia:
Consome do Reconcavo a abundancia
Com frequentes sortidas, que emprendia;
E porque cresça na Cidade o tédio,
Occupa Taparica, e poem-lhe o assedio.

LIV.

Telles em tanto, que expulsar pertende,
Sem igual força o Batavo contrario,
Contra o commũ conselho o ataque emprende,
E tudo expoem no impulso temerario:
Mas vendo o Luso Rei, que a nada attende,
O Belga nos seus pactos sempre vario,
Manda Armada ao Brazil, que poderosa
A Batava Nação dome orgulhosa.

LV.

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
Por guardar o Arrecife, Taparica,
Antevendo que a Esquadra se prepara
Contra a Praça, que auxilio lhe supplica:
Barreto de Menezes, que chegára
De novo General patente indica,
E em Pernambuco sublimado ao mando,
Com prudencia, e valor foi governando.

LVI.

Nove mil homens, Tropa valerosa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o Batavo a empreza perigosa,
Que á guerra ponha fim Pernambucana:
Occupa o mar Armada poderosa;
E dominando a praia Americana,
Usurpa em mar, e terra alto dominio,
Ameaçando dos Lusos o exterminio,

LVII.

Poem-se em campanhia o Batavo terrivel,
Com sete mil do veterana Tropa,
Vão densos bandos do Gentio horrivel,
Com destro gastador vindo da Europa:
E estimando-a potencia irresistivel,
Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa, (5)
Em quanto em defensiva o Luso fica,
E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII.

Sigismundo porém, que os bastimentos
Em Moribeca assegurar procura,
Dispunha alli tomar allojamentos,
Estimando a victoria já segura:
Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
Na justiça, que a causa lhe assegura,
Confiam que na empreza o Ceo lhe valha,
E tudo vaõ dispondo a uma batalha.

LIX.

Nem com tanto poder Van-Scoop recusa,
Decidir n'uma acçaõ toda a contenda,
Antevendo, se a perde a gente Lusa,
Que outra força naõ tem que a guerra empren-
E já na marcha a multidaõ confusa, (da:
A acçaõ começa pelo fogo horrenda,
E turbando dos Belgas toda a fórma,
Combatem com valor, porém sem norma.

LX.

Nos montes Guararapes se alojava
Formado o Portuguez, que o Belga espera;
E a escaramuça, que emprendêra brava,
Traz a sitio o Hollandez, que adverso lhe era:
Desde alto monte o Luso fogo obrava,
Com ruina dos Batavos tão fera,
Que ou seja ao lado, ou na espaçosa fronte,
Se cubrio de cadaveres o monte.

LXI.

Reune os batalhões Van-Scop irado,
E á fronte com valor da linha posto,
Tenta desalojar no alto occupado
O invicto Camaraõ, que lhe faz rosto.
Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado posto;
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII.

Noventa dos seus perde o Lusitano;
E em quanto o Belga se retira incerto,
Descobre a aurora todo o monte, e plano
De bandeiras, canhões, e armas cuberto:
Muitos alli do Batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas mãos da nossa Tropa prizioneiros.

LXIII.

Horroriza-se Hollanda, pasma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-se triunfar tão pouca Tropa
Da terrivel Potencia, que a invadia:
Nada de humano o pensamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara se via,
Pois sempre elege para os seus portentos
Os mais fracos, e humildes instrumentos.

LXIV.

Tinha exausta a ambição, mas não cançada
A cubiçosa Hollanda em tal conquista;
E para novo empenho apparelhada,
Escolhe os Capitães, e a gente alista:
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre interesse que mais alto avista,
Suspende o influxo na famosa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV.

Brinc a este tempo, Coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com petrechos, e numero potente,
Que em batalha cruel tudo decida:
Sinco mil homens de escolhida gente,
De canhões, e petrechos guarnecida,
Poem no campo assombrado da Potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

LXVI.

Com dous mil e seis centos veteranos
Faz-lhe frente Barreto. e o Belga invade,
Correm de toda a parte os Lusitanos
A sustentar á Patria liberdade:
Aloja o Luso sobre os mesmos planos,
Onde fora a passada mortandade;
O Belga na montanha se distingue,
Um que o estrago renove, outro que o vingue.

LXVII.

Mas Brinc a tudo attento desde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde seguindo o militar costume,
Dá fórma á retaguarda, e ordena a fronte;
Nem taõ ousado o Portuguez presume,
Que em vantajoso posto o Belga affronte,
Esperando a occasiaõ dalli opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII.

Reconhece Barreto o sitio, e fórma;
E vendo o ardor da Lusitana gente,
Que, habil no passo, da subida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataca ardente:
E cubrindo a invasaõ com sábia norma,
Com o fogo protege o assalto ingente,
Até que por mil casos duvidosos,
Vê sobre o monte os campeões briosos.

LXIX.

Nova batalha alli com fogo vivo
Move impavido o Belga, e firme insiste;
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde um corpo vacilla, outro resiste:
Tal ha que ainda combate semivivo;
Tal que cadaver já na morte triste,
A terra morde, e em raiva enfurecida,
Blasfemando do Ceo, despede a vida.

LXX.

A toda a parte voa o Graõ Barreto,
E um aníma, outro ajuda, outros exhorta;
E excitando no Luso o Patrio affecto,
Incita o forte, o invalído conforta:
Bramava o fero Brine em sangue infeto,
Entre a Batava turba oppressa, e morta,
Assalta horrendo um batalhaõ potente,
E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI.

Mas o invencivel Camaraõ, que o nota
Um forte troço da reserva abala;
E suspendendo a misera derrota,
Lança o Belga por terra de uma bala:
Logo o Almirante da soberba Frota,
Vendo invalído Brinc cahir sem falla,
Occupa o mando, que já vago estima,
E o Batavo á peleija altivo aníma.

LXXII.

Naõ soffre Henrique Dias, que observava
Do novo Chefe a intimação constante;
E de um tiro, que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido Almirante:
Sem Commandante o Belga trepidava.
E de um, e de outro lado vacillante,
Uma vil fuga tímido declara,
E o campo com desordem desampara.

LXXIII.

O estandarte soberbo dos Estados,
Tendas, peças, bandeiras numerosas.
Mil e trezentos mortos numerados,
Prizioneiros, bagagens preciosas:
Muitos centos na fuga degollados,
A caixa militar, armas custosas,
Foram nesta occasiaõ de tanta gloria
O merecido premio da victoria.

LXXIV.

Cinge o arrecife de um assedio estreito
Com prompta cura o Chefe Lusitano;
Mas tendo longa guerra o Belga feito,
Era contínuo sim, mas mutuo o damno:
Até que Jaques ao commando eleito
No campo se avistou Pernambucano,
Condnzindo em fortuita derrota
Para o Luso commercio a usada Frota.

LXXV.

Por mar, e terra sitíada a Praça,
Depois do longo assedio de nove annos,
Com mil desastres fatigada e lassa,
Cedeo todo o Brazil aos Lusitanos:
Mercê clara do Ceo, patente graça,
Que a tão poucos, e miseros paízanos
Cedesse uma Nação, que enchia em guerra,
De Armadas todo o mar, de espanto a terra.

LXXVI.

Assim modera o Padre Omnipotente
Do ignorante mortal a incerta sorte,
Por fazer com taes casos evidente
Que naõ he quem mais póde o q' he mais forte:
Tudo rege na terra a Mão potente;
Delle a victoria pende, a vida, a morte;
E sem o seu favor, que o distribue,
Todo o humano poder nada conclue,

LXXVII.

Triunfou Portugal; mas castigado,
Teve em tal permissão severo ensino,
Que só se logrará feliz reinado,
Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
E que o Brazil aos Lusos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto destino,
Instrumento talvez neste hemisferio,
De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

LXXVIII.

Vi no sonho mil casos differentes,
Que no curso viram de outras idades:
Vi Provincias notaveis, e potentes,
Vi nascer no Brazil aureas Cidades:
Famosos Vice-Reis, e illustres gentes,
Tantos successos, tantas variedades,
Que somente pintado, como em sombra,
Confunde o pensamento, a vista assombra.

LXXIX.

Prelados vi de excelsa Jerarquia,
E entre outros da maior celebridade
O claro Lemos, que enriqueça um dia
De novas Sciencias a Universidade:
Elle ornará depois a Academia
Com construcçoens de excelsa magestade,
E em doutrina a fará com sabio modo
O Atheneo mais famoso do Orbe todo.

LXXX.

Deo Catharina fim, e arrebatada
N'um extase ficou, vibrando ardores;
Corriam pela face em luz banhada
Lagrimas bellas, como orvalho em flores;
Fica a pia assemblea esperançada
De outros successos escutar maiores;
E dando tempo ao somno milagroso,
No abraço a deixam do celeste Esposo.

(1) *S. Felice.* He o celebre Conde de Banholo, Official pratico, mandado de Hespanha para exercitar, e disciplinar as nossas Milicias.

(2) *Do Rei grandeza.* Por esta acção generosa, que salvou a Bahia, foi creado por Filippe IV. primeiro Conde de S. Lourenço.

(3) *Henrique Dias.* Negro valerosissimo, e Commandante dos Ethiopes, que tiveram grande parte na restauração do Brazil.

(4) *Camarão.* D. Antonio Filippe Camarão, Americano de origem, e nação, bravissimo Capitaõ dos Carijos, que se fez terrivel aos Hollandezes em frequentes combates, que lhes deo.

(5) *Barreta.* Fortaleza importante dos nossos junto ao Arrecife.

CANTO X.

I.

Cheia de assombro a turba a Dama admira
Tornada a si da susponsaõ pasmosa;
E da nova visaõ, que alli sentira,
Prosegue a ouvir-lhe a narraçaõ gostosa:
Mais bella que esse Sol que o Mundo gyra,
E com côr (disse) de purpurea rosa,
Vi formar-se no Ceo nuvem serena,
Qual nasce a Aurora em madrugada amena.

II.

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sobre a esfera tecer claro diadema,
De materia mais pura que o diamante,
Que obra parece de invençâo Suprema.
Luzia cada estrella taõ brilhante,
Que parecia um Sol, precioso emblema
De admiravel belissima pessoa,
Que á roda da cabeça cinge a corou.

III.

De ouro fino os cabellos pareciam,
Que uma aura branda aos ares espalhava;
E uns dos outros talvez se dividiam,
E outra vez um com outro se enredava:
Frechas voando, mais não feririam,
Do que um só delles n'alma penetrava;
Cabellos taõ gentís, que o Esposo amado
Se queixa, que de um delles foi chagado.

IV.

A frente bella, candida, espaçosa,
Cheia de celestial serenidade,
Vislumbres dava pela luz formosa
Da immortal soberana claridade:
Vê-se alli mansidaõ reinar piedosa,
E involta na modestia a suavidade,
Com graça, a quem a olhava tão serena,
Que excitando prazer, desterre a pena.

V.

Dos dous olhos não ha na terra idea,
Que astros, flores, diamantes escurecem;
Ou na belleza de mil graças chea,
Ou nos agrados que brilhando offrecem:
N'um olhar seu toda alma se encadea,
E mil votos á roda lhe apparecem,
Dos que a seu culto glorioso alista,
Outorgando o remedio n'uma vista.

VI.

Das faces bellas, se na terra houvera
Imagem competente que a pintára,
As flores mais gentís da Primavera
Pelo encarnado, e branco eu comparára:
Mas flor não nasce na terrena esfera;
Naõ ha estrella no Ceo tão bella, e clara,
Que não seja, se a oppor-se-lhe se arrisca,
Menos que á luz do Sol breve faisca.

VII.

Da boca formozissima pendente
Pasma em silencio todo o Ceo, profundo:
Boca, que um *Fiat* pronunciou potente,
Com mais effeito, que se creasse um Mundo:
Odorifero cheiro em todo o ambiente
Do labro se espalhava rubicundo;
Fragrancia celestial, que amante, e pia
No Filho com mil osculos bebia.

VIII.

Todos suspende em pasmo respeitoso
O amavel formozissimo semblante;
E mais nelle se ostenta poderoso
O Soberano Author do Ceo brilhante:
Pois quanto tem o Empyreo de formoso,
Quanto a angelica luz de rutilante,
Quanto dos Serafins o ardente incendio,
De tudo aquelle rosto era um compendio.

IX.

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
Um desmaiado azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabastros com fundos de jacinto:
Ambas com doce abraço ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não bastára,
Quanto Deos já creou, quanto creára.

X.

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
Por nosso amor, de um symbolo rasteiro;
Dentro parece do Virgineo Manto,
Pascendo em brancos lirios um Cordeiro:
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa um doce somno lisongeiro,
A' roda os Serafins, que o estrondo impedem,
Para o não dispertar silencio pedem.

XI.

Aos pés da Mãi piedosa superada
Vê-se a antiga Serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta Virginea gloriosa:
E enroscando os mortaes já quebrantada,
Ao éco só da Virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge,
E o feral antro do veneno asperge.

XII.

Ao ver belleza tanta o pensamento,
Que a linda Imagem sorprendia absorto,
Ouve no centro d'alma um doce accento,
Que o peito enchia de vital conforto:
E como infunde ás plantas novo alento
O matutino orvalho em fertil horto,
Tal dos doces influxos na abundancia
Dentro d'alma eu senti nova constancia,

XIII.

Catharina (me diz) verás ditosa
Outra vez do Brazil a terra amada;
Faze que a Imagem minha gloriosa
Se restitua de vil mão roubada:
E assim dizendo, nuvem luminosa,
Cómo véo, cobre a face dezejada;
E faz que na memoria firme exista
Entre amor, e saudade a doce vista.

XIV.

Assim concluo Catharina, enchendo
De duvidoso assombro a companhia:
Que Imagem fosse aquella, iam dizendo,
Ou qual delles acaso a roubaria?
Se a Mãi de Deos mysterios involvendo,
D'outra copia intrior o entenderia?
Ou queria talvez que em santo trato,
Se restitua n'alma o seu retrato.

XV.

Mas véla em tanto appareceo boiante,
Que junto da Bahia o mar cortava,
Onde em bandeira, que lançou flammante,
O Leão das Hespanhas tremolava:
Vem á falla com salva fulminante;
E a França náo, que á terra velejava,
Posto á capa o Hespanhol, cortez visita,
E o claro Diogo avisitallo incita.

XVI.

E depois que em festivo amigo abordo
O bom Gonzales o Hospede festeja,
Excitou-se nos dous claro recordo,
De quem o Hispano foi, quem Diogo seja:
Ambos nos braços, de commum acordo,
Um a outro mil ditas se dezeja;
Reconhecendo o Luso o nobre Hispano
Por um dos companheiros de Arelhano.

XVII.

Carlos o Grande, o Imperador famoso
Grato por mim a saudar-te envia
(Disse a Diogo o Hispano generoso,
Soccorrido a outro tempo na Bahia:)
Ouvio o invicto Cesar gracioso
O teu obzequio á Hispana Monarquia,
E o serviço, que grande considera,
Por mim no seu agrado remunera.

XVIII.

E porque possa em caso equivalente
Retribuir-te aquella acçaõ piedosa,
Salva aqui te offereço a infausta gente,
Perdida nessa praia desditosa:
De cativeiro barbaro, e inclemente
Vivia na oppressaõ laboriosa,
Até que destas armas protegida,
Remio na liberdade a infausta vida.

XIX.

Garcés então da gente Lusitana
O mais distinto, que o discurso ouvia,
Confessa o beneficio á força Hispana,
E a historia de seus casos principia.
Depois que a gente abandonaste insana,
Com teu aviso, a Lusa Monarquia
Gentes aqui mandeu, náos poderosas,
Que as Naçoens sujeitassem bellicosas.

XX.

Foi Pereira Coutinho o destinado
A fazer da Bahia a grã conquista;
Heróe no Indico Imperio celebrado,
Em quem nova esperança o Luso avista.
Tudo tinha o bom Chefe preparado.
Formosas náos ajunta, e gente alista,
E á grã populaçaõ, que meditava
De um sexo, e d'outro as gentes convidava.

XXI.

E sem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambas, com teu recordo,
As potentes aldeas visitando,
Com amiga alliança em firme acordo.
Do Sertaõ vasto em numeroso bando
Desciam festejando o nosso abordo,
Os Carijos, Tapuïas, e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

XXII.

Gupeva, e Taparica celebrados
Entre os Tupinambas, Naçaõ, que habita
Os campos da Bahia dilatados,
Antes do outros Coutinho solicita:
E por vellos comtigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece,
Onde de dia a dia o povo cresce.

XXIII.

Todo o fertil terreno utilizando,
Donde riqueza se offerece tanta,
Engenhos vai de assucar fabricando,
Aldeas, casas, máquinas levanta:
E as drogas preciosas commutando,
A mandioca, arroz, e a cana planta;
Nem duvida que seja em tempo breve
A Colonia melhor, que Europa teve.

XXIV.

Escolha faz nas Tabas numerosas
Dos que acha no trabalho mais activos;
Mas guarda para emprezas bellicosas
Os que em ferocia reconhece altivos:
A todos com maneiras amorosas
Propoem da Fé Christã claros motivos;
E á condição notando em cada raça,
Uns doma com terror, outros com graça.

XXV.

Sabe que em gente tal nada se colhe,
Depois de endurecer na idade adulta,
Onde na puericia os mais escolhe,
Por dar-lhe em breve a educaçaõ mais culta:
Nem dos pais violento algum recolhe;
Mas do proveito, que de alguns resulta,
Induz a gente barbara que o segue,
Que á prole á educaçaõ gostosa entregue.

XXVI.

Em cuidadosa escola o temor santo,
Antes das Artes a qualquer se ensina;
Daõ-lhe liçoens de ler, contar, de canto,
E o Catecismo da Christã Doutrina:
Vendo-os o rude Pai, concebe espanto,
E pelo filho a Mãi á Fé se inclina,
Nem de meio entre nós mais apto se uza,
Que aquella gente barbara reduza.

XXVII.

E estes serão, se a idéa naõ me engana,
Meios á grande empreza necessarios,
Que em breve a gente rude fora humana,
Com Escolas, e Regios Seminarios:
Foge, sem se domar a gente insana,
Se em forças, e poder nos vê contrarios;
Mas educada em tenra mocidade,
Dilataria o Reino, e a Christandade.

XXVIII.

Mas no meio das bellas esperanças,
Com que a nova Colonia florecia,
Move a Serpe infernal desconfianças
Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
Foi a causa infeliz destas mudanças
Um interesse vil de gente impía,
Que os povos offendendo em paz amigos,
Cobriram toda a terra de inimigos.

XXIX.

Gupeva foi dos seus abandonado;
Taparica foi morto; a Lusa gente
Do Gentio nos matos rebellado,
Contínua perda nas lavouras sente:
Queimada a planta foi perdido o gado,
E cercado o arraial em continente,
Vio Coutinho por barbara violencia
Perdido o seu thesouro, e diligencia.

XXX.

Na geral afflicçaõ do Luso povo
A lugar se recorre mais tranquillo;
Buscamos nos Ilheos um sitio novo
Contra a turba feroz, seguro asylo:
E já Coutinho se dispõe de novo,
Vendo manso o Gentio, a reduzillo,
Fabricando Colonia de mais dura,
Menos fecunda sim, mas mais segura.

XXXI.

Mas os Tupinambás, melhor cuidando,
Com promessas os nossos convidavam,
Com míl amigas provas protestando
De conservar a paz, que antes guardavam.
Creo o infeliz Coutinho celebrando
Pactos, que segurança a todos davam;
E sem temor de mais, voltar queria
Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII.

E já no mar a frota se esquipava,
E cada um de nós na empreza absorto,
Sem temor, ou receio só cuidava
Em fazer ao Reconcavo transporte:
Navegamos o espaço, que dictava;
E tendo á vista o desejado porto,
Com furia o mar aos Astros se levanta,
Em cerraçaõ do Ceo, que á vista espanta.

XXXIII.

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
Tirou-nos toda a vista e sem destino
Batemos cegos n'hum penhasco duro,
Sem termos do lugar noticia, ou tino:
Neste momento horrivel, transe escuro,
Supplicando o favor do Ceo Divino,
Vemos a não, com horridos fracaços,
Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV.

Ficamos, como o entendes, alagados,
Nadando em meio da procella horrenda;
Uns das ondas se affogam devorados,
Outros na praia em confusaõ tremenda:
E eis-que os crueis Tupís encarniçados
Com frechas se empenharam na contenda;
Por levar-nos da arêa semivivos
A' sorte dos seus miseros cativos.

XXXV.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
Alguns dispostos ao funesto ocaso,
Afflictos todos nós, e esmorecidos,
E esperando qualquer seu triste prazo:
Mas de ti sobre tudo condoidos,
Triste Coutinho, que no acerbo caso,
Depois de triunfar d'Asia assombrada,
Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
Levantaste troféos de gloria onustos;
A quem cedêra o Malabar potente
Em Armadas, e Exercitos robustos:
Tu, que foste o terror da Indica gente,
Que da Lisia humilhaste aos Reis Augustos;
Lá estava em tanto a tua sorte escrita
De vires a acabar nesta desdita.

XXXVII.

Mais proseguir não póde suffocado
O bom Garcez em amargoso pranto;
E condoeó-se Diogo, recordado
De ver-se em outro tempo em caso tanto:
E havendo os naufragantes consolado:
Não sou (diz) insensivel, que sei quanto
Acerbo o caso he, cruél o artigo,
E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII.

Recebei entre tanto valerosos
Com magnanimo peito a advercidade;
Conseguireis por transes perigosos
Fazer-vos dignos da immortalidade.
Deixareis monumentos gloriosos
A uma longa, e feliz posteridade;
E ganhando obtereis com tanta gloria
Um nome eterno nos padrões da Historia.

XXXIX.

Disse o piedoso Heróe, reconhecendo
Ao Hispano Monarca pelo Enviado
O distincto favor, e á mercê tendo
Achar memoria no real agrado:
A' náo depois os socios recolhendo,
No Reconcavo entrava desejado,
Onde a vista formosa da Bahia
Com perspectiva amena apparecia.

XL.

A ver na estranha náo, que gente aporte,
Desde o interior Sertaõ turba recrece,
E bem que differente em trage, e porte,
Catharina dos seus se reconhece:
Entre applausos recebe a Naçaõ forte
O grão Caramurú, como merece,
Mostrando pelo amor, e reverencia
No antigo affecto a nova obediencia.

XLI.

Carrega em tanto o lenho desejado
A náo de Du-Plessis, que Diogo estuda,
Que seja em toda a terra obsequiado,
Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Um Carijó porém nisto empregado,
Em quanto a carga em toda a náo se muda,
Uma Imagem roubou formosa, e bella,
Que a náo venera na intrior Capella.

XLII.

Observou-a Diogo na cabana
Tratada dos Tupís com reverencia,
Estimando-a por cousa mais que humana,
Que excedia dos seus a intelligencia:
Sorprendeo-se da Imagem soberana
O Lusitano Heróe: e á competencia
Com elles venerando a Mãi Divina,
Chama a vella a piedosa Catharina.

XLIII.

Poz-lhe os olhos a Dama; e transportada:
Esta he (disse) *he esta a Grã Senhora,*
Que vi no doce sonho arrebatada,
Mais que o Sol pura, mais gentil que a aurora:
Eis-aqui! esta he a Imagem venerada:
Este era aquelle roubo: entendo agora:
Oh minha grande sorte! Oh imensa dita!
Isto me quiz dizer a Mãi bemdita.

XLIV.

Dizendo assim com ansia fervorosa,
Postrada abraça a Imagem veneranda:
Beija, aperta-a, e de gosto lagrimosa
Mil saudosos ais ao Ceo lhe manda:
Aqui vos venho achar, Mãi piedosa,
No meio (disse) desta gente infanda!
Infanda, como eu fui, se o vosso lume
Naõ me emendará o barbaro costume.

XLV.

Olha em tanto suspensa a gente bruta;
E os excessos, que vé, cuidando, admira;
Nem concebe nas vozes, que lhe escuta,
Se prazer seja, se de dor suspira:
Mas como a Imagem celestial reputa;
Quanto á Dama piedosa obrando víra,
Qualquer á imitaçaõ fazer dezeja,
E este a adora, outro a abraça, e aquelle a beija.

XLVI.

O Lusitano, e Franco Religiozo
Veneraram com fé prodigio tanto,
Lembrando-se do sonho portentoso
Com claro indicio do presagio santo:
Em quanto o brutal povo numeroso
Tudo nota em um extase de espanto,
Até que a um Templo em pompa venerando
A pia multidaõ a Imagem manda.

XLVII.

Por santa invocaçaõ foi acclamada
A Senhora da Graça, e com fé pia
Foi desde aquelle dia venerada
Singular Protectora da Bahia:
Igreja primitiva dedicada
Em meio as trévas dessa gente impia,
Memoravel (se a fama he verdadeira)
Porque em todo o Brazil fora a primeira.

XLVIII.

Neste festejo a plebe se-entretinha,
E eis-que uma salva se ouve estrepitosa
De grande Armada, que estendendo vinha
Galhardetes, e flammulas lustrosa:
Tudo ao rumor da frota se encaminha,
Vendo a bandeira tremolar famosa,
Que no brazão das Quinas representa
A redenpção, que o Ceo na terra intenta,

XLIX.

Era Thomé de Sousa o Commandante,
Que alli Governador fora mandado
Com multidaõ de gentes abundante,
Para dar fórma ao povo começado:
N'um sitio com mil mangues verdejante,
Que o graõ Caramurú tinha habitado,
Da Colonia, que ás Tabas se assemelha,
O nome nos ficou de Villa-Velha.

L.

Alli por Principal constituido
Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
Das Tabas do Sertaõ reconhecido,
Como Dragaõ do mar, filho do fogo:
Catharina por sangue esclarecido
Herda de seus Avós o Imperio logo, (1)
Convocando á Bahia nesta idéa
Dos seus Tupinambás toda a assembléa,

LI.

A' Taba de Gupeva já habitada,
Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
Das outras Tabas toda a gente armada
Com os seus Principaes a ouvir concorre:
Toda a Cidade em corpo congregada
A' grande casa concorreo da Torre:
Paço de Catharina, que na empreza
Presidia aos Tupís, como Princeza.

LII.

A seu lado Diogo, e Sousa armado,
A' Camara preside da Bahia: (2)
O Clero santo a Deos tendo invocado,
Ouvio-se dos clarins doùce harmonia:
A Tropa Portugueza occupa hum lado;
Todo o outro espaço o Barbaro cubria:
E em meio a cada casta alli presente,
Brilha emplumado o Principal potente.

LIII.

☞ De Varões Apostolicos hum bando
Tem de innocentes o esquadão disposto,
Que hiāo na Santa Fé dissiplinando,
Todos assistem com modesto rosto:
O Catecismo em cantico entoando,
No idioma Brazilico composto
Do Exercito, que Ignacio á Igreja alista.
Para emprehender a barbara conquista.

LIV.

Sentio da Patria o público proveito
O Monarca piissimo, que impera;
E estes Varões famosos tinha eleito
A instruir o Brazil na Fé sinsera:
Elles toda a conquista houverão feito,
E o immenso Gentio á Fé viera,
Se cuidasse fervente o santo zelo, (3)
Sem humano interesse em convertello.

LV.

São desta especie os Operarios santos,
Que com fadiga dura, intenção reta,
Padecem pela Fé trabalhos tantos;
O Nobrega famoso, o claro Anchieta:
Por meio de perigos, e de espantos,
Sem temer do Gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos destes alli, velando pios,
Dentro ás tocas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem recear os barbaros insultos:
Penetrão matos, atravesão rios,
Buscando nos terrenos mais incultos
Com immensa fadiga, e pio ganho
Esse perdido mizero rebanho.

LVII.

Mais de hum verás pela campanha vasta
Derramar pela Fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o Gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue:
Vellos-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude Pagão nas trevas langue;
E ao Ceo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com Corte tanta no sublime Paço,
Que a grã Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina hum breve espaço,
O throno occupa, e as attenções convida:
Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
Como insignia de Imperio conhecida,
Hum marraque por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos Paizanos, que o Ceo ama,
(Disse a Dama Real) povo disperso,
Que elle ao rebanho seo piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
Hoje vos quer livrar da Averna chamma,
Vendo arrastar-vos do Dragão perverso,
Esse Grão Deos, que de uma Cruz sublime
A pena satisfaz, e a culpa opprime.

LX.

Da antiga Lusitania o Rei potente,
Acompanhando o Sol no gyro immenso,
Vai rodeando todo o Globo ingente,
Desde o aurifero Tago ao China extenso:
Por elle a Fé recebe todo o Oriente,
O Mouro cede de pavor suspenso,
E Europa admira pelo mar profundo,
Que o seo Reino menor subjugue hũ Mundo;

LXI.

Deste grande Monarca he tanto o Imperio,
Que aonde a propria luz não se encaminha,
Nos limites extremos do hemisferio
O Lusitano Exercito caminha.
A Africa, e Ilhas, o Arabe Cimerio,
Duas vezes passando a immensa linha,
Possue tantos póvos, que a contallos
São mais que os portuguezes seos Vassallos;

LXII.

Este Rei glorioso foi o eleito
Por Providencia da eternal Bondade,
A fazer do Brazil hum povo aceito,
E digno de a gozar na Eternidade.
Pudera desta gente o forte peito,
Tendo n' Asia opulenta immensidade,
Estes nossos Sertões trocar incultos
Por Nações ricas, e terrenos cultos.

LXIII.

Pudera com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fora,
Domar o roxo mar por toda a banda,
E o Reino todo possuir da Aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brazil a tudo agora,
Mostre aos homens, que ao impulso que o domina
He propagar ao Mundo a Fé Divina.

LXIV.

Generoso pensar! sagrada empreza!
Longe da vã Politica de Estado,
Que se a Milicia, se o Commercio preza,
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vasta redondeza,
E a sorte dos Imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brazil se alague.

LXV.

Um Rei, senaõ me engana occulto instinto,
Quando o Quatro remir as Lusas Quinas,
Depois do Sexto Affonso, e Pedro extincto,
Abrirá no Sertaõ famosas Minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
Altas Disposições do Ceo Divinas!
Pois no tremor, e incendio, que a ameaça,
Prepara este subsidio á grã desgraça.

LXVI.

Tempo virá, que Dama magestosa
Por Soberana a Lisia reconheça,
Epoca illustre, insigne, e venturosa,
Em que tenha uma Santa por Cabeça.
Descerá sobre o Reino a paz formosa,
E com a paz fará que a Gloria desça;
Atlantes tendo do seu Regio Estado,
Quatro Sabios, e um inclito Prelado.

LXVII.

E tu, Monarca Justo, do Ceo vindo,
Venha-te a palma sobre o Empyreo tarda,
E Pai da Patria ao Reino presidindo,
Com zelo a antiga fé nos nossos guarda:
Enche o graõ nome, as portas reprimindo
Do monstro Averno: que nos fundos arda;
Que deixe Portugal, que na Fé medra,
E Christo firma sobre a immovel pedra.

LXVIII.

Esta insigne Progenie o Ceo promette,
Brazil agora rude, aos teus vindouros,
O cólo humilde em tanto ao Rei sobmette,
E offerece-lhe contente os teus thesouros:
E entre tantas Nações, que ao jugo mette
A' sombra Portugal dos verdes louros,
Sem provares da Guerra o furor vario,
Chega ao Throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

E se Princeza me chamais sublime
Dos vossos Principaes nascida herdeira,
Se ao Graõ Caramurú, que o raio imprime,
Jurastes vassalagem verdadeira:
Elle da sujeiçaõ tudo hoje exime,
Cedendo ao Throno Luso a posse inteira;
E eu do Monarca na Real Pessoa
Cedo todo o direito, e entrego a Croa.

LXX.

Dizendo assim a Dama generosa,
Desce do Throno, e o esplendido Diadema
Entrega ao Sousa; e toma magestosa
Um baixo assento com modestia extrema:
Pasma o Tupinambá, vendo a formosa
Nobre Paraguaçú de claro Estema,
Que o seu Regio Marraque ao Sousa dando,
Despia a pompa do Real Commando.

LXXI.

Logo o Caramurú na lingua, e estilo
Dos naturaes fallando ao Chefe novo,
Posto tudo em silencio para ouvillo,
O escudo da Bahia mostra ao povo.
A pomba de Noé, que ao noto asylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz, que á crúa gente
Com a Fé dispensava o Rei Clemente.

LXXII.

Este he o titulo (disse) verdadeiro,
Com que occupa o Brazil nesta Anarquia
O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
Assim que em paz se tenha a turba impía:
Porque ao Supremo Ser, e Ente primeiro
Reconheça o Sertão, sirva a Bahía;
E porque propagada a Fé se veja
No novo Imperio, que conquista á Igreja.

LXXIII.

Disse Diogo, e as Quinas tremolando,
Real, *Real* com voz clama expressiva,
Por D. João Monarca venerando,
Principe do Brazil, que fausto viva.
Responde a turba os vivas replicando,
Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
E ao rumor dos canhões, e das cornetas
Correspondem as bellicas Trombetas.

LXXIV.

Então sentado sobre o Solio ingente,
Que ja desoccupára a Dama bella,
Como Governador da Lusa gente
Thomé de Sousa cortejado della;
Toma posse legitima, e patente
Da Bahia, e Sertão, e sem querella
Do habitante, que os campos desoccupa,
Em nome dos seus Reis a terra occupa.

LXXV.

Depois ao povo, e illustre Magistrado
Por Lei do novo Imperio manifesta,
Que seja o Nome santo venerado;
Que cesse nos Sertões a guerra infesta;
Que o Homicidio se veja castigado,
Que Antropófago atroz, que a Lei detesta,
Que a Embaixada Evangelica, que envia,
Se ouça com paz; q' sehonre o q' a annuncía.

LXXVI.

Que o indigena seja alli empregado,
E que á sombra das Leis tranquillo esteja;
Que viva em liberdade conservado,
Sem que opprimido dos Colonos seja:
Que ás expensas do Rei seja educado
O Neofito, que abraça a Santa Igreja;
E que na santa empreza ao Missionario
Subministre subsidio o Regio Erario.

LXXVII.

Por fim publíca do Monarĉa reto,
Em favor de Diogo, e Catharina,
Hum Real honorifico Decreto,
Que ao seu mericimento honras destina:
E em recompensa do leal affecto,
Com que a coroa a Dama lhe confina,
Manda honrar na Colonia Lusitana
Diogo Alvares Correa de Viana.

(1) *De seus Avós.* Vê-se ainda hoje a Inscripção da sua sepultura, que intitula *Princeza do Brazil.*

(2) *A Camara.* Ainda hoje por assento feito em Camara se faz na Bahia o Anniversario a Catharina Alvares, com esta memoria.

(3) *O santo zelo.* Não referimos esta expressão aos sujeitos, de que se falla, que fora huma contradicção; mas vagamente a quem houvesse sido causa de decahirem aquellas Missões.

FIM.

Typ. de Serva e C.

LISTA

DOS

ILL. SENHORES SUBSCRIPTORES.

A

Excel. Arcebispo da Bahia 2
Tenente Coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão 2
Antonio Pedrozo de Albuquerque . . 1
Capitão-mór Antonio Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque 1
D. Anna Benedicta de Oliveira Junqueira e Andrade 1
Dr. Antonio Gomes Villaça . . . 1
Antonio de Sousa Vieira Filho . . 1
Antonio Gomes Amorim 1
Antéro José Calixto 1
Antonio Lopes de Miranda . . . 1
Antonio Barboza Gomes de Sá . . 1
Antonio Ferreira de Barros . . . 2
Antonio Gentil Ibirapitanga Pimentel . 1

Dr. Antonio José Sousa Lobo Junior . 1
Antonio Lourenço Alves Nobre . . 1
Antonio José Dias Guimarães. . . 1
Antonio Sallustiano Ferreira . . . 1
Antonio José Silva Araujo 1
Antonio Ferreira Santos Capirunga . 1
Antonio Alves da Silva 1
Antonio Ozorio Fonseca de Pina Leitão. 1
Antonio Ferreira ~~Bastos~~. . . . 1
Antonio José Pita Lima 1

B

Excel. Barão de Jagoaripe . . . 1
Excel. Barão de S. Francisco. . . 1
Excel. Barão de Maragogipe . . . 1
Excel. Barão do Rio de Contas . . 1
Bernardo José Jorge 1
Tenente Bernardino de Senna Guazina. 1
Bernardo José de Santa Rita. . . 1
B. G. de Aquino 1

C

Dezembargador Candido Ladisláo Japiassú 1
Claudoveo Pereira Rabello . . . 1
Cassiano Ferreira Mundim . . . 1
Tenente Cypriano Gomes Barrozo. . 1

Claudio Tiburcio Mereira . . . 2
Fr. Custodio de S. José 1
Carlos Manoel da Silva Campos . . 1

D

Domingos José de Oliveira e Souza . 1
David José Ferreira da Veiga . . 1
Domingos Cardozo Marques . . . 1
Alferes Domingos Mundim Pestana . . 1
Domingos Rodrigues da Silva . . . 1
Domingos Francisco Ribeiro da Silva . 1

E

Ten. Coronel Francisco Xavier de Barros Galvão 1
Egas Muniz Barreto Carneiro de Campos. 3
Dr. Evaristo Ladisláo e Silva . . . 1
Eduardo Teixeira de Freitas Barboza . 1
Tenente Estanisláo José de Moraes . . 1
Eustaquio José Pereira de Andrade . . 1

F

Exm. Francisco de Sousa Paraiso (Presidente da Provincia) 2
Dr. Francisco Antonio de Araujo . . . 1

Joaquim Francisco Nery 2
Joaõ Antonio d'Oliveira 1
Dezemb. J. Ancelmo 1
J. J. do Alencastre 1
J. J. dos Santos 1
Ten. Coronel Joaquim José Velloso . 1
Joaquim José Fernandes Pereira Braga . 1
Julio C. da Silva 1
José Maria Servelo Sampaio . . . 1
Joaquim Olavo da Silva Rebello . . 1
Dezemb. Joaquim Marcellino de Britto . 1
Joaquim Profirio Vieira 1
Ignacio Accioli de Cirqueira . . . 2
Cap. Ten. Jacintho Alves Branco Muniz Barreto 1
José Vicente de Sá Freire . . . 1
Exm. José Mariano d'Albuquerque Cavalcante (actual Presidente de Sergipe) . 2
José Estanisláo Vieira 1
José Innocencio Pires de Carvalho . 1
Dr. Joaq. Baptista Rodrigues Villas-Boas . 1
Padre Mestre Dr. Fr. José de Santa Escolastica 1
Dr. Jonathas Abott 1
Dezemb. Joaõ José d'Oliveira Junqueira . 1
João da Costa Junior 1
José Joaquim Firmino Junior . . . 1
José Joaquim Simões 1
José Ignacio Menezes Doria . . . 1
Coronel J. Ladisláo Figueiredo e Mello . 1

José Fernandes Oliveira Lima . . 1
José Virissimo Pereira de Azevedo . . 1
Joaquim Antonio Moitinho . . . 1
José Lourenço Ferreira 1
Dr. José Vieira de Faria Aragão Ataliba. 1
José Joaquim Soares 1
José Pedro de Sousa Alcamim . . 1
João Baptista Souza Bahiense . . 1
J. B. Faria 1
Dr. João Antunes de Azevedo Chaves . 1
José Jansem do Passo 1
José Sergio Ferreira. 1
José Felippe de Santa Anna . . . 1
Joaquim de Oliveira Santos, Filho . 1
Joaquim de Oliveira Santos, Pai . . 1
João Pinto Gonçalves 1
Ignacio Almeida Gouvêa 1
João Joaquim dos Santos . . . 1
João Leocadio Verne 1
Joaquim de Mattos Telles de Menezes . 1
João Capistrano Leite 1
João da Graça Gentil 1
João Nicoláo Gomes. 1
Ignacio de Loyola Paula. 1
Joaõ Cancio da Silva 1
José Casimiro Pereira da Costa . . 1
Joaõ Lopes Rodrigues 2
José Antonio de Sousa Passo. . . 1
Coronel Ignacio Aprigio da Fonseca Galvão 1

José Caetano da Fonseca . . .	1
Joaõ Pedro da Cunha Valle . . .	1
José Machado Guimarães. . . .	1
Idelfonso Martins Carneiro . . .	1
Joaquim Mendes dos Santos Guimarães .	1
José Joaquim Franco	1
Dr. I. T. Brito.	1
José Jeronimo Pereira Nobre . . .	1
J. M. Antonio Abreo Seixas . . .	1
José Rodrigues Mendes Guimarães. . .	1
José de Barros Reis	1
Jacintho Silvano Santa Roza. . .	1
Vigario Joaõ Pereira Ramos . . .	1
Dezembargador Joaõ Homem de Carvalho.	1
José Rodrigues Gil de Sá Menezes . .	2
Dr. José Alves da Silva. . . .	1
José Pedreira França	1
Joaõ de Sousa Gomes Pitanga . .	2
Joaõ Marcolino da França . . .	1
José Antonio Rodrigues Vianna . .	1
Joaõ Pedro de Aguiar	1
Fr. José de S. Matheus. . . .	1
José Joaquim Florence	1
José Joaquim do Sacramento . . .	1
José R. Moreira	1
Coronel Joaquim Bento Pires. . .	1
Joaõ Caetano Martins	1
José Agostinho de Salles . . .	1

ix

L

Exm. Tenente Coronel Luiz da França Pinto Garcez (Command. das Armas) . 3
Luiz Antonio dos Reis 1
Leopoldino da Silva Azevedo. . . 1
Luiz Antonio Pereira Franco. . . 1

M

Manoel José de Almeida. . . . 2
Manoel Alves Pereira Telles Sampaio . 1
Manoel Joaquim Gonçalves . . . 1
Manoel Exequiel d'Almeida . . . 1
Dr. Manoel Ladisláo Aranha Dantas . 1
Manool Gomes Tourinho . . . 1
Major Manoel Garcez Pinto de Madureira. 1
Ten. Coronel M. C. d'Almeida Saude . 1
Manoel d'Araujo Aragaõ 1
Manoel Rodrigues Oliveira . . . 1
Manoel Roxa Galvaõ 1
Manoel G. da Silva 1
Manoel Lopes Teixeira Junior . . 2
Manoel do Nascimento de Almeida . 1
Dr. Manoel José Cardozo Junior . . 2
Mamede e Irmão 1
Manoel Joaquim F. da Motta . . 1
Manoel Francisco Gomes Junior . . 1
Manoel José Alves 1

Manoel Braz Alves Mesooso . . . 1
Miguel Ferreira Tavares. . . . 1
Manoel José Estrella Junior 1
Manoel Francisco Lins 1
Manoel da Silva Paranhos . . . 1
Manoel José Monteiro Guimarães . . 1
Minorista Esmeraldo de Sousa Brandaõ. 1
Manoel Pinto Leite. 1
Mello Moraes 1
Manoel Martins Dias Santos. . . 1
Manoel David Rocha Pita. . . 1
Padre Manoel Francisco Pereira de Sousa. 1
Manoel Gomes Pereira 1
Manoel Innocencio da Costa.. . . 1

N

Ten. Nicoláo Carneiro da Rocha Menezes. 1

O

Olavo José Rodrigues Pimenta . . 1

P

Prospero de Freitas Guimarães . . 1
Pedro Deodato Pitanga 1
Pedro Carrascoza 1

Pedro Antonio Barboza 1
Capitão Ten. Pedro Ferreira d'Oliveira (actual Intendente da Marinha). . 2
Paulino de Campos Lima . . . 1
Pedro Borges Leitão. 1

R

Ricardo Calmon de Cirqueira. . . 1
Rodrigo Xavier de Figueiredo Arnizau. 1
D. Rodrigues da Silva 1
Rolland 1
D. Rita Cicilia Junqueira Villas-Boas . 1

S

Severianno Vieira do Couto . . . 1
Sergio Pereira da Silva. . . . 1
Major Sergio José Vellozo. . . . 1

T

Thomaz d'Aquino Gaspar . . . 1
Theodoro Joaquim Capocaia. . . 1
Tito Livio da Silva. 1

V

Exm. Visconde de Pirajá. . . . 10

Exm. Visconde da Torre. . . .	10
Vicente José Teixeira	1
Victorio do Nascimento Pinto . .	1
Vicente Ribeiro Moreira. . . .	1
Vicente Ignacio da Silva . . .	1

LISTA

DOS ILLM. SENHORES. SUBSCRIPTORES NA CORTE DO RIO DE JANEIRO.

Exm. Marquez de S. Joaõ da Palma . 2
Exm. Marquez de Inhambupe de cima. 2
Exm. Visconde de S. Amaro. . . 2
Exm. Antonio Paulino Limpo de Abreu. 1
Exm. Senador José Custodio Dias. . 1
,, Senador Francisco Carneiro de Campos 1
Conselh. José Bonifacio Ribeiro d'Andrada 1
,, Antonio Carlos Machado d'Andrada. 1
,, Martim Francisco Ribeiro d'Andrada 1
,, Bento da Silva Lisboa 1
,, Manoel Carneiro de Campos. . 1
,, Joaõ Carneiro de Campos . . 1
,, Manoel Alves Branco . . . 1
Dr. Francisco Gê Acaiba de Montezuma. 3
Joaõ Silveira do Pilar 1
Antonio José de Brito 1
Domingos José Teixeira. . . . 1
Dezemb. José Antonio de Cirqueira . 1
Dez. Bernardo Pereira de Vasconcellos . 1
Antonio Ribeiro Borges da Fonceca . 1
Luiz de Menezes Vasconcellos Drumond. 1
Antonio José da Silva Arcos . . . 1
Joaõ Silverio Monteiro Dias . . . 1
Vigario Manoel da Piedade Vallongo de Lacerda. 1
Joaõ Gonçalves Pereira 1

Joaquim José de Sousa Breves. . . .	3
Miguel Antonio da Silva.	1
Luiz Fernandes Monteiro. . . .	1
Victor Roberto.	1
José Moreira Azevedo	1
Luiz Henriques Ferreira de Aguiar. .	1
Conego Narciso Nepomoceno da Silva .	1
Luiz Peixoto dos Guimarães . . .	1
Eleuterio José de Sousa. . . .	1
João José Barbosa	1
Francisco Ferreira Ramos . . .	1
Antonio José Ribeiro	1
Alexandre Soares Pereira . . .	1
Dr. Francisco José Pereira Guimarães	1
Dr. José Maria Frederico de Sousa Pinto	1
Dr. Jozino do Nascimento Silva . .	1
Joaquim Alves Corrêa	1
Manoel Teixeira Passos	1
Antonio Moreira Coelho	1
Manoel Pacheco Ferreira . . .	1
Bernardo Teixeira Passos . . .	1
Antonio Teixeira Passos. . . .	1
Dr. Joaquim Franco Alves Branco Muniz Barreto	1
Caetano José Barbosa do Couto Bruno.	1
José Tiburcio Carneiro de Campos .	1
Frederico Carneiro de Campos . .	1

4/6

401/154